HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO DECIMO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO X.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1788.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatro centos réis em papel: Meza 24 de Novembro de 1788.

Com tres Rubricas.

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXXVII.

LIVRO XXXVIII.

LIVRO XXXIX.

CAP.

HIS-

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XXXVII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Das expedições do Grande Affonso de Albuquerque na India, sendo ainda Vice-Rei D. Francisco de Almeida.

Era vulg. 1508

NÓS deixamos morto na India ás mãos de Mirhocem, e de Meliqueáz, Generaes do Soldaõ, e de Cambaya, ao estimavel D. Lourenço de Almeida; e em quanto seu grande Pai, o Vice-

Era vulg. Rei, se prepára para lhe vingar a mórte, e reparar a québra das nossas armas, vamos nós a principiar a narração das façanhas do pai dellas, o famoso Affonso de Albuquerque, depois que delle se apartou Tristaõ da Cunha, que havendo tomado a Fortaleza de Çocotorá, veio a Cananor, donde dissemos navegára para o Reino. Na sua ausencia ficou o Albuquerque encarregado de cruzar os mares da Arabia, de incommodar as suas cóstas, de fazer prezas nos navios, que encontrasse. Mal se conformava com o espirito sublime deste Chéfe representar na Asia hum officio de Pyrata, de Escumador dos mares, e formou na sua idéa desig(n)ios de grande Capitaõ, de que á Patria, e á pessoa resultasse glória verdadeira.

Elle teve por empenho digno do seu valor, e do seu nome a conquista da Ilha de Ormuz, entranhada no Golfo Persico, que tomou este nome de Armusa, Cidade antiga de Carmania, hoje sem outra memoria álem do nome. Goza Ormuz o titulo de Reino, naõ

naõ obstante a sua pequena extensaõ de huma legua de comprido, hum quarto de largo, e quatro de circuito. Esta Ilha he huma mina de sal, e enxofre; nada produz, nem cria; o seu calor he tanto, que a gente passa a noite mettida em banhos; mas sem embargo da sua pequenhez, e esterelidade, toda a Asia a estima pela chave do Estreito do Mar Persico, por ficar a Cidade em huma ponta da Ilha, aonde vem a fazer dous portos com figura de bahias, bons, e muito seguros, donde provém que esta terra seja a escala do Commercio Oriental, e Occidental, da Persia, Armenia, e Tartaria, que tem ao Norte. Os Arabes, e Persas foraõ os primeiros moradores de Ormuz, que sobindo pelo negocio a huma riqueza enorme, veio a ter Reis particulares, que mettiaõ nos seus cofres sommas immensas. O primeiro foi Melequaez, Senhor da Ilha de Caês, que teve por successor a Groduxá, Dominante do Magostán. Este fez assento em Ormuz, aonde continuáraõ a residir os que se lhe seguiraõ até Ceifadim,

Era vulg.

Era vulg. dim, que reinava no tempo de Affonſo de Albuquerque. Eſtes Soberanos de Dominio taõ curto, empregando as ſuas grandes rendas nas vantagens do Eſtado, os avançáraõ com as acquiſições de muitas Ilhas, e Cidades na Carmania, e Arabia.

Bem inſtruido o Albuquerque na importancia de Ormuz, a 20 de Agoſto do anno paſſado de 1507 ſahio de Çocotorá para o Cabo de Roſalgate, que da parte da Arabia deſcobre aquelle Reino. O aparato para eſta expediçaõ conſtava de ſeis náos, em que levava 470 ſoldados, e os Capitães Franciſco de Tavora, Manoel Teles, Affonſo Lopes da Cóſta, Antonio do Campo, Joaõ da Nova, e Nuno Vaz de Caſtello Branco. Deo a Eſquadra fundo defronte de Calaiate, huma das principaes Cidades do Rei de Ormuz na embocadura do Golfo. Os habitantes acceitáraõ as noſſas propoſtas de paz, e gratuitamente nos fornecêraõ de mantimentos fechados em toneis. Foi-ſe avançando a navegaçaõ para Curiate, outro porto do meſmo Rei, e no cami-

mi-

minho quiz o Albuquerque deſtribuir pelos ſeus ſoldados as munições de bocca, de que os de Calaiate lhe haviaõ feito preſente. Abríraõ-ſe os tonéis, e achåraõ-ſe immundicies taõ aſcaroſas, que o ſeu máo cheiro era capaz de empeſtar a gente.

Era vulg.

Quizéra logo vingar-ſe o Chéfe injuriado; mas diſſimulando o reſentimento para melhor occaſiaõ, continuou a derrota para Curiate. Hum Indio ſoberbo, que governava a Praça, naõ quiz attender ás noſſas propoſtas, com grande ſatisfaçaõ do Albuquerque, que antes queria huma reſiſtencia aberta, que a imagem eſpecioſa da paz ſimulada. Elle ſaltou em terra, ſem lhe impedir o deſembarque a oppoſiçaõ do Indio na téſta de tres mil homens, que foraõ levados ás cutiladas com mórte de muitos a hum palmar, donde ſe pozéraõ em fugida. Na Praça naõ ſe achåraõ mais que mantimentos em tanta cópia, que carregámos as náos, e depois de a abrazarmos com cinco navios de Meca, que eſtavaõ no porto, navegamos déz legoas adiante á Cidade

Era vulg. de de Mascate, Praça muito mais forte, e consideravel do Rei de Ormuz, situada entre duas serras, que no seu centro formaõ huma bahia, que faz a entrada mais difficultosa, e estreita. As fortificaçoẽs, que de novo se fizeraõ, a vinda de hum Official de Ormuz com mil homens de soccorro, nada foi bastante para o Albuquerque mudar a resoluçaõ, que havia formado de invadir Mascate.

Para a execuçaõ do seu intento lhe deo causa o Official de Ormuz, que conseguio do Xeque faltar á palavra de nos fornecer de mantimentos, e ás náos Portuguezas, que por alli passassem. A primeira demonstraçaõ do nosso resentimento foi o bombardeio de huma noite inteira sobre a Cidade, que ficou quasi por terra. Seguio-se na manhã o desembarque em tres corpos, cobrindo o primeiro Francisco de Tavora com Affonso Lopes da Costa, o segundo Joaõ da Nova com Antonio de Campos, o terceiro Affonso de Albuquerque com Manoel Teles. A nossa primeira investida derramou o terror

ror

nos entre os inimigos, observando que o diluvio do seu fogo, o chuveiro das suas armas de arremeço, a opposiçaõ de quatro mil homens nada nos detinha o passo, até chegarmos, e arrombar as portas de Mascate. Coberto o campo de mórtos, os soldados o abandonaõ, os moradores desampáraõ a Cidade, os Portuguezes em vingança de oito homens, que perdêraõ, a despojaõ, e a queimaõ.

Era vulg.

Affonso de Albuquerque, que tinha forças para sustentar o pezo de muitas victorias, e que a guerra de Ormuz mais era empenho do seu valor, que do seu poder; sem perda de tempo pôz as prôas ao porto de Soar, que estava defendido por huma boa Fortaleza quasi na embocadura do Ganges. O seu Governador naõ quiz expôr-se aos riscos de a defender; entregou-a em boa paz, jurando-se vassallo, e tributario del Rei D. Manoel. Ao mesmo destino se sujeitou a Villa de Orfaçaõ, que he a ultima da côsta da Arabia para a parte septentrional, pertencente ao Reino de Ormuz. O General, depois

de

Era vulg. de aproveitar as riquezas de Orfaçaõ, e de a vêr consumir por hum incendio; naõ tendo por aquelle lado, aonde empregar as armas, retrocedeo a viagem para ir fazer huma visita na mesma Corte de Ormuz ao seu Rei Ceifadim, que estava na sua menoridade, e governava por elle hum bravo Mouro de Bengala, chamado Cojeatar.

Este Regente valeroso, e prevenido, informado dos estragos, que o Albuquerque fazia nas terras do seu Pupillo, por se acaso a sua temeridade fosse tanta, que tivesse as mesmas idéas sobre Ormuz; elle preparou as muitas embarcações do porto, e alistou huma Armada de sessenta navios de Estrangeiros, em que entrava a célebre náo Meri do Rei de Cambaya, que era de 800 toneladas, estava guarnecida de Mamelucos, e jogava muita artelharia. O número da gente em mar, e terra correspondia á quantidade dos navios, e á importancia da defensa de huma Capital como Ormuz. Chegou a ella o Albuquerque, deo fundo no

seu

seu porto, e com parecer do Conselho de Guerra, mandou offerecer paz a Ceifadim, se á imitaçaõ de outros Reis da Asia, quizesse ficar tributario do de Portugal. Trouxe a resposta deste recado o Mouro Cojebeirame em huma carta assignada pelo Rei, e pelo Regente, acompanhada de hum regallo, que o General naõ quiz aceitar, em quanto naõ via o exito da negociaçaõ.

Era vulg.

Como o projecto de Cojeatar era differilla até lhe chegarem humas náos, que esperava com gente da terra firme; tanto que estas entráraõ no porto, as promessas simuladas se mudáraõ em huma declaraçaõ formal de guerra: mandando o Regente deitar hum bando para ninguem matar Portuguez algum, que o Rei queria para escravos: pondo na mesma noite a Armada em ordem, os navios grossos encostados á terra, os ligeiros mais feitos ao mar para nos metter entre dous fógos; e com déz mil homens de presidio nelles, e na Praça, já lhe parecia estar tomando contas ao Albuquerque

Da vulg. que dos attrevimentos, que acabára de ter nas terras do seu Monarca. O Albuquerque o percebeo assim nas respostas cheias de fereza, com que Conjeatar de hum dia para outro mudára de estylo, ao mesmo tempo que lhe offerecia á face movimentos audaciosos, que o desafiavaõ para huma batalha.

Era muito prudente o nosso Chefe para deixar de advertir o perigo, em que estava, ou de faltar aos deveres da honra retirando-se, ou de se empenhar com tanta desigualdade de forças em hum combate de opiniaõ. Mas como as almas grandes em repente algum perdem o acordo; o Albuquerque sublimando o espirito, começa a implorar os soccórros do Ceo; lembra-se, que os Portuguezes na guerra com os Barbaros nunca mediraõ proporções; traz á memoria, que elle mesmo, muitas vezes inferior em número de gente, acabava de bater inimigos poderosos, de lhes queimar os seus navios, de lhes assollar as suas Cidades; e dando a todas estas idéas de heroicidade as imagens mais vivas, elle

le

ter a representa na face dos seus soldados. Naõ houve algum de valor, que dominado de huma intrepidez, que se naõ concebe, deixasse de lhe mostrar a impaciencia, com que soffria a demóra da batalha. Avança-se a ella o General na vã-guarda para ir insultar os navios, que estavaõ dentro do porto de Ormuz, e ordena que a reta-guarda faça frente, aos que vinhaõ pelo bórdo do mar para lhes impedir, que cruzassem os fogos. Estas ordens foraõ acompanhadas de huma advertencia aos Capitães para naõ se chegarem muito aos inimigos, em quanto elles naõ déssem as primeiras cargas da sua artelharia.

Era vulg.

O succésso mostrou o acerto desta providencia. Os inimigos atacáraõ a nossa reta-guarda com hum fogo taõ vivo, que fez tremer o mar, e enrolar o Ceo em huma nuvem de fumo. Quando se descobríraõ os objectos, o nosso mais bem apontado fez perceber os effeitos nos gritos, e imprecaçoes dos feridos, e agonizantes, que augmentavaõ o horror do espectaculo. Ao mesmo tempo o General fazia hum

gran-

Erá vulg. grande destroço nas náos, especialmente nas de Cambaya, aonde a mortandade era tanta, que os vivos se lançavaõ ao mar, fugindo de hum inimigo inexoravel para outro cruel. Entaõ saltáraõ os nossos nos batéis para alançearem estes infelices, que Cojeatar quiz soccorrer nas terradas de Ormuz, que sendo muito ligeiras, entravaõ, e sahiaõ por entre as nossas náos com muita celeridade; mas mettido a pique hum grande número, as ondas cobertas de cadaveres, nelles tropeçavaõ os vivos, que nadavaõ, em quanto as lanças dos batéis naõ os punhaõ na mesma igualdade da sórte.

Na náo Meri tinha a do Albuquerque feito hum grande destroço, que sendo percebido pelos nossos Fidalgos ambiciosos de honra; elles tomáraõ á sua conta abordalla, e rendella com mórte da maior parte dos seus defensóres. O General lhes mandou logo ordem, para que abocassem a sua artelharia para a Cidade, e a varejassem sem descanço, para que o seu Rei, que das varandas do Paço via o comba-

bate, notasse que este do mar havia Era vulg. ir dar fim na terra. Já os nossos encontravaõ inimigos sem resistencia; muitas náos mettidas a pique; outras queimadas; muitas prisioneiras; o resto em fugida; dous mil homens mórtos, e dos Portuguezes apenas dez. O General foi perseguindo aos que se retiravaõ para Ormuz, aonde mandou cortar as amarras a 30 náos surtas, que foraõ varar na Cósta da Persia, e passando pelo varadouro, e estaleiros, fez pôr fogo a 140, que se estavaõ construindo, e alimpando: segundo horror sobre o primeiro, que des do Rei até ao ultimo dos vassallos introduzio aquella qualidade de medo, que desterra a presença do espirito para a razaõ naõ obrar livre.

Ainda que os inimigos desampará-raõ os muros da Cidade, e foraõ entrincheirar-se no Paço para defenderem, ou morrerem com o seu Rei; o Albuquerque por naõ abusar de tamanha victoria; vendo os Portuguezes poucos, fatigados com oito horas de combate, a noite chegando; mandou tocar a reti-

Era vulg. tirada para enterrar os nossos mórtos, e se applicar á cura de cincoenta feridos. Com a luz da manhã se apresentáraõ a bórdo da Capitania o Mouro Cojebeiraõ, que depois veio a Portugal, e com elle outro chamado Abdala, que em resulta do Conselho, que o Rei Ceifadim, e o Regente fizéraõ aquella noite, nos offerecêraõ da sua parte ajuste de paz, com as condições do Rei ficar vassallo do de Portugal; pagando-lhe de tributo 15000 xerafins de ouro; dando lugar para fazermos logo huma Fortaleza na Ilha; e pedindo seguro para mandar pelos seus vassallos apagar o incendio, que ardia nas náos, e nos arrabaldes da Cidade.

Os dous Ministros ajuntáraõ a estes officios taõ cheios de submissaõ as desculpas do passado com a menoridade do Principe, que menos prático nas máximas do Governo, admittíra as idéas de alguns suggestores: que quanto elles acabavaõ de expôr, era respectivo aos interesses do Rei de Portugal; e que elle como Chéfe Supremo devia

ad-

admittir as considerações, de que ao Rei de Ormuz, depois de se fazer seu tributario, era preciso conservar os navios para manter o Commercio com as Nações, naõ succedesse ficar deserta a sua Corte. Artigos taõ vantajosos, ainda no estado de vencedor, naõ podiaõ deixar de ser bem recebidos por Affonso de Albuquerque, que despedio a Cogebeiraõ com a resposta, e reteve a Abdala até a conclusaõ do ajuste, que El-Rei mandou firmar por hum dos seus Generaes chamado Raxnoradin, e da sua maõ o recebeo gravado em laminas de ouro. Depois da publicaçaõ solemne desta paz, o Rei mandou pedir ao Albuquerque hum Estandarte com as Armas Reaes de Portugal, que sahio das náos acompanhado do estrondo da artelharia, do som das trombetas, e com a mesma ceremonia foi arvorado no mais alto do Palacio de Ormuz, como devisa, naõ só da complacencia inexplicavel do Rei; mas como hum monumento perpetuo da paz, e felicidade dos seus Póvos.

Era vulg.

Impaciente desejava Ceifadim avistar-

tar-

Era vulg. tar-se com o Albuquerque, e pedio lhe fizesse este gósto. Elle respondeo, que só esperava as suas ordens para saltar em terra. Hum concurso numeroso se alvoroçou para vêr este milagre do valor, que recebido pela guarda do Rei, foi levado a Paço, aonde competiaõ o prazer, e a pompa. Ceifadim o esperava no meio de huma Corte soberba, que á imitaçaõ do Soberano o tratou com todas as demonstrações de estimaçaõ. Acabada a Audiencia, com o mesmo magnifico aparelho foi elle conduzido ás náos, e seguido do presente Real, que se compunha de diamantes de grande preço; de hum cinto bordado de ouro com pedraria preciosa; hum punhal, que tinha da mesma fabrica huma bainha de valor, outras muitas peças, e hum cavallo Arabo com jaezes ao modo da India. O Albuquerque correspondeo com alguns trastes de ouro, e prata fabricados no Reino, que tivéraõ a estimaçaõ, que se costuma dar, senaõ ao preço, á raridade.

Parte dos Portuguezes saltou em ter-

terra sem a menor suspeita de alguma fraude, para se servirem das casas, que o Rei lhes destinára. Algumas das náos sem susto se encostáraõ á praia. Immediatamente se deo principio á obra da Fortaleza em lugar visinho ao mar para cómmodamente receber os soccorros. O conhecimento, que o Albuquerque tinha das intrigas dos Mouros, lhe inspirou ordenar, para segurança do trabalho, que em huma lingua de terra junto a elle se levantasse huma plataforma guarnecida de artelharia para repellir as tentativas daquelles Barbaros. Fornecia o Rei com diligencia os materiaes necessarios para a obra, e os Portuguezes, desde o General até ao ultimo soldado, principiáraõ a trabalhar nella com o ardor de quem queria em pouco tempo deitar hum freio ao arrependimento, que já se deixava sentir na gente de Ormuz. Se durasse mais esta boa intelligencia entre os nossos, com brevidade chegaría a Fortaleza á sua perfeiçaõ; mas a cobiça com effusaõ de razões especiosas derramou sobre os Portuguezes a compe-

Era vulg.

Era vulg. tencia originada de huma glória falsa, que lhes divertio a occupaçaõ dos espiritos.

Suspendêraõ-se os descontentes hum pouco com a chegada dos Embaixadores, que Ismael, Sophi da Persia mandou a Ormuz. Este Principe poderosissimo havia declarado a guerra aos Principes visinhos, vencido a todos, rendendo-os seus tributarios, e agora por via de negociaçaõ sem mais armas, que o respeito das victorias passadas, pretendia que o Rei de Ormuz se deixasse involver no mesmo destino dos outros Soberanos seus feudatarios. O verdadeiro fim da pretençaõ de Ismael era divertir a Ceifadim da alliança de Portugal, e a conjunctura de abatido elle a teve pela mais propria para fazer valer os seus interesses. Sobprendeo-se o Rei de Ormuz entre o temor de seu visinho o Sophi da Persia, e o de violar a fé jurada ao Rei de Portugal. Elle quizéra communicar o seu aperto ao Albuquerque; mas advertio que era justo ouvir antes os votos do Conselho. Cojeatar, e a maior parte dos

Ministros se inclináraõ a Ismael com razões, que pareciaõ irresponsaveis. O Rei, depois de os ouvir, tomou o partido de abraçar os seus proprios sentimentos, de naõ faltar á palavra, de se abrir com o Albuquerque, e de fazer, que este negocio naõ era com elle; mas com os Generaes do Rei de Portugal.

Era valg

Affonso de Albuquerque taõ sabio nos Gabinetes, como intrépido nos combates, para resgatar ao Rei de Ormuz da dependencia do Sophi, e para dar vigor á protecçaõ do seu Soberano; elle vio bem, que era hum expediente digno da corage impavida dos Portuguezes, e que só pelo meio da fereza se podia levar ao fim. Chamando ao seu interior a presença da heroicidade até aos seus ultimos termos, elle manda hum dos Capitães, que vá dizer aos Embaixadores da Persia: Como o Rei, e Reino de Ormuz descançaõ á sombra da protecçaõ do grande Rei de Portugal, que reconhecem por Senhor, e lhe pagaõ tributo: que elles naõ pódem servir a dous Domi-

Era vulg. nantes, e satisfazer dous feudos, sem desprezarem a hum para estimarem o outro: que D. Manoel he Soberano de vassallos incapazes de soffrer, que haja quem lhe faça desprezos sobre a face da terra; e que o tributo, que seu Amo pretendia do Rei de Ormuz, elle lho mandava na arca, que lhes remettia.

Abrio-se a arca, e o seu recheio eraõ ballas de artelharia, e de mosquete, ferros de lanças, e de flechas. O nosso Emissario, apontando com o dedo estas preciosidades, continuou: O meu Chéfe me ordena vos instrua na resposta, que haveis dar ao vosso Soberano, concebida nos precisos termos. De que este he o tributo, que aos seus feudatarios manda pagar a outros Principes estranhos o Augusto Rei de Portugal, e dos Algarves, da Africa, da India, e de Ormuz, quando os recebe, e lhes offerece o seu amparo. Ouviraõ os Embaixadores esta resposta, e tomáraõ a offerta de semelhante tributo por huma fracçaõ do Direito das Gentes; elles protestáraõ pela injúria, que a nossa

con-

confiança fazia a hum Monarca taõ adoravel, como era Ismael Sophi; elles deixáraõ correr livre a cólera para derramar ameaças de vinganças inexoraveis; mas tivéraõ de se recolher para a Persia com as mãos vasias, mallogrados os intentos, sem abandonarem o pezar, e as queixas, em quanto dellas naõ fizessem narraçaõ aos pés de seu Amo.

Era vulg.

CAPITULO II.

Trata-se da discordia dos Capitães da Armada com Affonso de Albuquerque, e da segunda guerra, que elle fez ao Reino de Ormuz.

NAÕ impedio a negociaçaõ, que acabo de referir, com os Embaixadores da Persia os progressos da obra da Fortaleza, que já se via no estado de poder defender-se; como ella se dilatava, e a cobiça lembrava aos Officiaes as prezas, que deixavaõ de fazer no corso do Cabo de Guardafú, que os en-

Era vulg. enriquecia; elles principiáraõ a sentir-se, e levar a mal, que as suas mãos honradas se occupassem mais tempo em operaçaõ taõ servil. Conjurados para o fim dos seus intentos, depois de hum longo discurso para deprimirem o cambio, que o Chéfe fazia da construcçaõ de Praças sem lucro pela do corso interessante dos mares: em nome do Rei lhe disséraõ, que a Fortaleza já podia ter Governador, e guarniçaõ, que a defendessem; e que elle dévia retirar-se do porto para virem os navios de Commercio, que o seu temor affugentava. Este requerimento por escrito lhe mandáraõ elles pelo Escrivaõ das náos; protestando, que era contra o serviço do Rei empregar-se tanto na conquista de Ormuz, sem ordem sua. O Albuquerque naõ querendo vello, o metteo debaixo de huma pedra na porta, que des de entaõ ficou chamada dos Requerimentos.

Como os descontentes reforçáraõ a representaçaõ com o nome do Rei de Ormuz, e o Albuquerque a attendêra taõ pouco; offendidos desta con-

tu-

tumelia, procuráraõ ao Regente Cogeatar, e lhe fizéraõ saber: Que o Albuquerque, quando sahira de Lisboa, naõ recebêra ordem alguma del Rei D. Manoel para celebrar Tratados com Ceifadim, nem para lhe declarar a guerra, se elle os recusasse: Que este General era hum ambicioso temerario, que com o pretexto da glória da Patria, e do Monarca, se valia da sua authoridade para andar pelo mundo inquietando os Reis, que estavaõ em tanta distancia dos Dominios de Portugal, e delles só se queria o Commercio, naõ a vassallagem: Que os mesmos Reis á pessoa do Albuquerque, e naõ ás dos mais Portuguezes, he que haviaõ olhar como inimiga do Soberano Poder, perturbador do seu socego, injúria, e escandalo das Magestades. Deste modo se fez geral a desobediencia, atropelada a disciplina, a ordem, a dependencia militar: Officiaes, soldados, e marinheiros nada mais respiravaõ, que hum espirito de revolta, que preparava para os inimigos as vantagens.

Era vulg.

Re-

Era vulg.

Reviveo a alma de Cogeatar, que sendo taõ déstra, naõ deixaría de pegar em occasiaõ taõ favoravel para maquinar sem susto a ruina do Albuquerque. Elle o buscou denodado, e lhe disse afouto, que tratasse de se retirar com a Armada de Ormuz, porque o medo dos Mercadores romperá o fio do Commercio com grande detrimento das Rendas Reaes, que naõ chegariaõ para se pagar o tributo a El-Rei D. Manoel: que a sua ausencia naõ diminuiría a fidelidade de Ceifadim, que promettia fornecer á Fortaleza quanto lhe fosse preciso; mas que apartasse de Ormuz o objecto do terror daquella parte de Asia, assim para socegar as Nações, como para escusar ao seu Rei o perigo de ser atacado por sua causa pelo formidavel Sophi da Persia. O Albuquerque, secco, e austéro, lhe respondeo, que elle naõ era homem capaz de desistir de hum empenho depois de começado.

Como naõ aproveitou esta industria, Cogeatar escrupulisou pouco em declarar a perfidia, com que sobornou

cin-

cinco marinheiros da Armada, que tinhaõ o officio de fundidores de artelharia; e os fez desertar. A perda de homens semelhantes, que era taõ sensivel ao Albuquerque pelas consequencias, ella o obrigou a esforçar-se com o Rei de Ormuz para o constranger a restituillos. Passáraõ-se dias; e porque a restituiçaõ se naõ fazia; naõ ignorando o Albuquerque, que elles estavaõ occupados no exercicio da sua arte, reiterou mais vivas as instancias, a que se deo em resposta: Que os marinheiros tinhaõ fugido para a terra firme, e já sobre elles naõ podiaõ ser executadas as ordens de Ceifadim. Do intervallo, que se gastava na ida e vinda destes recados, se aproveitava Cogeatar para reforçar de noite a guarniçaõ da Praça, e fazer os mais aprestos, que lhe podiaõ servir para se aproveitar da nossa desuniaõ: manobras, de que Affonso de Albuquerque foi logo avisado pelo Mouro Abrahem, nosso confidente. Este caso novo, como necessitava de novo conselho, obrigou o General a convocar á sua, não todos

Em vulgo

os

Era vulg. os Officiaes, que estavaõ na Fortaleza, e na Armada.

Quando os teve juntos, em discurso breve lhes disse: O Rei de Ormuz se prepara para nos declarar a guerra, confiado mais na nossa discordia, que nas suas forças: Vós sois Portuguezes, os mesmos, que atégora cedestes dos vossos interesses particulares para attenderdes aos do commum da Naçaõ; lembrai-vos do juramento de fidelidade, que déstes ao nosso Rei, e esquecei o desprazer, que vos tem causado a assistencia em Ormuz, e o trabalho desta Fortaleza. Ouvido este discurso, os Capitães mais descontentes do Albuquerque, foraõ os primeiros, que se lhe uniraõ, e fizeraõ reviver a confiança, que antes tinhaõ nelle. Coifadim, e Cogeatar inferiraõ deste conselho, que os seus estratagemas estavaõ descobertos; mas entendendo que elle naõ teria sido bastante para congraçar a displicencia declarada entre os primeiros Chéfes, com a esperança de lhes ser vantajosa a nossa desuniaõ imaginada, elles se resolvem a fazer-nos a guerra descoberta.

Sen-

Sendo o designio do Rei obrigar o Albuquerque a fazer-se ao largo, mandou que os canhões da Cidade, e os dos navios ao mesmo tempo descarregassem sobre a Armada hum fogo continuo. Elle causou no animo intrepido do Albuquerque taõ pouco temor, que entaõ se chegou mais para o porto, aonde Cogeatar mandára recolher os navios, que com huma innundaçaõ de fógos artificiaes foraõ feitos em cinza. Depois assestou a artelharia contra a Cidade, e a bateo doze dias continuos; mas tendo este modo de guerra por muito lento, quiz castigar a audacia, e perjurio dos contrarios com golpe mais sensivel, qual he a fome. Como Ormuz recebia de fóra todos os provimentos, ordenou aos Capitães de quatro náos, que com a maior vigilancia guardassem o mar, lhe fechassem as portas, aprezassem todas as embarcações, e as trouxessem á sua presença, para que Ormuz bloqueada perecesse. Esta foi a occasiaõ, em que o Grande Albuquerque esqueceo a humanidade, e deitou huma nodoa feia

Era vulg.

na

Era vulg. na galla especiosa das suas façanhas passadas, e futuras.

A todos os prisioneiros, que entaõ se fizéraõ, mandou elle cortar huma das mãos, as orelhas, o nariz, e a metade de hum pé. Nesta triste figura os fazia pôr em terra para dizerem a Ceifadim, e a Cogeatar, que aquelle tratamento esperava a todos os que levassem mantimentos a Ormuz, e aos moradores da mesma Cidade, que cahissem nas suas mãos. Hum espectaculo cheio de tanto horror, huma fome já intoleravel, de tal sórte consternou os animos, que em nada mais pensavaõ, que em escogitar os meios de naõ ser participantes de sórte taõ fatal. Grande número de consternados em tumulto rodeiaõ ao seu Rei, e lhe clamaõ faça a paz com os Portuguezes, e que se deixar de o executar assim, naõ se sinta depois, se elles se lançarem a qualquer expediente, que os possa salvar de hum perigo espantoso. O Rei, ouvindo estas vozes sem deixar vêr a pessoa, mandou dizer ao Povo que socegasse; porque as cisternas da Cidade,

de, e os poços de Turumbat estavaõ providos de agua, os armazens cheios de mantimentos; que elle lhe assegurava huma subsistencia effectiva, até a chegada da Fróta, que esperava.

Era vulg.

Esta promessa acalmou tanto o tumulto, que o Albuquerque se considerou embaraçado com o socego, que por alguns dias via em Ormuz. Tirou-o deste susto hum prisioneiro, que lhe referio o estratagema de Cojeatar, quando os armazens, cisternas, e poços estavaõ quasi vasios, e que para guardar as poucas aguas de Turumbat se havia mandado para este sitio hum reforço consideravel de trópas. Descobertos estes segredos dos inimigos, o Albuquerque destacou a Jorge Barreto, e a Affonso Lopes da Costa para Turumbat com o designio de subprender a guarda, que acháraõ dormindo com o seu Capitaõ Cidehamer, e a passáraõ á espada com o mesmo Capitaõ, que foi morto por D. Antonio de Noronha. Serviraõ os cadaveres para tupir os poços, que era empenho bastante naquella conjuntura; mas o General, des-

Era vulg. desafiando as difficuldades, os mandou guarnecer por Lourenço da Silva, bravo, e destemido Fidalgo Hespanhol, com vinte soldados, para que os inimigos naõ os alimpassem.

Deo causa este empenho a hum choque terrivel entre todas as forças de Ormuz com o Rei na sua tésta, e Affonso de Albuquerque na frente de 150 Portuguezes. Foi este o maior dos perigos, em que se vio o nosso General por todo o discurso da sua vida, guardado nos seios da Providencia para ainda lhe dar formosos dias. Nós nos vimos obrigados a abandonar o posto com quasi todos os homens feridos; e mórtos unicamente Christovaõ de Figueiredo, pagem do Albuquerque. Este grande Capitaõ foi atacado pelo seu favorecido Raix de la Mixa; mas a balla disparada dos batéis lhe levou huma perna, e cessou de perseguir ao seu bemfeitor. Nenhum dos nossos escaparia desta refrega, se o lugar della naõ fosse perto da praia, que nos facilitou a retirada, e o embarque. Huma vantagem taõ conhecida em nada aliviou

a

Era vulg.

a consternaçaõ da faminta, e miseravel Ormuz, que já corria á sediçaõ, nem esfriou o ardor do nosso Chéfe para lhe augmentar o aperto com toda a vigilancia, e industria.

Quando as cousas se achavaõ neste estado, alguns dos nossos Capitães se arrojáraõ a huma torpeza digna de nota eterna. Elles, ainda que famosos na qualidade, e nas obras, transportados do odio, que haviaõ concebido contra o seu Commandante, quando a guerra tinha chegado ao ponto de se concluir com glória; esquecidos da fé, e da nobreza, desampáraõ ao Grande Albuquerque, daõ vélas ao vento, e se fazem na volta da India. Foraõ estes desertores Manoel Teles Barreto, Affonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, e no seu número entrariaõ Francisco de Tavora, e Joaõ da Nova, se o Chéfe a tempo naõ os prendêra, e provesse em outros os seus cargos, ainda que pouco depois os restituio a elles. O Albuquerque com as forças taõ diminuidas teve de se apartar da vista de Ormuz, colérico, e indi-

di-

Era vulg. dignado, por lhe arrancar das mãos huma victoria taõ brilhante, naõ o valor dos inimigos, mas a indignidade, a fraqueza, a perfidia dos seus subalternos. Elle levantou o bloqueio, e foi-se forçar a Ilha de Queixome pertencente ao Rei Ceifadim: invasaõ repentina, naõ esperada dos Insulanos, que a maior parte perecêraõ, as povoações foraõ abrazadas, sem reservarmos dellas mais despojos, que os mantimentos, de que havia necessidade.

Depois desta expediçaõ, o General teve aviso da nossa Fortaleza de Çocotorá, que estava no ultimo aperto da fome, em termos de se entregar aos Fartagues, que a sitiavaõ. Elle se apressou a soccorrella; e os Barbaros, que ainda o suppunhaõ entretido em Ormuz, atemorisados da sua vinda levantáraõ o sitio, pedindo a paz. Nós estavamos em figura de naõ a recusar, especialmente depois que o Chéfe concebeo a idéa de ir insultar outro Povo rico de Queixome para fornecer a Fortaleza de mantimentos. Defendiaõ este Povo 500 homens ás ordens de dous

so-

sobrinhos do Rei de Lareec, que na peleija vigorosa, que sustentáraõ, morrêraõ ambos com a maior parte da sua gente. Á ruina se seguio a paz, obrigando-se este lugar de Homeal a contribuir com grande cópia de viveres, que foraõ conduzidos a Çocotorá. Como a sua Fortaleza ficava segura, o General enviou Francisco de Tavora a Melinde com o mesmo fim de fazer provimentos, e alli teve o gosto de se lhe ajuntarem as náos de Diogo de Mello, e de Martim Coelho, que haviaõ invernado em Moçambique, e traziaõ ordem pará irem cruzar no Cabo de Guardafú em conserva com o Albuquerque.

Era vulg.

Como o Rei de Melinde naõ pode enviar ao Preste Joaõ da Ethiopia os tres Emissarios, que lhe encarregára Tristaõ da Cunha, e levavaõ Cartas del Rei D. Manoel áquelle Principe; Francisco de Tavora os tomou a bordo para os conduzir a Affonso de Albuquerque. Na viagem para Çocotorá aprezáraõ os tres Capitães huma náo de Mouros; o Albuquerque fez o mes-

Dis vulg. mo a outra, em que prendeo hum Abexim muito prático nos Dominios do Preste Joaõ, e instruido por elle, enviou os tres Emissarios, que chegáraõ ao Reino da Abassia, entaõ bem governado por Helena, Mãi do Principe David, que estava na sua menoridade. O Abexim veio a Portugal, aonde se fez Christaõ; os Emissarios entregáraõ as Cartas a Helena, e esta Rainha em nome de seu filho mandou por Embaixador a Lisboa hum Armenio chamado Mattheus, para significar a D. Manoel a sua extrema complacencia com as noticias de taõ grande Rei.

Affonso de Albuquerque, que passára o Inverno em Çocotorá, com a chegada dos Capitães Francisco de Tavora, Diogo de Mello, e Martim Coelho reforçada a sua Fróta, determinou naõ ter ociosas as armas. Sempre viva na sua lembrança a injúria, que se lhe fizéra em Calaiate, quando lhe déraõ tonéis de immundicies em lugar de mantimentos, elle se fez á véla para esta Praça. Os moradores, entendendo ser nova Esquadra, que chegava de Por-

tugal, mandáraõ dous Emissarios a informar o Commandante do que se tinha passado em Ormuz, e sondar o fundo das suas intenções. Elles entráraõ affoutos na Capitania; mas encontrando-se com o Albuquerque, perdêraõ a côr, interrompeo-se-lhes a falla, elles pasmáraõ. Depois que sahíraõ do extasi causado pelo temor, se lhe lançáraõ aos pés, e disséraõ, que havendo entrado na náo como amigos, e que como taes estavaõ promptos a servillo, se lhes désse liberdade, implorando a sua clemencia. O General lha prometteo, se lhe dicessem com verdade o estado de Calaiate, e se o Governador era o mesmo perfido, que da outra vez lhe fizéra nos mantimentos hum engano, e huma injúria enorme.

Os Deputados informáraõ ao General de tudo com sinceridade, e de que o Governador era o mesmo. Sem mais demóra elle os despede; faz levar as náos para o interior do porto, e embarca a gente nos bateis para investir a Praça. Justamente entendeo o Albuquerque, que só o estrondo da

Era vulg.

C ii sua

Era vulg. sua chegada acompanhado da lembrança do terror, que derramára por toda aquella cósta o anno passado, lhe abriría o caminho para andar sem tropeço. Enganou-o a idéa, por ser esta huma das conjunturas, em que o mesmo temor sabe desterrar a cobardia. O Governador se considerava réo de hum crime inexpiavel por meios brandos; e firme no conceito, de que havia manter constante a obstinação, se resolveo a mostrar a contumacia na resistencia. Elle desceo á praia rodeado de hum corpo numeroso de trópas, que postou com huma Mesquita na reta-guarda para lhes ficar mais difficultosa a retirada. Em tom de bravo homem sustentou o Governador o primeiro repelaõ dos Portuguezes; mas notando o estrago, observando a differença, que vai das imagens vistas ás pensadas da guerra, resuscitou o antigo temor, abateo-se a contumacia, e o Governador cobarde foi o que primeiro fugio para a Cidade. A maior parte da sua gente se recolheo á Mesquita, entendendo lhe valeria o Sagrado, já que

pa-

para a defensa lhe esmorecêra o valor.

Era vulg

Com o mesmo impulso ganháraõ os Portuguezes a Mesquita, degoláraõ muitos homens, e os que podéraõ, corrêraõ para a Cidade, seguindo-lhes os nossos o alcance. Vinha chegando a noite, e mandou o General tocar a retirada para continuar a victoria com a lûz do outro dia, naõ succedesse servirem-lhe as sombras de tropeço. Como se tinha ganhado a Mesquita, nella se amparáraõ os Portuguezes, plantando córpos de guardas avançadas em todos os contornos, por onde se haviaõ conduzir á expugnaçaõ de Calaiate. Ao apontar o dia nos avançamos ao ataque; mas achámos a Cidade deserta, e vimos que os contrarios, sem lembrança alguma das riquezas, só dominados do amor da vida, na mesma noite foraõ buscar os bosques para azylo das pessoas. Oito dias gastamos no saque da Cidade: tempo, em que Xarafadim, Capitaõ do Rei de Ormuz, chegava com mil homens de soccorro. Suppondo-nos entretidos com os despojos,

Era vulg. jos, descuidados pela fugida dos defensores, baixou com elles do monte em huma noite escura com certeza constante de vencer-os.

Era o Albuquerque Capitaõ mui precatado para ter descuidos. Xarafadim o encontrou taõ prevenido, que depois de perder a maior parte da sua gente, huma mórta, outra prisioneira, teve de buscar o mesmo refugio da montanha, donde descêra. Pará acabar cóm Calaiate de hum golpe, o General lhe fez pôr o fogo, que a consumio até aos fundamentos; mandou abrazar vinte, e sete náos, e outra vez esquecido da humanidade o Albuquerque, ordenou que a todos os prisioneiros se lhes cortassem várias partes do corpo para ficarem defórmes, deixando na terra em espectaculos taõ horrendos hum testemunho vivo do seu resentimento sobre Calaiate, que tanto o provocára.

CA-

CAPITULO III.

Continua-se com a guerra de Ormuz, e com os successos do Vice-Rei D. Francisco de Almeida na India.

BEM despicado da injúria recebida, o Albuquerque sahio de Calaiate para mostrar o mesmo semblante a Ormuz; Como os motivos do seu sentimento naõ lhe permittiaõ guardar formalidades, apenas chegou ao porto entrou a servir a Cidade com o fogo da artelharia das náos. O Rei Ceifadim temeo a côlera de hum inimigo inexoravel, contra Cogeatar ainda mais inflexivel; e para haver de se deliberar ajuntou conselho, aonde se ponderáraõ as difficuldades de resistir a hum General, que trázia a fortuna ao seu soldo, a huma Naçaõ, que fázia dos perigos instrumentos das victorias. Nesta perplexidade Gogeatar resolveo, que ao Albuquerque se apresentassem Cartas do Vice-Rei D. Francisco de Almeida es-

Era vulg.

Era vulg. escritas a Ceifadim, em que desapprovava a guerra de Ormuz, e a declarava emprehendida sem ordem do Rei de Portugal. Estas Cartas póde ser, que tivessem origem nas calúmnias, que os tres Capitães desertores pozéraõ na presença do Vice-Rei, suggeridas pelo seu odio contra o Albuquerque: porém este Chéfe animoso, se á primeira vista sentio perturbaçaõ, elle a depoz; naõ se embaraçou com semelhantes Cartas; e resolveo fazer-se em Ormuz menos tractavel do que antes, por mais estimulado mais feroz.

Rompeo o General pela observancia destas ordens, já porque lhe impediaõ fazer ao Rei, e á Patria hum grande serviço, já porque eraõ huma affronta, que lhe atacava a reputaçaõ, já porque eraõ hum obstaculo aos progressos da grande glória, que elle hia adquirindo, e a reposta a esta deputaçaõ do Rei, e do Regente foi redobrar os ataques. Como tinha poucas embarcaçöes para impedir a entrada dos mantimentos, que era a guerra mais crúa, que podia fazer a Ormuz; passou á

ter-

terra firme do Mogastaõ para investir Era vulg. o lugar de Nabande, aonde tupio os poços, aprehendeo quantidade de mantimentos, abrazou o lugar: e sabendo que dous Capitães do Sophi da Persia vinhaõ com 500 homens escoltando huma grande cafila de viveres destinados para Ormuz, deo sobre elles; passou-os á espada, tomou a preza; e por hum Mouro do mesmo lugar, que se mostrou officioso, mandou dar novas deste successo a Ceifadim, e a Cogeatar. Do mesmo passo enviou Diogo de Mello, e nove homens em hum batel, sem mais designio, que o de tupir huns poços na Ilha de Lara; mas elle querendo-se assignalar por alguma acçaõ illustre, enganado por dous Mouros captivos foi fazer huma invasaõ entre a Ilha de Queixome, e a terra firme, aonde o rodeáraõ alguns dos 40 navios, que vinhaõ de Julfar com provimentos para Ormuz, e o matáraõ com os nove companheiros.

Vendo o Albuquerque a Ormuz bem provida, notando as suas poucas forças para huma guerra aberta, navegou

pa-

Era vulg. para a India, e chegou a Cananor, onde encontrou ao Vice-Rei D. Francisco, que tendo já ordem para lhe entregar o Governo da India, viera de Cochim a despedir sete náos de carga para o Reino, e preparar a Armada, com que determinava ir atacar em Dio as de Mirhocem, e de Meliqueáz em desagravo da mórte de seu filho D. Lourenço. Ambos os Chéfes se tratáraõ com apparencias de grande amizade, que logo mostrou o tempo ser hum effeito da sua politica. Em huma conferencia, que o Vice-Rei teve só com o Albuquerque, lhe disse: Eu recebi huma Carta del Rei, em que me manda vos entregue o Governo: dentro neste anno naõ o posso fazer por duas razões; a primeira porque a via, que trazia Jorge de Aguiar, em que se me ordena o que eu hei de obrar na India antes de partir para o Reino, ainda naõ he chegada; a segunda porque tenho já prompta a Armada para ir lançar destes mares a do Soldaõ de Babylonia, e naõ devo differir huma expediçaõ de tanta importancia.

Mui-

Muito mal soáraõ nos ouvidos do Albuquerque estas razões. Elle lhe respondeo prompto: Que a sua força naõ era bastante, nada tinhaõ de sólido para resistir ás ordens positivas da Corte, nem ellas o desculpariaõ na face do Rei: Que a vantagem de obedecer elle a devia preferir á glória de haver principiado a reduzir os inimigos, e elevalla a todas as outras considerações de honra, e de interesses, que lhe podiaõ ser particulares: Que em quanto á jornada de Dio contra Mirhocem, e Meliqueáz, elle se offerecia a fazella com hum successo, que sería igual ao que meditava o seu valor; porque marcharia sobre os vestigios, que este lhe deixava impressos, sem se apartar hum ponto das instrucções, que elle lhe désse, com tanto que o provesse dos meios para as seguir, e as executar.

Rei vulg.

Naõ conveio o Vice-Rei na proposta do Albuquerque, ambiciosos ambos, contumazes em ceder da glória, que esperavaõ em hum honrado feito; e a differença de sentimentos nos dous Chéfes causou huma rotura, que pode-

Era vulg. dera ser fatal, no espirito de uniaõ dos seus Officiaes. Todos os que tinhaõ militado com o Vice-Rei tomáraõ o seu partido: os que haviaõ servido com o Albuquerque, se declaráraõ por elle; mas esta divisaõ naõ podia produzir effeito na face de dous Generaes incapazes de atropelar os interésses da Patria para deixarem correr as paixões particulares por cima dos seus destroços. Preparava-se a Armada, e quando esteve prompta, o Albuquerque em vez de se oppôr, se mandou offerecer ao Vice-Rei para o acompanhar, e servir ás suas ordens. A occasiaõ era muito critica para huma alma tamanha, como a de D. Francisco de Almeida, consentir nella hum concurrente, e igual, de espirito taõ grande como Affonso de Albuquerque. Elle lhe agradeceo o zelo; mas instando-o para ficar em Cananor, ou se recolher a Cochim, para onde partio logo, lisonjeando-se com as esperanças, de que a Corte daria a justiça a quem a tivesse.

Despedidas as náos de carga para o Reino, e Affonso de Albuquerquer para

Co-

Cochim, o Vice-Rei sahio de Cananor com huma Armada de dezanove vélas bem esquipadas, em que além da gente de serviço, embarcáraõ 1300 Portuguezes, e 400 Malabares de Cochim. Chegado a Onor, o nosso confederado Timoja o visitou com hum rico presente, e deo a noticia, de que no rio a cima estavaõ muitos paráos de Calecut. O Vice-Rei ordenou a Payo de Sousa, e a Simaõ Martins, que os fossem queimar, como fizeraõ, naõ sem effuzaõ de sangue de ambas as partes. De Onor foi a Armada tomar agua a Angediva, donde navegou para Dabul, Cidade do Reino de Decaõ pertencente ao Çabayo, hum dos Alliados de Calecut, e de Mirhocem. Payo de Sousa teve ordem de ir observar o que se passava em Dabul, com prohibiçaõ de sahir do batel para saltar em terra; mas elle, naõ só o fez pelo contrario, senaõ que consentio as injúrias, com que os seus soldados insultáraõ aos moradores. Os agravados convocáraõ o Povo, que lançando-se sobre os nossos, matou a Payo de Sousa, e os mais com

Era vulg.

Era vulg. com grande perigo se salvárað no batel.

Este insulto provocou a cólera do Vice-Rei para mostrar aos de Dabul, quanto lhes era pernicioso terem aos Portuguezes por inimigos. Elle se determina a castigar esta grande Cidade plantada em hum valle ameno nas faldas de hum monte aprazivel, ornada de edificios magnificos, escala de hum avultado Commercio, defendida por muitos, e valerosos soldados com hum Governador destemido. Na noite foi sondada a barra para no dia seguinte entrarem as náos, que levavað as galés na vã-guarda, nos lados as caravellas, e na reta-guarda os esquifes com a gente para o desembarque. A esta vista, o Governador mandou deitar hum bando, para que ninguem sahisse da Cidade, nað se tirassem os generos, e riquezas, e que a ella se recolhessem os moradores da campanha para serem testemunhas do castigo, que elle dava aos Portuguezes pela temeridade atrevida de virem atacar huma Cidade como Dabul, defendida por hum Castelo

lo, presidiada com seis mil soldados, Era vulg. habitada de Povo immenso, e o seu porto cheio de navios de guerra, imagens para outro poder bem respeitaveis.

Intentou esta empreza o Vice-Rei com tanto de audacia, quanto o Governador a olhava com desprezo. Elle se entretinha com as Damas, e as convidava para Expectadoras da Tragedia Portugueza, que representariaõ os poucos insensatos, que já vinhaõ cortando o rio com quatro bateis mal guarnecidos. Navegava o Vice-Rei na ordem referida, e nella mesma foi desembarcando os soldados, que marchavaõ ao ataque do Castello. Antes de chegarem a elle lhes sahio ao encontro o Governador na tésta da sua gente, e em desprezo da nossa trazia na vánguarda sete Fidalgos Mouros magnificamente vestidos, cada hum no seu andor soberbo, que representava ser o carro triunfal da imaginada victoria. Estes sete barbaros com a comitiva numerosa, que os seguia, foraõ os primeiros, que os Portuguezes fizéraõ em

pos-

Era vulg. postas. Foi crescendo o estrago com o ardor da peleija; o Governador perdendo a corage á vista de tantos mórtos, e por naõ entrar no seu número, foi o primeiro, que buscou a salvaçaõ na fugida.

As trópas, que naõ tinhaõ obrigaçaõ de ser mais valentes, que o seu Capitaõ, seguiraõ-lhe o exemplo; mas os nossos de envolta com elles entráraõ na Cidade, aonde a crueldade passou além do espantoso. A nada perdoou o primeiro furor: homens, e mulheres, entrando a do Governador, grandes, e pequenos, culpados, e innocentes, tudo foi passado aos fios da espada, sem se dar quartel a algum vivente. Dos braços das Mãis se arrancavaõ os filhos, que eraõ esmagados contra as paredes; ellas depois atravecadas pelo ferro. Na mesma marcha, com que ganhamos a Cidade, nos fizemos senhores do Castello; e porque em ambas as partes o cabedal era immenso, acabou a carnage, e começou o saqueio. Como declinava o dia, para que naõ succedesse que a desordem perturbasse o

o gosto de taõ completa victoria, o acautelado Vice-Rei mandou tocar a recolher; mas os soldados attrahidos da cobiça, que no meio de tantas riquezas podia despertar a dos Diogenes, e Catões, naõ fizéraõ caso do estrondo das caixas, nem do som das trombetas, e se engolfáraõ no saque.

Esta falta de obediencia constrangeo o Vice-Rei a mandar pôr o fogo aos principaes quarteis da Cidade para forçar as trópas a buscar as suas bandeiras: incendio, que a reduzio a cinzas, e tirou a vida a grande número de pessoas escondidas pelas casas. O mesmo fim tiveraõ às muitas náos de inimigos, que estavaõ no porto; sendo tal o desprezo do sangue, e da fazenda para só se dar lugar ao furor, e á cólera, que dalli em diante entendêraõ os Barbaros do Oriente, que a praga mais fulminante, e horrenda, que elles podiaõ pedir aos seus inimigos, era dizer-lhes: *A ira dos Frangues venha sobre ti, como veio sobre Dabul.*

Nesta grande acçaõ tivemos deza-

Era vulg. ſete mórtos, e 200 feridos. Dos contrarios perecêraõ mais de quatro mil além da gente do Povo; e porque o reſto ſe ſalvou na montanha, aqui a foi perſeguir o Vice-Rei, naõ ſó para avançar a mortandade, mas para fazer arder os fórtes Caſtellos, e agradaveis quintas dos contornos de Dabul. Como já naõ havia que deſtruir, nos embarcamos, e antes de ſahir do porto o Vice-Rei recebeo hum Emiſſario de Meliqueáz com cartas redundando officioſidades reſpectivas ao reſgate de alguns Portuguezes, que fizera priſioneiros na occaſiaõ de Chaul; compromettendo-ſe ás que elles lhe eſcreviaõ, aſſim no que tocava á facilidade do reſgate em quanto os tiveſſe em ſeu poder, como pelo que pertencia á humanidade, com que elle os tratava no abatimento da ſua ſórte: tudo politica fina, com que Meliqueáz pretendia menos adoçar o eſpirito do Vice-Rei, que procurar meios para ſe inſtruir nos ſeus deſignios. O Vice-Rei, que aſſim o penſou, reſpondeo ás cartas, naõ pelas cartas, nem pelo ſeu author;

mas

mas pela materia dellas, e pela sua mesma dignidade. Em vulg.

Com este successo de Dabul damos fim aos do anno de 1508, e principiamos os do seguinte 1509 representando ao Vice-Rei D. Francisco soltando as vélas daquelle porto a cinco de Janeiro em demanda das Armadas de Babylonia, de Cambaya, e de Calecut unidas no porto de Dio. Elle foi correndo ao longo da cósta; recolhendo os tributos, que se deviaõ ao seu Rei; dando de si huma vista guerreira, e temerosa, até chegar ao rio Maim, aonde entrou para fazer provimentos, e admirar a fabula dos cem mil sepulchros dentro de huma Mesquita, que lhe disséraõ os naturaes serem de Hercules, e dos seus soldados mórtos, e vencidos naquella Regiaõ por hum dos Principes potentissimos da India nas idades mais remotas, que para conservar a memoria da sua façanha por todos os seculos futuros, mandára consagrar á Religiaõ aquelle monumento eternó. Daqui navegou o Vice-Rei para o porto de Dio, aonde já vamos 1509

D ii vel-

Era vulg. vello empenhado em huma das batalhas mais bem disputadas, que as armas Portuguezas dérað na Asia.

CAPITULO IV.

Da grande batalha naval, que o Vice-Rei D. Francisco de Almeida ganhou sobre as Frotas colligadas do Egypto, de Cambaya, e de Calecut.

A voz vaga, que corria, do estrago de Dabul, do empenho com que o Vice-Rei da India vinha sobre Dio para tomar de Mirhocem, e de Meliqueáz vingança inexoravel pela morte de seu filho D. Lourenço, obrigou os dous Generaes a consultarem, se o haviaõ esperar dentro, ou fóra do porto. Meliqueáz foi de parecer, que os inimigos se esperassem dentro; porque commettendo elles a sua vulgar temeridade de saltar em terra, as náos, e as tropas ficavaõ expostas a soffrer todo o fogo da sua Armada, das batarias plantadas na ribeira, e dos canhões das mura-

melhas. Prevaleceo porém o voto façanhoso de Mirhocem, que para fazer ostentaçaõ do seu valor, ou do nosso desprezo, se sustentou firme, em que se désse o combate no alto mar. Apenas appareceo a nossa Armada, a dos tres colligados composta demais de cem vélas, sahio do porto; mas naõ em tanta distancia, que se naõ servisse de hum banco de arêa para lhe facilitar a retirada, nem se apartasse do soccorro, que esperava receber da artelharia da Praça. Guarneciaõ a Armada inimiga 800 Mamelucos, várias gentes das naçôes ferozes da Asia, grande número de trópas de Calecut, e Cambaya, e naõ poucos Christãos de Esclavonia, e de Veneza, que preferíraõ o amor de huma ganancia vil ao zelo, que deviaõ ter pela sua Religiaõ Santa, e queriaõ combater temerarios.

Era vulg

Já promptos para o avance, os Generaes inimigos animáraõ os seus soldados com o espirito destas palavras: Lembrai-vos, valerosos Musulmãos, do odio, que justamente tendes concebido contra os Christãos, inimigos implaplaveis

Era vulg. placaveis do vosso Alcoraõ adoravel. Ahi os tendes á vista : se elles com forças infinitamente desiguaes agora nos vencem , quem naõ os confessará dignos de huma memoria eterna ? Se ficarem vencidos , todas as idades os teráõ por huns loucos temerarios , merecedores de eterno desprezo , e affronta : desta batalha depende a segurança da India , a conservaçaõ , a liberdade dos vossos paizanos , o crédito , o respeito da vossa Religiaõ. Vêde que obrigações taõ santas tendes , que cumprir , todas dependentes do válor , com que pelejares para glória immensa do vosso Profeta , para honra immortal da vossa posteridade.

Ao mesmo tempo o bravo Vice-Rei com huma presença taõ firme , que parecia estar mostrando no semblante as certezas da victoria , que no animo concebêra , chamando todos os Officiaes á sua náo , lhes fallou assim : Nós somos chegados á occasiaõ , em que o Nome de Jesus Christo ou geralmente seja conhecido , ou totalmente se esqueça na India : grande número

to dos adverſarios deſte Nome Santiſſimo nos rodeia: elles nada valem, ſe nós com Fé viva o invocarmos: ſe affrouxarmos neſta Fé, que ſendo tibia faz eſmorecer o valor, nós ſeremos vencidos; elles por toda a Aſia cahiráõ ſobre o Chriſtãos vagos, e eſpalhados pelas ſuas Regiões, e fazendo-os victimas do ſeu furor, acabaráõ os cultos do Chriſtianiſmo neſta parte do mundo. Eſtes motivos ſublimes devem trazer-vos á memoria os deveres dos Varões pios, e fórtes, que ou vencem, ou morrem. Permittí-me, que entre aquelles motivos ſantos vos refreſque a lembrança com huma cauſa humana, qual he a mórte de meu filho, que vós tanto amaſtes, para que appliqueis á ſua vingança alguma parte do voſſo esforço, com que o acompanhaſtes na vida.

Recolhidos os Officiaes ás ſuas reſpectivas náos, ſe ſoltáraõ as vélas, e emproamos aos inimigos. O Vice-Rei quiz aproveitar o vento eſperando a maré; mas elle ſe mudou, obrigando-o a calar a véla para naõ varar no

ban-

Era vulg.

[illegible]

banco, que o separava dos contrarios. Sendo pouca a distancia entre huns, e outros, se serviraõ do fogo dos canhões todo o resto do dia, o que taõ bem fizéraõ os da Praça, e 40, que estavaõ montados no fórte do mar. O Vice-Rei tinha deliberado ser elle o que rompesse a batalha, abordando logo a Capitania de Mirhocem. Os Officiaes lhe naõ consentíraõ este designio, em que arriscava muito; porque se succedesse perder-se em hum lance todo de contingencias, esta desgraça era bastante para huns soldados taõ officiosos á sua pessoa, como obedientes ás suas ordens, perderem a coragem, e considerar-se destroçados antes de batidos. Cedeo da sua resoluçaõ o Vice-Rei, e se offereceo esta honra a Nuno Vaz Pereira, com ordem de levar diante a Diogo Pires na sua galé para ir sondando o mar, naõ succedesse encalhar a náo.

Toda a manhã do dia seguinte se gastou em disposições; e Mirhocem vendo as nossas, mudou a resoluçaõ, que tomára no Conselho de nos vir ata-

atacar além do banco para receber soccorros da terra, e se servir da vantagem do seu fogo. Com este designio deo ordem para se avançarem as maiores náos encadeadas cada duas para cobrirem a tésta da Armada. Nos lados della postou as galéz, e embarcaçóes ligeiras para darem repelóes por intervallos sobre as nossas conforme a necessidade o pedisse. As fustas de Cambaya andavaõ em bórdos contínuos do mar para a terra, assim para sustentarem os nossos primeiros impulsos, como para darem soccorro ás suas náos, que vissem mais atacadas. O Vice-Rei fez signal á Armada para se levar, indo na vá-guarda Nuno Vaz Pereira seguido de Jorge de Mello, e sobre este primeiro movimento dos Portuguezes mandou Meliqueáz descarregar toda a artelharia da Praça, e das batarias. Viéraõ em fim ás mãos huns contra outros inimigos, e começou a batalha, em que o ruido das trombetas, o estrondo dos tambores, os gritos, que se levantáraõ em ambas as Armadas, augmentavaõ o ardor, e a corage dos soldados.

Era vulg.

Os

Eram vulg. Os primeiros que ensanguentáraõ o combate, foraõ déz marinheiros da náo de Nuno Vaz, que caçando huma escota no convéz, veio huma balla perdida, que a todos levou as cabeças. Nem este espectaculo triste, nem a resistencia feróz dos inimigos serviraõ de embaraço ao valente Capitaõ para se ferrar com Mirhocem. Este o queria atracar no meio com outra náo ao lado; mas o déstro Pereira mandando desparar sobre ella hum grosso canhaõ ao lume da agua, a passou por ambos os costados, mettendo-a logo a pique. Celebrado com hum viva este presagio da victoria, o Pereira, e os seus soldados se lançáraõ de tropel no castello de prôa da náo de Mirhocem, e a troco da vida de Henrique Machado, leváraõ os Mamelucos ás cutiladas até ao convéz. Neste aperto, Mirhocem fez signal a hum navio para bater o de Nuno Vaz pela poppa, em quanto elle o atacava pelo flanco, e pela frente; mas o Capitaõ prevenido, que no maior calor da acçaõ naõ deixava de observar as manobras do inimigo, vol-

voltou á sua náo, e com as peças de guarda-leme fez tal fogo, que a inimiga em breve tempo foi ao fundo. Era vulg.

Na fadiga desta refrega, o Pereira para tomar a respiraçaõ, levantou o barbote, que trazia sobre o gorjal, a tempo que vinha huma séta, que o ferio na garganta mortalmente, e acabou tres dias depois. A perda do Capitaõ converteo em raiva o valor dos soldados para vingarem a sua mórte no sangue dos Barbaros. Em lugar do Pereira entrou Francisco de Tavora com parte da sua gente na náo de Mirhocem, aonde os Portuguezes se houvéraõ com tal intrepidez, que a maior parte dos defensores ficou logo mórta, os poucos vivos se lançáraõ ao mar, e Mirhocem pode escapar em huma lancha, que o levou a terra, donde logo partio para Cambaya, temeroso de que Meliqueaz pelo preço da sua entrega quizesse comprar a paz com os Portuguezes.

Em quanto rendemos a Capitania, os outros Chéfes da nossa Armada naõ estavaõ ociosos. Pedro Barreto ferrou ou-

Em vulg. outra grande náo de Mirhocem, e a tomou. Antonio do Campo fez o mesmo a hum dos seus maiores galeões; e Jorge de Mello Pereira, que tinha o favor do vento sobre os navios de Cambaya, lançou-se a elles, e os metteo no fundo. Pedro Caõ, sem ferrar outro dos do Egypto, se botou dentro com trinta soldados, ficando todos em grande perigo, que se fez maior, quando Pedro Caõ mettendo a cabeça pela escotilha para vêr os inimigos, hum Mameluco lha tirou dos hombros com hum golpe de espada. Os trinta soldados ficáraõ sustentando hum combate de desesperaçaõ para venderem cáras as vidas; mas sendo soccorridos a tempo, rendêraõ a náo, e toda a sua equipagem. Todos os mais Capitães aprisionáraõ, mettêraõ a pique várias embarcações, degoláraõ, e fizéraõ que se arrojassem ao mar muitos inimigos: taõ igual o valor em todas as partes, que em alguma deixava de ser instrumento effectivo de taõ gloriosa victoria.

O Vice-Rei fulminava os inimigos para todos os lados com hum fogo horren-

rendo da sua náo, e elle acabou de os dissipar. Meliqueaz, que tinha a desfeita por inevitavel, senaõ impedisse a fugida dos que buscavaõ a terra, saltou nella, e ajuntando a força á authoridade, com a espada na maõ matava, feria, attropelava os soldados, que recusavaõ obedecer-lhe. Deste modo os miseraveis consternados, que cahiaõ em maior perigo, que aquelle que vinhaõ de evitar, tornavaõ a lançar-se ás armas para se bater até espirar; mas como o valor forçado naõ he corage, elle lhe durou pouco, porque a derrota logo foi geral. Os paráos de Calecut foraõ os primeiros, que abriraõ o caminho á retirada, fazendo-se ao mar, muito satisfeita a sua gente com ir publicando por toda a cósta, que a Fróta do Vice-Rei ficava derrotada. As náos de Meliqueáz, e as galéz de Mirhocem buscáraõ a embocadura do porto; mas seguidas pelo bravo Ruy Soares na sua caravella, que demandava menos fundo, se metteo entre duas das galéz; lançou-lhes os arpéos, combateo-as, ganhou-as, e trazendo-as a rebo-

Era vulg.

Era vulg. boque pela sua poppa, veio offerecer-ao Vice-Rei este rico, e honrado presente.

Nós viamos aos nossos contrarios desesperados de quartel, andarem fluctuando sobre as ondas, que esperavaõ mais propicias que o nosso furor; mas nem este refugio lhes consentia a gente dos nossos bateis, que os atravessava sem piedade. Nós viamos, que de taõ formidavel Fróta já naõ restava na nossa presença senaõ huma náo de Meliqueáz, e naõ soffria a nossa impaciencia, que ella se sustentasse sobre o mar depois da derrota das suas companheiras. Esta náo estava defendida por muita gente, e artelharia: era coberta em cima de couros crús, de sórte que naõ se lhe podia entrar senaõ pelas portinholas: cingiaõ-lhe o costado muitas cintas de ferro, que cospiaõ as ballas, e abordando-a os nossos muitas vezes, naõ lhes foi possivel entralla. O Vice-Rei mandou suspender a abordagem, e ordenou se fizesse sobre ella fogo contínuo até a metterem no fundo, como o veio a conseguir Garcia de Sou-

sa-

sa com hum golpe de balla ao lume da agua, que a submergio. A tripulaçaõ que se quiz salvar nadando, foi degolada pela guarniçaõ dos batéis.

Era vulg.

Com esta acçaõ se concluio a batalha, que durou do meio dia até noite, e fez tremer todos os mares, e pórtos de Cambaya, sem mais perda da nossa parte, que a de 300 feridos, e a de 32 mórtos, naõ faltando da Nobreza mais que Nuno Vaz Pereira, Ruy de Novaes, Pedro Caõ, Fernaõ Soares, Henrique Machado, e dous filhos de Manoel Peçanha. Dos inimigos morrêraõ quasi quatro mil, entrando neste número os 800 Mamelucos, de que só escapáraõ vinte e dous; muitos se affogáraõ; Meliqueaz degolou alguns desobedientes, e em breve tempo desappareceo da presença dos Portuguezes aquella multidaõ de homens, e navios congregados de tantas partes para a sua ruina. Muitos paráos de Calecut, e fustas de Cambaya foraõ mettidas a pique, seguindo-as neste destino duas grandes náos de Mirhocem, e a famosa de Meliqueaz, em que acabei de fallar.

lar. Da Armada do Soldaõ renderaõ-se dous galeões, e duas galés; duas náos grossas de Cambaya, e outras embarcações ligeiras, todas bem fornecidas de artelharia, munições, muito dinheiro, grande cópia de brocados, de sedas, de pannos de algodaõ, de outros muitos generos de valor.

Toda a quantidade destes despojos o Vice-Rei por hum effeito da sua generosidade a deixou livre aos soldados, sem reservar para si mais, que tres Estandartes do Soldaõ com a figura, e representaçaõ do Mysterio dos nossos Altares, com que inculcava o dominio, que tinha na Cidade Santa de Jerusalem, e El-Rei D. Manoel mandou depois collocar por devisa desta victoria no Convento de Thomar. Mostrou no seu desinteresse o Vice-Rei, á vista de hum avultado thesouro, que elle se satisfazia com a glória de Deos, com a reputaçaõ da pessoa, com a vingança da mórte de seu filho descarregada nos messmos authores do delicto. Acháraõ-se nas náos rendidas muitos Livros das linguas mais conhecidas, e vulgares da Euro-

pa:

que he prova evidente, de que na Armada do Soldaõ vinhaõ individuos das mesmas respectivas Nações, que todas eraõ Catholicas Romanas, servindo os seus filhos a favor dos Barbaros em huma guerra mais de Religiaõ, que do Estado.

Ainda que os contrarios por abatidos pouco susto podiaõ causar ao Vice-Rei, elle naõ quiz passar a noite dentro do porto de Dio, e fez levar às náos da outra parte do banco. Meliqueaz entendeo na retirada por hum estratagema para no dia seguinte o Vice-Rei continuar a guerra, ainda naõ satisfeito da injúria da mórte do filho com haver tirado tantas vidas. Ou fosse este receio, ou elle quizesse ter por amigos a huns homens, que a experiencia lhe acabava de mostrar serem singulares no valor, na manhã seguinte escreveo ao Vice-Rei huma longa carta de elogios, que rematava em propostas de paz, e lhe mandou por Cidialle, Mouro de Granada, que o conhecia do tempo em que servio a Fernando o Catholico na conquista daquel-

Era vulg. le Reino. O Vice-Rei lhe respondeo em breves palavras: Que para elle crêr a sua sinceridade haviaõ preceder as próvas na entrega dos Portuguezes, que tinha prisioneiros; na do resto da Armada de Mirhoçem, que se refugiára no seu porto; na da pessoa do mesmo General com todos os Rumes, que escapáraõ da batalha.

Huma só destas condições pareceo dura a Meliqueaz, que com promptidaõ conveio em se declarar vassallo del Rei D. Manoel; em remetter os Portuguezes prisioneiros; em entregar quatro galéz, que ainda restavaõ da Armada de Mirhoçem; mas em quanto a fazer o mesmo á pessoa deste General, e ás dos poucos Mamelucos, que escapáraõ da batalha, respondeo; Que de Mirhoçem nada sabia, porque apénas poz os pés em terra partio pela pósta para a Corte de Cambaya: Que ainda no caso de estar em seu poder, nem a elle, nem aos seus soldados se resolveria a fazer délles entrega, acabando de servir ás suas ordens, e de se considerarem seguros debaixo da sua protec-

terçaõ: manobra, que em hum militar do seu caracter sería reputada pela mais vil, e indigna: Que se esta condiçaõ era indispensavel para a formaçaõ do Tratado de paz, que elle antes queria abandonar-se a todo o genero de calamidades, soffrer o pezo da servidaõ mais intoleravel, ou entregar-se a huma morte affrontosa, que arrojar-se à huma covardia, que sobre romper todas as leis santas, naõ se conformava com os espiritos sublimes de hum homem de guerra.

Pareceo muito bem ao Vice-Rei, e ao seu conselho esta generosidade de Meliqueaz; e excluida do Tratado a condiçaõ referida, elle se celebrou com satisfaçaõ mutua. As quatro galéz entregues; e as duas, que rendeo Ruy Soares, se mandou pôr o fogo por falta de marinheiros para o seu governo. Antes de se apartar da vista de Dio, o Vice-Rei mandou a D. Antonio de Noronha com duas nãos para a Fortaleza de Cocotorá, que necessitava guarniçaõ, e munições: encarregou a Tristaõ de Sá, hum dos Portuguezes captivos,

Era vulg. as duàs da Armada do Soldaõ, que apreзára, para as levar com mantimentos à Cochim; e elle foi navegando toda a cósta de Dio até esta Cidade, fazendo tributarios aos Principes, e Regulos daquelles continentes; porque formidavel na India pela passada victoria, bastava o estrondo da sua reputaçaõ para fazer inclinar os Sceptros, e abater as Coroas.

Della taõ bem estabelecida abusou o Vice-Rei, quando chegou a Cananor arrojando-se a hum impeto barbaro de vingança; que lhe desfigurou a especiosidade. Elle fez hum recreio do espectaculo triste, com que os infelices vassallos do Soldaõ seus prisioneiros, que pelo direito da guerra, naõ só dominava captivos, mas estavaõ debaixo da sua protecçaõ esperando o resgate; huns fossem enforcados, outros postos nas boccas dos canhões a que se dava fógo, para os vêr voar em pedaços pelos ares. Nós veremos logo ao grande D. Francisco de Almeida na Aguada de Saldanha pagar com a vida ás mãos de Cafres vís esta atrocidade, que acabou

bou de mostrar, que elle buscava a vingança nas victorias. Como a voz commua reprehendia semelhante inhumanidade, o Vice-Rei tomou o expediente de se retirar de Cananor para Cochim, aonde foi recebido pelo seu Rei com os applausos, que mereciaõ as suas ultimas expedições.

Era vulg.

CAPITULO V.

Discordia entre o Vice-Rei, e Affonso de Albuquerque com os mais successos até á morte do mesmo Vice-Rei.

A CHEGADA do Vice-Rei a Cochim poz logo em movimento o espirito revoltoso de alguns homens perdidos para fazerem renascer entre elle, e Affonso de Albuquerque as discordias começadas. Nós bem sabemos, que a emulaçaõ, o ciume destes dous Chéfes, se os fizeraõ inimigos declarados, sem romperem hum contra outro em acções, ou palavras, que indicassem o rancor; os seus partidarios trabalháraõ quanto po-

Esparaulo poderaõ, para que os impulsos do odio rompessem as medidas da moderaçaõ. Nos conventiculos, e assembléas mais públicas discorriaõ os da facçaõ do Vice-Rei contra o Albuquerque, e affirmavaõ: Que elle pela sua temeridade, pela sua glória vã, pelo genio transportado, era incapaz de manejar na India a importancia dos nossos negocios: Que para próva desta verdade nada mais se necessitava, que olhar para a guerra de Ormuz, aonde sem ordem do Rei, por hum esforço da insania, elle emprehendèra audacias capazes de derrotar a reputaçaõ do Rei, o crédito das armas, a glória dos Portuguezes, com perda da vida de todos os homens, que lhe estavaõ encarregados: Que Deos, porque quiz, fizéra prosperas as tentativas do desacordo vaõ, e arrojado de hum militar sem outro discernimento, que o de se lançar aos casos sem os prevenir. A estas razões geraes se ajuntavaõ outras affrontas, e dicterios, que sobre amolgarem a reputaçaõ de hum Heróe, os seus authores os entendiaõ activos para lhe fecharem o caminho ao Vice-Reinado.

Pe-

Pelo contrario, os do partido de Affonso de Albuquerque diziaõ: Que o Vice-Rei empenhava todo o resto ao lanço de huma fortuna, ou de huma vingança, como se acabava de vêr na batalha de Dio, em que expozéra todas as forças da India com risco de a perder entre partidos taõ desiguaes, sem causa alguma mais que o despique da morte do filho, e a vaidade de render as armas do Soldaõ: Que estas considerações bastavaõ para elle, naõ só desmerecer os applausos, que de todas as partes se lhe rendiaõ; mas lhe abaterem o crédito entre as gentes, que nos lances da honra sabem conhecer as delicadezas, de que resultaõ louvor, ou vituperio.

Como a publicidade de semelhantes calumnias, contra dous homens tamanhos, naõ podia deixar de chegar aos seus ouvidos, sendo ambos incapazes de as soffrerem, entrou a fazer a immoderaçaõ os seus officios. Rompeo o Albuquerque atacando ao Vice-Rei, para que sem demóra lhe entregasse o Governo, como El-Rei manda-

Em vols. dava: o Vice-Rei o entreteve com a esperança, de que o faria a seu tempo; mas usando da força, e para evitar o tumulto, se apoderou do seu Competidor, e o mandou para a Fortaleza de Cananor, aonde esteve até a vinda do Marechal D. Fernando Coutinho, ordenando que todos o tratassem com as honras devidas á sua pessoa. Este Fidalgo, de quem já vamos a fallar, foi o medianeiro da paz entre os dous concurrentes, e logo depois do ajuste Affonso de Albuquerque tomou posse mansa, e pacifica do Governo. D. Francisco de Almeida pardio para o Reino, aonde teria os premios devidos aos seus altos merecimentos, se naõ encontrára na jornada o fim tragico, que diremos.

El-Rei D. Manoel receoso, de que as ameaças, que fizéra Campson, Soldaõ do Egypto em Roma, produziriaõ o seu effeito na India, determinou conservar nella com mais vigor a reputaçaõ das armas Portuguezas. Com este designio, destinado especialmente á ruina da Cidade de Calecut, fez aprestar

ta rhuma Armada de quinze náos, de que nomeou por Commandante ao Marechal D. Fernando Coutinho, hum dos Capitães distinctos do seu tempo. Embarcáraõ na Armada mais de mil e seiscentos homens; sendo os Capitães das náos pessoas taõ illustres como Pedro Affonso de Aguiar, Francisco de Sá, Sebastiaõ de Sousa Delvas, Leonel Coutinho, Francisco de Sousa Mancias, Ruy Freire, Gomes Freire, Jorge da Cunha, Francisco Corvinel, Rodrigo Rebello de Castello-Branco, Francisco Marecos, Braz Teixeira, Alvaro Fernandes, e Jorge Lopes Bixorda, que todos com felicidade ferráraõ o porto de Cananor em Outubro deste anno. Affonso de Albuquerque, parente, e amigo do Marechal, teve com a sua vinda naõ vulgar complacencia: com elle se embarcou, e chegáraõ a Cochim, aonde se fizéraõ as pazes com o Vice-Rei, que com as devidas formalidades lhe entregou o Governo da India, e partio para o Reino.

O Marechal, e o novo Governador im-

Em 1509.

Era vulg. immediatamente se dispozéraõ para a guerra de Calecut, dando della parte ao Rei de Cochim, e assentando todos o muito que era preciso saber-se o estado da sua Capital, que havia ser a investida. Para esta informaçaõ lembrou mandar vir com cautéla de Calecut a Cochim ao nosso amigo fiel o Mamé Cogebique, que obedeceo com promptidaõ ao aviso dos nossos Generaes. Elle lhes fez saber, que o Rei de Calecut andava entranhado no Paiz em guerra viva com hum dos Principes seus visinhos; mas que antes de partir deixára guarniçaõ numerosa na Corte, bem provida de munições, e mantimentos. Naõ embaraçou este aviso a resoluçaõ primeira. Com toda a actividade se preparava a Armada, quando chegou a Cochim Vasco da Silveira com cartas de Duarte de Lemos para Affonso de Albuquerque, em que lhe pedia náos, e gente para reforçar a Fróta, com que cruzava nos mares da Arabia. Como este soccorro naõ se podia pôr prompto antes da expediçaõ de Calecut, Vasco da Silveira, que

pa-

para ella o chamavaõ os fados, se offereceo ao Marechal para o acompanhar.

Appareceo sobre Calecut a nossa Armada com mais de dous mil Portuguezes, e seiscentos Malabares de Cochim, que mandava o Rei de Porcá. Antes de desembarcarem, disse o Marechal a Affonso de Albuquerque: Que na acçaõ lhe havia ceder a vã-guarda; porque como elle ficava na India entre gentes ferozes, que lhe dariaõ muitas occasiões de ganhar honra, e a sua vinda era só a esta empreza de Calecut, a qual acabada tinha de voltar logo para o Reino, pedia naõ lhe disputasse aquelle lugar, nem da maõ lhe arrancasse huma palma, quando nas suas tinha tantas. Conveio o Albuquerque na proposta, mas com violencia, como quem conhecia no caracter do Marechal, que elle hia arrojar-se ao precipicio, que mostrou o successo. Na vãguarda dos bateis com a gente para o desembarque, hiaõ os do Marechal, e os do Albuquerque, que sendo sentidos, naõ obstante o escuro da noite, en-

Era vulg. entrárão a soffrer hum diluvio de fogo.

Como o perigo era evidente, Affonso de Albuquerque aconselhou ao Marechal, que os batéis se dividissem para serem os tiros vagos, e mais facil a cada hum tomar a terra. Aproveitou esta industria para elle ser o primeiro em a pizar com tanta firmeza, que os defensores das trincheiras mais fórtes não podendo soffrer-lhe os golpes, depois de huma perda igual á resistencia, se pozérão em fugida. A este tempo chegava o Marechal, que com modos menos decentes ao decóro se queixava do Albuquerque. Quiz este satisfazello; mas não admittindo as desculpas, disse ao lingua o célebre Gaspar da Gama, que o guiasse para o Palacio do Rei; porque queria encontrar homens com quem peleijar, não sendo os desbaratados por outro objecto dignos para o seu valor. Elle rompeo a marcha colérico na testa de 800 homens: Affonso de Albuquerque, certo do perigo, deixando 300 de guarda dos batéis, e para recolherem a artelha-

Maria das trincheiras rendidas a cargo de seu sobrinho D. Antonio de Noronha, de Manoel de la Cerda, de Simaõ de Andrade, e de Rodrigo Rebelo, o seguio com os 600 Malabares de Cochim.

Em vulg.

Os Naires, que estavaõ no Palacio de guarda ás enormes riquezas do seu Rei; nome, que elles adoravaõ por santo; e animados pelo Regedor da Cidade; fizéraõ huma defensa toda de bizarria. Depois do primeiro impeto, tanto os atemorisou a constancia, com que os Portuguezes renovavaõ os ataques favorecidos do fogo de duas peças de campanha, que o Marechal levava na sua frente; que por portas occultas aos nossos fugíraõ para a montanha, aonde escapáraõ ao estrago, deixando a Cidade, o Paço, e as suas riquezas em poder dos vencedores. Grande era esta vantagem na India para as nossas armas; se naõ a botára a perder hum Capitaõ mais valente, que considerado. Entregáraõ-se as trópas á pilhagem de tantas preciosidades, como eraõ as de Calecut, huma das Cortes mais

opu-

opulentas, e magnificas do Oriente. O Marechal lho consentio depostas as armas para as transportarem para as náos; naõ cheio de vaidade, que presumia era bastante o terror, que o seu nome causára nos Barbaros para elles perderem todos os officios de homens.

Manoel Peçanha, sábio, velho, valente, e experimentado Capitaõ, naõ podendo soffrer esta ignorancia militar em hum Chéfe, advertio ao Marechal, que a retirada dos Barbaros era menos huma fugida, que huma negaça de ajuntarem as forças dispersas para tornarem á peleja; reflexaõ prudente, que o obrigava a mandar recolher a gente, tendo em fórma sobre as armas, nem elle se demorar no Palacio mais de huma hora, sem fazer caso de despojos, nem riquezas, por ser hum lugar de muitos perigos, meia legoa distante da praia, aonde estavaõ os bateis: Que sem demóra mandasse tocar a retirada, postasse corpos de guarda nas portas do Palacio, e que em quanto elle naõ ardia, se entrincheirasse para esperar os inimigos, ou

an-

antes se fosse recolhendo para a praia. Cheio de confiança lhe respondeo o Marechal: Que elle agora he que conhecia a fraqueza dos Mouros da India, e a covardia dos Naytes de Calecut: Que queria descançar hum pouco do trabalho no Palacio, e que em lhe parecendo tempo mandaria ajuntar a gente.

Em quanto elle se aproveitava dos interesses da victoria, e o fogo por outra parte produzia os seus effeitos, chegava Affonso de Albuquerque, que sendo logo atacado pelos inimigos recobrados do primeiro susto, e vendo que do monte vinha descendo em demanda do Palacio huma numerosa multidaõ delles; sem passar adiante avisou ao Marechal o que succedia; como elle já andava às mãos com os inimigos; como o terreno para a praia era muito cortado, e a retirada se havia fazer com huma pequena frente; que sem perda de instantes se retirasse; porque todos estavaõ no perigo de serem mortos. O inconsiderado Coutinho fez responder ao Albuquerque,

que

Era vulg. que ordenasse a gente, e se fosse retirando, que elle o seguiria em vendo consumido o Palacio, a que tinha posto o fogo. Com este recado o grande Albuquerque veio fazendo huma retirada como sua por todas as partes investido; e elle era bem capaz de sustentar todo o pezo de tantos contrarios, que tinha sobre si, se muita da sua gente esgotada de sangue, e elle ferido de duas flexadas, e de huma grande pedra nos peitos, que o deixou como morto, naõ estimulasse o amor dos seus soldados para o salvarem, e recolherem nos batéis.

Ainda hia na sua retirada este Chéfe, e os inimigos sobre elle, quando o Marechal sahio do Palacio, e se sentio rodeado por huma parte do seu incendio, por outra de grósfos Esquadróes de Nayres, e de Mouros. Em tal aperto naõ havia outro partido que tomar, senaõ peleijar até morrer, como elle o executou com valor extraordinario. O Albuquerque, que ainda hia em estado de contemplar o seu perigo, quizera soccorrello; mas os solda-

dados, que marchavaõ rodeados de [illegible] outro semelhante, naõ quizeraõ obedecer ás vozes do Capitaõ, e se contentáraõ com receber a gente do Marechal, que vinha fugindo. Hum golpe de espada levou huma perna deste Chefe, que com o joelho em terra vendeo a vida a troco de alheio sangue. A sua morte seria mais sentida, se elle por indiscreto naõ causasse as de Manoel Peçanha, que já na India perdêra quatro filhos no serviço do Rei, de Ruy Freire, de Francisco de Miranda Chichorro, de outros Fidalgos, e ultimamente de Vasco da Sylveira, que vindo por entre huns vallos a soccorrello, matou tres Nayres, que o investíraõ, atropellou outros, até que aberto em feridas acabou a vida.

Já perto da praia recebeo o Albuquerque o golpe da pedra, que faria completo o nosso destroço, se Diogo Fernandes de Béja naõ o levára em braços, e naõ acodíraõ D. Antonio de Noronha, e Rodrigo Rebêllo com os 300 homens da guarda dos bateis, que fizeraõ parar os inimigos, e facilitáraõ

a embarque. Nós tivemos nesta infeliz jornada 300 feridos, e 78 mórtos, a maior parte Fidalgos, e Cavalleiros de conhecido valor. Os inimigos perdêraõ mais de 2000 homens, vinte náos de Meca, a que pozemos fogo no principio do avance. Chegáraõ os Portuguezes já de noite a bórdo das náos, e na manhã seguinte se fizeraõ á véla para Cochim, aonde Affonso de Albuquerque esteve em grande perigo de vida por causa das passadas feridas. O seu espirito incançavel, ainda mal convalecido, o fez applicar ao restabelecimento da disciplina militar, e á expediçaõ das náos para o Reino, de que eraõ Capitães Gomes Freire de Andrade, Sebastiaõ de Sousa, e Francisco de Sá.

Á desgraça do Marechal D. Fernando Coutinho succedida em Calecut se seguio a do Vice-Rei D. Francisco de Almeida na Aguada de Saldanha, pouco depois sabida na India. Naquella paragem proveo elle as náos de agua, e estando prestes para montar o Cabo, succedeo que alguns homens fossem á terra comprar gados aos Cafres, que en-

encontrárão humanos, e condescenden-tes a todas as nossas pretenções. Entre elles vinha com sua partida de gado hum bizarro negro, que os nossos desejárão trazer a bórdo para o Vice-Rei o vestir, e fazer beneficios, que movessem os seus paizanos a ficarem nossos amigos. Para este fim usárão de violencia, tão mal soffrida dos Cafres, que sahindo da Aldêa sobre os doze Portuguezes, que estavão em terra, os fizérão embarcar arrependidos dos seus intentos. O Vice-Rei entendeo se devia castigar a audacia dos Salvagens com a ruina da sua Aldêa; oppondo-se a esta resolução Lourenço de Brito, que fora Commandante da Fortaleza de Cananor, Jorge de Mello Pereira, e Martim Coelho, que lhe propozérão como fazer caso, e guerra a gente tão vil, que tal vez não soubesse o que fez, nem era decente á sua pessoa, nem de a vencer resultava glória.

Seguírão contrario parecer Pedro Barreto de Magalhães, Manoel Telles Barreto, e Antonio do Campo, que na vingança dos Salvagens nada menos

 re-

Era vulg. representáraõ, que a conservaçaõ da dignidade da Naçaõ Portugueza, e com estes votos só nascidos da arrogancia se conformou o Vice-Rei, que tinha de encher naquelle lugar com a perda da vida os Decretos da Providencia. Elle desembarcou á meia noite com 150 homens; mandou avançar para a Aldêa com a vã-guarda a Pedro, e a Jorge Barreto; elle os foi seguindo em bastante distancia; mas os Cafres, tanto que sentíraõ aos Barretos, se pozéraõ em arma; carregáraõ-nos com hum diluvio de sétas, e tiros de arremeço; matáraõ a Fernaõ Pereira; e elles querendo aproveitar-se de algum gado, que tomáraõ nos curraes, retrocedêraõ a buscar a bandeira do Vice-Rei, que já vinha chegando á Aldêa; que a suppôz rendida, os Salvagens destroçados, e nesta intelligencia se fez na volta da praia, aonde naõ achou os bateis, que foraõ mais avante buscar outra paragem de melhor embarcadouro.

Tudo concorre para as desgraças, quando ellas tem de ser inevitaveis. Torceo o Vice-Rei a marcha em de-

man-

manda dos bateis, levando os gados no centro, e na reta-guarda o corpo, que cobriaõ os Barretos. Já a este tempo se tinha ajuntado huma inundaçaõ de Salvagens, determinados a restaurar a preza, e vingar a injúria. Os primeiros, que as suas flexas deitáraõ a terra mórtos foraõ tres Portuguezes, que guiavaõ os rebanhos. Crescendo a mortandade, inevitavel á multidaõ dos tiros, os nossos fóraõ perdendo a fórma, espalhando-se para naõ serem juntos hum alvo, aonde os Cafres naõ perdessem golpe. A esta vista Jorge de Mello, que em Cochim seguíra o partido de Affonso de Albuquerque, voltando-se para o Vice-Rei lhe disse: Ah! Senhor D. Francisco, quanto estimára que aqui estivessem os vossos lijongeiros da India, para os vêr arriscar pela segurança da vossa pessoa em tal aperto. O Vice-Rei lhe pedio naõ tivesse esta lembrança; mas se encarregasse do Estandarte Real, naõ succedesse que tomado pelos Salvagens, fizessem irrizaõ da insignia de hum grande Rei: Que em quanto á sua mórte, ella já naõ era immatura, e elle naõ ignorava que a merecia.

Embulga a

Já

Ecl volg.

Já os Cafres tinhaõ tirado a vida a Pedro Barreto, e naõ tardou em o acompanhar na sórte o Vice-Rei, que atravessado pela garganta por huma séta, cahio logo morto. Este foi o fim tragico de hum Heróe, que acabou sem glória por séguir na ultima acçaõ os pareceres de homens ligeiros em pensar, fortes em persuadir. Aos seus pés cahio o Capitaõ Diogo Pires, que lhe acodio, e os mais á vista deste catastrofe, cuidáraõ em salvar-se. Lourenço de Brito, e Martim Coelho clamavaõ aos fugitivos: Ó Portuguezes, que noticia haveis dar no Reino do vosso Chefe? Com que corage, devendo-lhe tantos beneficios, vós partis, e o deixais insepulto? Como quem corria naõ voltava, os dous Capitães famosos se lançáraõ como leões aos Salvagens; mas cobertos de huma nuvem de pedras, ficáraõ esmagados. Nesta desgraçada invasaõ perdemos sessenta e cinco soldados, entre elles onze Capitães memoraveis, igualmente conhecidos pelas qualidades, e pelas façanhas: huns homens, que por meio

do

do fogo, das ballas, pelas pontas das lanças, e das espadas foraõ o terror dos seus inimigos, ganháraõ victorias fermosas, se fizéraõ dignos de glória immortal: estes homens ás mãos de huns Cafres nús, Salvagens desarmados, canalha vil, viéraõ a perder as vidas, a ser por elles despojados, a ficarem na praia de Africa descompostos, como hum espectaculo da imbecillidade, e fraqueza humana, huma irrizaõ da temeridade, e arrogancia da fortuna.

Os interpretes dos juizos de Deos chamáraõ ao seu juizo os nossos mórtos. Do Vice-Rei se dizia, que viéra acabar nas areias adustas de Africa, aos tiros de gente infame; porque na batalha de Dio naõ procurava a gloria de Deos, nem o serviço do Rei, senaõ huma vingança da mórte de seu filho D. Lourenço, e que pagára com a pena de Taliaõ a deshumanidade, que usára com os prisioneiros em Cananor. Dos mais Capitães se affirmava, que naõ podiaõ deixar de ser semelhante fim huns homens, que se ensoberbeciaõ com as prosperidades; que naõ conheciaõ a modera-

Em volg. raçaõ nas victorias ; que as tisnavaõ com a crueldade ; e que faziaõ hum entretenimento de arrancar com violencia a vida estimavel dos homens. Em fim no fatal dia primeiro de Março de 1510, em que aconteceo este successo, os nossos que escapáraõ vivos, se recolhêraõ ás náos, de que tomou o commandamento Jorge Barreto sem opposiçaõ de Jorge de Mello.

Na tarde do mesmo dia, quando já naõ appareciaõ os Salvagens, viéraõ á terra estes dous Chéfes a celebrar com lágrimas o funeral dos seus mórtos; a sepultar-lhes os cadaveres naquellas praias desertas. Elles os achâraõ nús; e o do Vice-Rei aberto dos peitos até ao ventre : acçaõ de Barbaros, que para os nossos foi segunda lástima sobre a primeira dôr. No dia seguinte as náos se fizéraõ á véla, e com feliz viagem chegáraõ a Lisboa, aonde a noticia do tragico successo de D. Francisco causou ao Rei, e á Corte o sentimento, de que elle se fazia digno por si mesmo, quanto mais acontécido a hum Fidalgo de taõ altas qualidades,

que

que acabava de dàr tanta glória ao Soberano, á Patria huma reputaçaõ brilhante. Era vulg.

CAPITULO VI.

Trataõ-se os successos de Diogo Lopes de Siqueira na India até á primeira expediçaõ do Albuquerque sobre Goa.

EM quanto succediaõ os casos, que deixo referidos, Diogo Lopes de Siqueira, que no anno de 1508 sahíra de Lisboa com huma fróta de quatro náos, e por Capitães, além delle, Gonçalo de Sousa, Jeronymo Teixeira, e Joaõ Nunes com o destino de examinar as terras da Ilha de S. Lourenço, e de Malaca; depois de executar a primeira parte da sua commissaõ, e de ter tomado a bórdo alguns dos marinheiros de Joaõ Gomes de Abreo, que haviaõ ficado naquella Ilha, como dissemos, navegou para o rio de Matatana, correndo, e descobrindo toda a Cósta até a Ilha de Zeiland. Daquí arribou para 1510

Co-

Era vulg. Cochim, aonde foi recebido com muito agrado pelo Vice-Rei D. Francisco de Almeida, que lhe deo mais huma náo com 60 homens ás ordens de Garcia de Sousa para levar a sua Fróta com mais reforço ao descobrimento de Malaca.

Diogo Lopes de Siqueira foi o primeiro Portuguez, que entrou na Ilha de Samatra, chamada pelos antigos Taprobana, que está situada debaixo do Equador, opposta á Aurea Chersoneso para a parte do Sul. Ella tem 200 legoas de comprido, e setenta de largo; o Paiz he admiravel na fertilidade, dividido em muitos Reinos, e linguas, frequentado da maior parte das Nações da Asia, e hum pequeno braço de mar muito perigoso o separa do Continente, aonde está Malaca. Ha nelle minas abundantes de ouro, de ferro, de estanho, e de enxofre, de que faz hum grosso commercio em cambio de alguns generos, que lhe faltaõ. Nesta Ilha ferrou Diogo Lopes o porto de Pedir, e nelle contratou alliança em nome de D. Manoel com o Soberano do Paiz,

que

que era dependente do Reino de Achem. Em volta
Vinte leguas avante entrou em Pacem, e fez outro igual ajuste com o Rei da terra, que permittio se levantasse hum Padraõ em honra do Rei D. Manoel.

Concluidas estas negociações, Diogo Lopes continuou a sua viagem para Malaca, Cidade situada em huma Peninsula além do Ganges, antigamente conhecida pelo nome de Ilha do ouro. Ella era entaõ o Emporio mais célebre do Oriente, governada por hum Rei Mahometano chamado Mahomet, dividida a Cidade por hum pequeno rio, e communicadas por huma ponte as suas duas partes. A soberba estructura das casas, e muros formavaõ huma vista respeitavel: a bôa figura da gente, a sua humanidade, a doçura da sua lingua, o brilhante da pompa, a cultura da sociedade, o seu conhecido valor, tudo concorria para ser attendida, e frequentada das Nações. Algum dia foi Malaca parte do vastissimo Reino de Siaõ; mas os Principes, que a dominavaõ, enriquecendo-se enormemente, com as avultadas ganancias, direitos,

Era vulg. tos, e tributos do seu Commercio, e servindo-se do valor dos Malayos, fizérão a guerra aos Reis de Sião, sacodírão o jugo, levantárão-se com os feudos, e ficou Malaca huma Cidade livre.

Neste porto de Malaca lançou ferro Diogo Lopes, e immediatamente foi requerido da parte do Rei por alguns dos seus Ministros para lhe dizer, qual era a sua Nação, em que Reino habitava, que pretendia na sua Corte. O Siqueira respondeo, que a Nação era Portugueza, moradora nas extremidades Occidentaes do Sol, governada por hum Rei illustre, que desejava unir em hum todos os Soberanos do Universo nos laços da amizade, do trato, do Commercio, e que este era o unico designio, com que elle de partes tão remotas viéra a Malaca, e com que outros muitos Capitães do mesmo Rei andavão pelas Cortes mais famosas da Asia, e Africa. Tanta impressão fizérão no espirito do Rei estas razões de Diogo Lopes, tanto se deixou tocar da sublimidade da idéa do

Rei

Rei de Portugal, que lhe mandou asſegurar ſeria tratado em Malaca com todas as delicadezas da hoſpitalidade: Que elle ficava impaciente para em peſſoa meſmo celebrar o Tratado de Aliança com o Capitaõ do Rei magnifico; e que para iſſo lhe rogava, que ſem perda de tempo vieſſe a terra. Aſſim o fez o Siqueira, ſendo recebido com agrados extraordinarios, juraõ ambas as partes os ajuſtes; o Rei conveio, em que ficaſſe por Feitor Rodrigo de Araujo com alguns Portuguezes, dando-lhes caſa para a Feitoria, e principiáraõ os noſſos a comprar, e vender, a entrar, e ſáhir na Cidade de Malaca com tanta ſegurança, como ſe eſtiveſſem no porto de Lisboa.

Já a eſte tempo Diogo Lopes, e toda a gente das noſſas cinco náos cultivavaõ amizade muito eſtreita com as tripulaçoẽs de quatro da China, que quando nós chegámos eſtavaõ ancoradas em Malaca. Eſtes homens fideliſſimos, eſpecialmente os Commandantes das náos, fizéraõ hum ponto de honra em inſtruir a Diogo Lopes no ca-

Era vulg.

Era vulg. caracter dobrado, e mentiroso dos Malayos; lembrando-lhe a necessidade de segurar com refens no seu bórdo as pessoas de muita da sua gente, que hiaõ a terra; e que para esta precaução, ainda que os de Malaca naõ fossem taõ perfidos, bastava estar elle em huma Cidade taõ remota, e ser nella estrangeiro para naõ perdoar a expediente, que podesse evitar os máos successos naõ previstos. O Siqueira, que creo com demasia as civilidades exteriores do Rei, e do Povo; que teve por indefectivel a observancia do juramento dos Barbaros, desprezou o conselho dos Chinas, naõ fez delle o uso, que devêra; continuou a frequentar Malaca como d'antes, e quando advertio o erro da imprudencia, já encontrou difficultoso o remedio.

Perturbáraõ-se com o ciume da nossa amizade os Mouros Jaos, e Guzarates, que naõ perdêraõ tempo em arbitrar meios de fazer valer a calumnia, e que ella bem persuadida por homem de authoridade tocasse forte o espirito do Rei. Com este designio ganhá-

nhárao a sua devoçao do Bandara, Governador de Málaca, Tio do mesmo Rei, e o fizérao crêr que os Portuguezes erao huns Pyratas aborrecidos de todas as Nações; huns falsarios, que com o pretexto de Commercio, e de alliança com o seu Rei, andavao infestando as Cortes dos Principes; huns trahidores, que áquelles, que se mostravao maiores amigos, deitavao hum jugo de servidao, como se estava vendo em Cochim, e Cananor, em Çofala, e em Ormuz; huns tyrannos, que nao estimavao victorias sem muito sangue, e que aos prisioneiros faziao victimas da crueldade. Ultimamente concluírao, que se o Rei de Malaca nao queria experimentar a sórte dos infelices, affogasse a hydra, que nascia, antes que no seu terreno criasse forças, ou vomitasse o veneno.

Nao foi difficultoso a Bandara introduzir o odio contra os Portuguezes no coraçao do Rei minino, Mahometano de profissao, criado no meio dos enganos, sem conhecer no governo mais máximas, que as da simulaçao,

Em vulg. çaõ, e as da fraude. Sobre a materia quiz elle ouvir os votos do Conselho de Estado composto de lisongeiros. Mas nelle se encontrou hum Lasaman, seu Almirante, que por hum esforço do bom uso da razaõ, pouco practico naquella gente, disse ao Rei: Como o mundo civilisado lhe estranharia a falta de palavra, e rotura do juramento, duas indignidades para qualquer homem, quanto mais para hum Soberano; como caso taõ estranho requeria huma reflexaõ madura sobre as contingencias, que podia ter, injuriando hum Rei potentissimo do Occidente, que tinha Capitães capazes de lhe despicarem as affrontas em qualquer parte do mundo, de que eraõ bons exemplos esses mesmos successos de Calecut, e Cananor, de Çofala, e de Ormuz: como Malaca naõ era Potencia igual a alguma destas em forças para deixar de temer ruinas semelhantes, ou ainda maiores, originadas da mesma causa, que era a rotura da boa fé.

O Rei Mahomet estava muito prevenido para se inclinar aos conselhos

Era vulg.

inadores do Almirante. O exterminio dos Portuguezes ficou determinado no Conselho pelo meio vil, covarde, e infame do convite para hum banquete, em que Diogo Lopes, e os seus camaradas haviaõ ser degollados. Huma mulher da Persia residente em Malaca fez avisar ás náos do que passava, o modo por que a trahiçaõ estava armada, e que os Portuguezes excogitassem os meios para naõ cahirem no laço. Entaõ conheceo o Siqueira a sinceridade dos Chinas, a importancia do seu aviso, a nenhuma desculpa, que elle tinha no desprezo com que o recebêra. Para se escusar ao convite, se fez doente; mas ainda naõ capacitado de que o aviso da Persiana era verdadeiro, deixou de tomar as providencias, com que se devia acautelar em situaçaõ taõ critica.

Como o primeiro estratagema naõ produzio effeito, o Rei, e Bandara armáraõ segunda intriga, que foi avisarem a Diogo Lopes mandasse no dia seguinte todos os batéis a terra para receberem a carga das náos, porque os

Era vulg. queriaõ preferir na expediçaõ a todos os outros Mercadores. Assim o fez o Siqueira, sem deixar a bórdo mais de hum batel; mas antes de vir aquelle recado, o Rei havia feito metter nas lanchas, e manchuas da terra quantidade de armas cobertas com muitos mantimentos, e toda a tripulaçaõ de soldados com figura de tratantes para os irem vender a bórdo, e quando vissem o signal de hum fumo, que era o do ataque dos nossos batéis em terra, fizessem elles o mesmo no mar ás náos. Todas ellas foraõ rodeadas por grande número das manchuas dos fingidos mercadores, que entráraõ a vender os generos por preços taõ baixos, como quem esperava resgatallos com usuras. No navio de Garcia de Sousa entráraõ tantos, que elle teve de os lançar fóra com as armas; e por Fernaõ de Magalhães mandou aviso a Diogo Lopes, que visse como a Fróta estava cercada; que naõ consentisse aquella gente na sua náo; porque elle desconfiava de huma manobra mercantil taõ pouco vulgar.

Fer-

Fernaõ de Magalhães achou a Diogo Lopes com oito Malayos taõ embebido no jogo do xadrez, que quasi naõ fez caso do recado, e se contentou com dizer ao contra-mestre subisse á gavea para vêr se os batéis vinhaõ de terra. O que elle descobrio do alto foi hum dos Malayos, filho do General da empreza, com hum punhal para o metter pelas côstas de Diogo Lopes, e outro assenando que naõ era tempo, porque se esperava na terra o signal ajustado. Gritou o marinheiro a Diogo Lopes, que cuidasse em si, só no convéz, rodeado de oito inimigos. Elle se lançou ás armas; mas quando lhe acodíraõ, já os Malayos se tinhaõ embarcado, e fugiaõ com todas as manchuas. Ao mesmo tempo, que nos salvamos do perigo nas náos, foi visto em terra o signal do fumo acompanhado de hum vivo repelaõ sobre os batéis, e do massacro dos Portuguezes, que andavaõ pela Cidade. Unicamente escapáraõ vinte na Feitoria com Rodrigo de Araujo; e Francisco Serraõ com outros pode embarcar-se no batel da náo de Joaõ Nu-

Em vulg.

Era vulg. nes, e rompendo pelo meio de muitas embarcações dos inimigos, veio dar parte a Diogo Lopes do que succedia em Malaca.

Este Capitaõ chamou todos os Officiaes a Conselho, aonde houvéraõ muitos, que sustentáraõ, como á injúria semelhante, nem instantes se havia demorar a vingança, e que se désse fogo a todas as náos, que estavaõ no porto, excepto as dos Chinas. O maior número seguíraõ contrario parecer com o fundamento da diminuiçaõ da gente, da perda dos batéis, e que a Frota se fizesse á vela para andar pairando, até vêr se se entrava em alguma negociaçaõ para salvar as vidas de Rodrigo de Araujo, e dos vinte Portuguezes. Com outros muitos enganos, e recados fingidos traçavaõ ainda a nossa ruina o Rei, e Bandara; o que vendo Diogo Lopes lhes mandou dizer guardassem bem aos Portuguezes, que tinhaõ em seu poder; porque naõ tardaria muito em os vir buscar, e tomar-lhe conta da perfidia, que acabavaõ de usar com huma gente amiga, que nunca os offendêra.

Com

Era vulg.

Com a pequena satisfaçaõ deste recado sabio Diogo Lopes de Malaca, e navegou 40 legoas na volta da India á Ilha da Polvoeira, aonde mandou queimar a náo de Gonçalo de Sousa, por naõ ter gente para a marear, e no Cabo de Comorim perdeo a de Jeronymo Teixeira. Em Travancor soube, como o Vice-Rei D. Francisco de Almeida tinha partido para o Reino; e porque era seu parcial, e Affonso de Albuquerque governava a India, naõ quiz ir vello a Cochim com temor dos aggravos, ou do aggravado. Elle lhe escreveo os seus successos sobre Malaca; mandou a Garcia de Sousa, e a Jeronymo Teixeira com as náos, que o Vice-Rei lhe havia dado, e de Travancor navegou para Lisboa, aonde chegou felizmente no fim deste anno, que tratamos.

CA-

CAPITULO VII.

Escreve-se a primeira tomada de Goa por Affonso de Albuquerque, e os mais successos até o Hidalcaõ a recobrar.

Era vulg.

O GOVERNADOR da India Affonso de Albuquerque, que depois da expediçaõ infeliz de Calecut, nós o deixámos em grande perigo de vida na Cidade de Cochim, apenas convaleceo inteiramente das suas feridas, elle quiz justificar com façanhas novas o acerto das passadas; tapar as boccas dos emulos; dizer quem era, quaes os seus sentimentos antes obrando, que fallando. A continuaçaõ da guerra reprovada de Ormuz elle a escolheo para a sua chefe-acçaõ de Governador, e para ella aprestou huma Armada de vinte e tres náos com dous mil Portuguezes, e alguns auxiliares da India; publicando, que hia fazer huma Fortaleza na bocca do mar de Arabia, e reforçar com algumas daquellas náos a Esquadra, que na

na mesma Cósta mandava Duarte de Lemos. Despedidas as náos do Reino, sahio elle de Cochim para Cananor, e antes de entrar em Baticalá rendeo duas de Meca muito importantes.

Era vulg.

Era já pública a voz, de que o designio do Governador tinha por objecto a Ormuz: rumor, que trouxe a Baticalá com a sua Fróta de quatorze navios de remo ao nosso fiel amigo Timoja, que em huma conferencia representou ao Albuquerque: Que elle com razaõ se admirava, de que Armada taõ poderosa houvesse de se empregar em huma guerra distante, arriscada, e com menos lucro, deixando outra proxima, mais segura, e com interesses muito avultados: Que, primeiro que render Ormuz, e que edificar huma Fortaleza na Arabia, estava conquistar Goa, aonde o Hidalcaõ mandava construir muitas náos grandes, quantidade de fustas, e paráos para na primeira conjuntura invadir Cochim, e Cananor: Que a presente para as nossas armas era a mais favoravel, que se podia desejar; porque o Hidalcaõ tinha sido obri-

Era vulg. obrigado a marchar com grossos Exercitos para dissipar as discordias civis, que se tinhaõ levantado em todos os seus Estados, e atacar a alguns dos Reis visinhos, que lhe haviaõ declarado a guerra depois da morte do Çabayo seu Pai: Que esta morte, e aquellas guerras eraõ a causa do Hidalcaõ naõ haver já vingado no sangue dos Portuguezes os destroços, que elles fizeraõ na Cidade de Dabul; idéa, que elle Albuquerque devia prevenir com o temor, que lhe causaria a tomada de Goa; e que para o acompanhar na empreza elle se offerecia com a sua Armada.

Propoz o Albuquerque em Conselho este parecer de Timoja, que foi approvado por unanimidade de votos. Logo se procedeo a formar o plano da expediçaõ, e se resolveo que este nosso Alliado marchasse por terra a atacar a Fortaleza de Cintacorá, pertencente ao Hidalcaõ; aonde o iria tomar a Armada. Pouco depois da sua chegada a Goa veio Timoja, que deixava a Fortaleza rendida, e tragada do

fo-

fogoſ Portuguezes, e Alliados naõ po- Era vulg.
déraõ aqui conter o júbilo, que lhes
causava só o projecto concebido da con-
quiſta de Goa, que se animava com a
esperança das riquezas, com a da poſ-
se da agradavel Cidade; fazendo os
seus officios, em huns o amor da gló-
ria, em outros a ambiçaõ, em quasi to-
dos o interesse, para ser geral a com-
placencia. Elles estavaõ vendo a Cida-
de magnifica, situada na Ilha do seu
mesmo nome, cortada do Continente
por hum rio caudaloso, que por duas
boccas se mettia no mar, na Ilha cha-
mada Trisvari, que tem de cumprimen-
to quasi tres legoas, e de largura em
partes mais de huma, donde estreita
menos de meia; Emporio célebre do
Oriente, depois a Capital do Estado
Portuguez na Asia.

Esta Ilha, ainda que pequena, pó-
de sustentar Póvos numerosos, por ser
copada de densos arvoredos todos fru-
ctiferos, por ser abundante de muitos
generos de plantas, por nutrir quanti-
dade de gados, por produzir varieda-
des de alimentos, pela regarem fontes
pe-

Era vulg. perennes de boas aguas. A Cidade estava cercada de muros com altas torres, defendidas de muita artelharia; as casas eraõ vistosas; a temperie do Ceo excellente; o porto muito seguro; que convidava os mercadores Estrangeiros para se estabelecerem na Cidade. Os Templos, ou Mesquitas do rito Mahometano se haviaõ edificado com despezas enormes, dotados de grossas rendas para a sustentaçaõ dos seus Sacerdotes. Em Goa succedeo, pouco depois da sua conquista, que abrindo hum Portuguez os alicerces para fazer a sua casa, apparecesse nelles a Imagem de hum Crucifixo de metal, que se mandou a El-Rei D. Manoel para prova, de que antigamente florescêra em Goa o Christianismo.

Chegado Affonso de Albuquerque a esta Cidade, e unida á sua a Armada de Timoja, mandou a seu sobrinho D. Antonio de Noronha, a Simaõ de Andrade, e a Simaõ Martins, que com os navios de remo entrassem no porto, e fossem atacar hum Forte, que nos podia incommodar. Na sua reta-guarda para

ra

ra os soccorrer marchavaõ os batéis bem Em vulg. protochados ás ordens de Jorge Fogaça; de Jeronymo Teixeira, de Joaõ da Nova; de Jorge da Silveira, e de Garcia de Sousa. O Piloto Mór foi encarregado de sondar as embocaduras, e o rio para se vêr se podiaõ entrar sem perigo as náos de alto bórdo. Timoja teve ordem para investir com a sua gente outra Torre pouco apartada da Ilha, bem municiada; partindo estes Chéfes com tanto esforço, e dando nos lugares destinados com tal impeto, que os inimigos, huns mórtos, outros fugidos, os desampararaõ. Immediatamente se determinou, que D. Antonio de Noronha fosse sobre hum lugár da Ilha chamado Pangim; e Timoja sobre o de Bardez na terra firme. Ambos encontraraõ resistencia; mas derrotando aos contrarios com corage, ambos os lugares se rendêraõ.

No dia seguinte se uniraõ todos os navios pequenos aos de D. Antonio; e o Governador naõ querendo ainda mover as náos, embarcou na galé de Diogo Fernandes de Béja para se mostrar a Goa.

Esta vulg. Goa. Ao seu bórdo o viéraõ buscar os Mouros de Dio estabelecidos na Cidade por causa do seu Commercio, e lhe representáraõ: Que elles deviaõ ser comprehendidos no Tratado de amizade celebrado entre o Vice-Rei D. Francisco, e Meliqueáz, attendidos como bons alliados, que fielmente o informariaõ do estado, em que se achava Goa. Affonso de Albuquerque lhes prometteo muito mais do que elles podiaõ desejar, se com exacçaõ, e verdade o instruissem nos negocios, em que elles mesmos interessavaõ a sua fortuna, e a sua vida. Com fidelidade lhe asseguráraõ os Mouros, que a guarniçaõ, e os habitantes de Goa, bem longe de se poderem defender, estavaõ occupados do medo, entre si divididos, huns querendo a resistencia, outros a entrega; mas todos sem juizo, nem conselho para se deliberarem: que nestes termos devia fazer a conta, de que Goa era huma Cidade já mettida no número das suas conquistas.

O Governador com este informe resolveo eleger os mesmos Mouros para seus

seus Deputados, e mandallos represen- Esta mulg.
tar aos de Goa em seu nome: Que elle
vinha com aquella Armada, naõ para
lhes derramar o sangue em hum si-
tio porfiado, mas para os livrar do
jugo violento de hum tyranno, e os
fazer gostar o suave do Rei de Portu-
gal D. Manoel: Que se quizessem en-
tregar-se sem desembainhar as armas,
lhes prometia o livre exercicio da sua
Religiaõ, huma liberdade plena, e a
observancia das suas leis, usos, e cos-
tumes; abatendo-lhes nos tributos a
terça parte do que elles pagavaõ ao
Hidalcaõ. Poucos dos soldados, que pas-
sáraõ para a terra firme, naõ conviè-
raõ na acceitaçaõ destas promessas. To-
dos os mais attrahidos da sua franqueza,
ou movidos pelo susto das desgraças,
que os ameaçavaõ, abriraõ as portas de
Goa, por onde entrou o Governador
no dia dezasseis de Fevereiro deste an-
no de 1510. Elle tomou posse desta
Capital em nome do seu Rei, e ao som
de muitos instrumentos, do estrondo
dos canhões acceitou o juramento de fi-
delidade dos moradores principaes, que

Efta vulg. o conduzíraõ á Cidadela, dahi ao Palacio do Rei, aonde lhe entregáraõ as chaves da Cidade.

Sobre os muros, e no Arfenal fe achou huma quantidade prodigiofa de artelharia, de armas, e munições de guerra, que pôz a todos em admiraçaõ: nos eftaleiros 40 nãos gróffas, e grande número de embarcações ligeiras: muitos cavallos da Arabia, e da Perfia, e 160 nas cavalharices do Rei. Depois de tudo muito bem examinado, o Albuquerque proveo o governo da Cidade em D. Antonio de Noronha; a Alcadaria Mór em Gafpar de Payva, a Feitoria, que entaõ era o Magiftrado público, em Francifco Corvinel; e inftruindo-o hum Gentio da terra nas importantes rendas das Alfandegas da Ilha, de que refultavaõ tantos interefſes a El-Rei, elle o fez faber aos feus Officiaes para os perfuadir á neceffidade de invernarem em Goa para fe regularem negocios taõ intereffantes, na qual algum delles entaõ pôz duvida. O ferviço, que os Mouros haviaõ feito, foraõ remunerados com indultos, e graças

cas particulares. Nas donzellas, que estavaõ no Palacio do Rei, se mandou ter grande vigilancia, para que ninguem as offendesse: protecçaõ, que mereceo ao Governador hum geral applauso, e dos moradores de Goa o reconhecimento mais distincto.

Quando os Portuguezes souberaõ por experiencia a qualidade do Dominio, de que estavaõ senhores, entenderaõ deviaõ conservar a conquista de Goa, e da sua Ilha a todo o preço para Capital de hum Estado na Asia. Com esta idéa, o Governador se applicou a ganhar a inclinaçaõ dos naturaes, a estabelecer as utilidades do público, a ter os Mouros contentes, como primeiros moveis de todo o negocio, e a prover os cargos em pessoas do Paiz, que satisfizessem aos seus paizanos. Em outros expedientes mostrou elle a sua dexteridade, e politica, aquella na eleiçaõ, que fez de Timoja para administrar as rendas públicas, e refrear as fraudes no Commercio; esta na civilidade, com que tratou dous Embaixadores, hum de Ismael, Sophi da Persia, ou-

Era vulg. outro de Ceifadim, Rei de Ormuz, que seus Amos tinhaõ mandado ao Hidalcaõ. A sua mesma politica lhe inspirou a necessidade de fazer Tratados de alliança com os Reis visinhos de Goa para estabelecer o seu crédito naquelles contornos, ter amigos nas occasiões, e com estes designios mandou Gaspar Chanoca por Embaixador aos Reis de Vengapor, e de Narsinga, que o recebêraõ com grandes honras.

Com o mesmo caracter mandou a Rodrigo Gomes dar parte ao Sophi Ismael do que acabava de fazer em Goa, e de caminho negociar com Ceifadim em Ormuz a segurança dos Portuguezes, que hiaõ commerciar á sua Corte. Naõ chegou a ter effeito esta Embaixada da Persia: porque Cogeatar, receoso de que nós ajustassemos alliança com o Sophi, matou com veneno em Ormuz a Rodrigo Gomes. Tantas acções sublimes do Governador principiáraõ a ser deprimidas por muitos dos seus Officiaes, que atacados pelo monstro da invéja, se servíraõ do pretexto de naõ quererem invernar em Goa

pa-

para sustentarem infallivel o estrago, o perigo, o destroço da nossa gente, e a força de calumnias, de improperios, de affrontas sublevarem 900 homens contra o seu Chefe. Este prendeo em huma noite nas casas dos conventiculos aos cabeças da sedição; mas pouco depois foraõ soltos sem mais fiador, que a simples promessa, de que ficavaõ em Goa obedientes ás ordens do Albuquerque. Alguns esquecidos desta promessa, sempre ciosos das felicidades deste grande homem, naõ respirando mais, que meios de o inquietar, por proprio arbitrio se fizéraõ á véla para Cochim; rebeldes mesmo á expensas do serviço do Rei, e da Patria. Sen. vulg.

Nesta figura se achavaõ os negocios de Goa, quando o nosso Alliado Mandaloi, Senhor do Condal, avisou ao Albuquerque, como o Hidalcaõ com a noticia da tomada da sua Capital, fizera logo trégoas com os Principes seus inimigos; que com Exercito muito numeroso marchava a recobrar a sua perda; e que elle necessitava dos nossos

Estranh. soccorros para se defender no caso de ser invadido. O Governador lhos mandou promptos ás ordens de Jorge da Cunha, e fez passar á terra firme ao Adail de Goa o valente Diogo Fernandes de Faría com doze cavallos, e mil Malabares para explorar os intentos do inimigo. Como se soube que elle se apoderára das terras do Condal, ordenou-se a Jorge da Cunha, que se retirasse para a Ilha; applicando-se todos os cuidados á sua defensa.

O Hidalcaõ animou a sua gente com hum discurso vasto, em que lhe propôz a importancia da reconquista de Goa; o pouco que era para temer o pequeno número de Portuguezes, que como barbaros faziaõ a guerra taõ longe dos Dominios do seu Rei; que elle para os atacar tinha alistados mais de 40000 Infantes, e 7000 cavallos; que com a vã-guarda deste Exercito fizéra marchar para o passo de Benastarim Pulatecaõ, seu Tenente General, e hum dos primeiros Capitães do seu Reino, e que elle o seguia com o resto das forças para lançar os Portugue-

mes de Goa, ou morrer na empreza. Naõ obstante estas razões do Principe, e a grande superioridade das forças, os Barbaros sempre temêraõ que em occasiaõ de tanto empenho os Portuguezes se arrojassem a algumas daquellas temeridades de valor, que os ensinava a desprezar o maior número para levarem avante os projectos depois de concebidos.

Este, em que o Albuquerque estava mettido, tinha muito de difficultoso, seja pela gente, que lhe desertára para Cochim, seja pela pouca, que lhe ficára, seja pelos muitos póstos, que tinha de defender em toda a Ilha, seja pelo grande recinto da Cidade, que requeria huma guarniçaõ numerosa; ou seja pela desconfiança dos moradores, que já se lembravaõ do seu Principe confórme na Religiaõ com elles. Naõ perturbáraõ estas considerações o espirito sublime do Albuquerque para lhe impedírem os aprestos da defensa com ardor incrivel. Depois de fazer os necessarios na Cidade, cuidou nos passos da Ilha; encarregando o de Benastarim

Era vulg. a Garcia de Sousa, que além da gente com que guarneceo a trincheira, levou a Ayres de Sousa com o seu navio para defender o rio: no do váo chamado Gandalim, postou a Francisco Pereira Coutinho com mil homens da terra: no de Aguacim pôz a Lopo de Azevedo com alguma gente amparada do fogo da galé de Diogo Fernandes de Béja, e dos navios de Fernaõ Peres, e de Luiz Coutinho. Entre este passo, e o de Benastarim fez andar como de ronda a Simaõ de Andrade com huma galé, a Simaõ Martins em huma galeota, a Bernardim Freire, e a Pedro da Fonséca em dous batéis, e por guarda da praia de Goa a Jorge da Cunha com sessenta cavallos.

Feitas estas disposições, o Governador se recolheo á Cidade com Timoja, com os mais Capitães, e soldados, que restavaõ. Pulatecaõ, que já havia assegurado a terra firme, e plantado no passo de Benastarim descobria na Ilha o campo de Garcia de Sousa, mandou á frente delle com signal de paz a Joaõ Machado, hum dos desterrados deixado

em

em Melinde por Pedro Alvares Cabral; que elle tinha em seu poder com apparencias de Mouro. Garcia de Sousa o ouvio protestar a Fé, que guardava de Christaõ no fundo do espirito: que por honra della, e pelos interesses do seu Soberano legitimo, vinha avisar ao Governador da India para se naõ fiar nas palavras dos moradores de Goa, que o haviaõ entregar; para naõ se expôr aos perigos de huma guerra sem proporçaõ contra o Exercito formidavel do Çabayo Hidalcaõ, que o podia subprender; para que logo abandonasse a Ilha de Goa se queria conservar a pouca gente, que tinha, antes que o maior rigor do Inverno o pozesse inhabil para receber soccorros.

Em vulg.

Affonso de Albuquerque, que conheceo a industria dos Barbaros, servio-se deste aviso para com mais actividade mandar acabar os trabalhos começados, e pôr-se em estado de sustentar, e repellir os esforços dos inimigos. Pulatecaõ observando pelas precauções do Governador, que de nada

lhe

Era vulg. lhe valêra a idéa do aviso, fez muitos trincheiramentos na embocadura do rio para se cobrir ao nosso fogo, e lançou nelle muitas jangadas para lhe facilitarem o transito de Salcete para a Ilha. Como Fernaõ Peres, Luiz Coutinho, Bernardim Freire, e Diogo Fernandes de Béja naõ podéraõ impedir, nem depois derrotar estas manobras, avisáraõ ao Governador, que veio em pessoa examinallas. Á sua vista entendeo, que nada mais podia fazer, que recommendar áquelles Capitães o valor na defensa do passo, quando Pulatecaõ o invadisse, e elle se recolheo a dar na Cidade, já perturbada pela perfídia dos moradores, novas, e promptas providencias.

Como a gente de Goa via taõ perto a pessoa do seu Principe, ella se cobrio de pejo pela covardia, com que entregára huma Cidade taõ respeitavel sem fazer a menor resistencia: sentia a rapidez, com que muita parte della abandonára a Religiaõ dos seus Maiores, e para dar a primeira prova dos desejos, que tinha de expiar os seus

cri-

crimes na face do Soberano; sabendo, que o Governador se queria servir das cotias, e embarcações ligeiras da terra para a defensa dos passos do rio; ella teve industria de as mandar ao Hidalcaõ, que estimou o presente, como penhor da fé dos seus vassallos. Quizéra o Alququerque dissimular esta perfidia, por naõ expôr com o castigo a maiores contingencias huma dominaçaõ, que nascia. Por outra parte se lhe fazia intoleravel, que huma trahiçaõ taõ manifesta houvesse de ficar impunida. Arbitrou a sua prudencia hum meio entre justo, e suave; que foi chamar os cabeças da perfidia com pretextos honestos; e castigar nas suas vidas o delicto da multidaõ. Desenganou-se o Governador, de que só o seu valor havia tomar as medidas para a defensa, naõ perdoando a alguma, que contribuisse para a segurança de Goa, para a reputaçaõ das armas, para o crédito da pessoa.

Era vulg.

CA-

CAPITULO VIII.

Como o Hidalcaõ restaurou a Cidade de Goa; da grande fome, que padecêraõ os Portuguezes, e do mais que obrou Affonso de Albuquerque.

Era vulg.

OS grandes desejos, que Pulatecaõ observava no seu Soberano de reduzir Goa á sua obediencia, o empenháraõ para investir com todo o esforço os passos da Ilha; mas notando, que naõ lhe bastava o valor para abater a corage dos Portuguezes, sem o acompanhar de industria, elle arbitrou huma, que a estaçaõ lhe faria favoravel. Foi ella a de esperar pela primeira noite mais tempestuósa do Inverno, que chegou a 17 de Maio bem propria para a invasaõ naõ prevista, em que Çufalarim pelo passo de Benastarim, e Melique Çufgorgi pelo de Çancalim entráraõ na Ilha com gróssos destacamentos, sem que os nossos pelo escuro da noite, e pela continuaçaõ da chuva lho podessem impedir. Quando os inimigos foraõ senti-

tidos; os Portuguezes naõ deixáraõ de fazer huma resistencia, ainda que vaga, e duvidosa, cheia de magnanimidade, e de valor. Mas aquellas difficuldades, a morte de Jorge de Sousa; a entrada na Ilha de Pulatecaõ com todas as forças, reduzíraõ os espiritos a tal aperto, que a gente desamparou os póstos da mesma Ilha para se salvar na Cidade. Era vulg.

Cresciaõ nella os cuidados com a certeza, de que mais de mil soldados dos naturaes da terra haviaõ promettido a Pulatecaõ de passarem para o seu campo na primeira conjuntura. O Governador para se descartar destes trahidores, ou para provar a verdade da sua boa, ou má fé, os mandou soccorrer o passo de Benastarim; mas elles endireitáraõ a marcha para o campo de Pulatecaõ. Os Mouros, os mercadores, e a paisanage ficáraõ expostos ao furor do Albuquerque, que mandando prender a muitos dos principaes, fez pendurar nas forcas os mais distinctos, os ricos, os poderosos; sobmettendo-se callados os humildes para depois tomarem

Esta vulg. rem o partido dos vencedores. Como os inimigos podéraõ apagar o fogo, que nas suas embarcações ligeiras havia posto com valor desmedido o Adail Diogo Fernandes de Faria, elles se avançavaõ para a Cidade, e porque os seus muros em muitas partes estavaõ arruinados, o Governador reforçou de mais gente algumas estancias para oppôr á fraqueza dos muros o reforço dos peitos.

No lanço do postigo de Mandovi, que era o mais arriscado, postou a seu sobrinho D. Antonio de Noronha, e os outros, tambem arruinados, os encarregou a Ayres da Silva, a Fernaõ Peres de Andrade, a Simaõ de Andrade, a Jorge Fogaça, aos irmãos D. Jeronymo, e D. Joaõ de Lima, a Diogo Fernandes de Béja; ficando elle de sobre-ronda para acodir, aonde a maior necessidade o pedisse. Depois expedio huma fusta a Cochim, avisando do aperto em que se achava aos Capitães Jorge da Silva, e Jeronymo Teixeira, que com as suas náos haviaõ desertado de Goa, pedindo-lhes o soccorressem em

oc-

merecessaõ de tanta honra. Estes homens se fizeraõ desentendidos ás vozes do seu Chefe, ou arrastados do odio, que contra elle concebêraõ, ou por se naõ exposem aos perigos, que receavaõ.

Era vulgá

O primeiro posto atacado por Pulatecaõ na testa de doze mil homens foi o de D. Antonio de Noronha, que naõ só os rechaçou, mas fazendo huma sahida tirou a vida a grande numero delles: esforço, que de nada mais servio, que para qualificar a nossa coragem, sem podermos salvar Goa do grande poder dos Barbaros. Alguns dos Capitães desgostados cuidavaõ menos na defensa, que em sublevar a gente para naõ obedecer ao Governador, e persuadillo se embarcasse, antes que os inimigos os passassem á espada. A vinda do Hidalcaõ sobre Goa com o resto do poder acabou de pôr em emoçaõ aos Mouros, e moradores da Cidade, que aproveitando-se da nossa perturbaçaõ, desertavaõ em bandos. O Governador naõ podendo remediar tantas desordens, nem oppôr-se aos inimigos, que por todas as partes o atacavaõ, elle se re-

ti-

Era vulg. tira ao Castello para facilitar o embarque das trópas.

Naõ se desvelava menos o Hidalcaõ em impedillo de fórma, que nem hum só Portuguez lhe escapasse. Com este designio manda tupir a sahida do porto por huma grande náo carregada de arêa mettida a pique; mas o Albuquerque ordenou aos Pilotos sondassem o fundo do canal, que achando-se praticavel, se resolveo tentar o bota-fóra. Recolhêraõ-se na Armada as munições, e mantimentos; foraõ enforcados 150 Mouros trahidores, que estavaõ prezos; jarretadas as pernas aos cavallos; recolhidas a bórdo as mulheres, mininos, e Mouros amigos; mas o incendio, que D. Antonio de Noronha fez atear nos arsenaes, revelou aos Barbaros o segredo do nosso embarque, e se movêraõ para o impedir. A praia foi o campo de huma batalha formidavel, aonde disputavaõ o valor dos Barbaros com a esperança de ganharem huma victoria nova; o dos Portuguezes para salvarem comsigo outra esperança de recobrarem a que perdiaõ. Os nossos Fidal-

dalgos cobrindo a reta-guarda, naõ só sustentáraõ todo o pezo da refrega, mas conseguíraõ, que a gente, ainda que toda ferida, se embarcasse sem a perda de hum só homem.

Era vulg.

Assim abandonou o grande Albuquerque no dia 30 de Maio a Cidade de Goa, que dominou tres mezes, e meio; levando firme a idéa, de que tomaria sobre ella outras medidas taõ ajustadas, que perpetuassem o dominio. Elle levou a Fróta para Ribandar, aonde naõ podia deixar de ter o Inverno, que impedio a sahida da barra, nem lhe fugia a consideraçaõ da grande fome, e sede, que se havia experimentado, com tantas difficuldades, que vencer para as prevenir. Estes discursos vulgares já rompiaõ em comoçóes sediciosas, e entre os Cabos descontentes, Francisco de Sousa Manicas, esquecendo-se de quem era, e da qualidade de Official, com a sua náo investio a barra para se separar do Governador. Como naõ a pode vencer, e retrocedeo, o Chéfe o cobrio do pejo da degradaçaõ pública na face da Armada, prendendo-o,

Ext. vulg. do-o, e privando-o do posto, que proveo em outro depois de lhe fazer sobir o sangue ao rosto com huma reprehensaõ, que podemos chamar sanguinaria.

Já extrema a fome, que forçava a gente a comer os insectos, a roer nos couros cosidos das arcas; as náos atacadas pelo fogo do Fórte de Pangim, que defendia a barra, e pelo das baterias, que o Hidalcaõ mandára plantar pelas margens do rio: estes dous incommodos obrigáraõ o Governador a fazer dous movimentos. O primeiro foi mudar a ancorage para o rio entre a Ilha de Divar, e a Terra firme, aonde os soccorreo a Providencia com alguns peixes, que os marinheiros pescavaõ. O segundo proposto por Timoja, foi mandar hum dos seus Capitães chamado Menaique com D. Antonio de Noronha á mesma Ilha de Divar, e á de Choraõ, aonde subprendêraõ felizmente aos habitantes, os pozeraõ em fugida, e se recolhêraõ com algumas cabeças de gado grosso, que matou a fome por poucos dias. Ella reviveo entre-

tucima como antes; a sede teve alivio pelas muitas chuvas, que adoçáraõ á agua do rio; mas redobráraõ-se os cuidados com o aviso do degradado Joaõ Machado, que fez saber ao Governador, como o Hidalcaõ preparava muitos brulotes para lhe queimar a Armada, e oitenta navios de remo para acabarem de destruir as reliquias, a que perdoasse o fogo.

Sempre a Naçaõ Portugueza soube tomar resoluções sublimes no meio de negocios desesperados. O Governador chama a conselho os Capitáes, e soldados velhos: communica-lhes os avisos do Machado: propõe-lhes as miserias de que estaõ rodeados todos: como o Fórte de Pangim he o embaraço unico dos seus movimentos; Pulatecaõ, que o cubria com tres mil homens, o obstaculo das suas resoluções: que elle entendia naõ lhes restava outro refugio para a salvaçaõ de todos, senaõ atacar Pulatecaõ, e render Pangim. Como Affonso de Albuquerque achou na sua gente huma intrepidez bem superior á situaçaõ triste, em que ella se

Egl. mdg.

Epa volg. se achava: Dispôz, que Simaõ de Andrade com cem homens investisse o campo de Pulatecaõ: que Simaõ Martins com os espingardeiros, e bésteiros se postasse em hum passo estreito para impedir a retirada daquelle General: que Diogo Fernandes de Béja, e Affonso Pessoa das suas galéz fizessem fogo sobre os que intentassem soccorrer o Fórte de Pangim: que este por hum lado o atacaríaõ Manoel de la Cerda, Sebastiaõ de Miranda, Nuno Vaz de Castello Branco, e pelo outro D. Jeronymo de Lima, Ayres da Silva, Jorge Fogaça, D. Joaõ de Lima, e Fernaõ Peres de Andrade.

Todas estas marchas assim concertadas; a favor de huma vaga surda, e da escuridade da noite, duas horas antes da manhã os Officiaes com os seus destacamentos se avançáraõ aos lugares respectivos dos seus ataques. Como os inimigos dormiaõ bem descuidados, de que os Portuguezes rodeados de miserias houvessem de ter pensamentos taõ cheios de audacia: antes de sermos sentidos, elles no campo, e na

Pra-

Praça ao mesmo tempo foraõ atacados. Em hum repelaõ taõ rápido como breve, degollados 250 Barbaros, Pangim foi ganhado, Pulatecaõ posto em fugida, o Hidalcaõ ficou atonito, Goa com sustos novos, e nós recolhemos na Armada os viveres, as munições, a artelharia do Fórte, que era nossa. Quatro soldados tivemos mórtos nesta expediçaõ, e poucos feridos; mas adquirimos tal reputaçaõ, que o Hidalcaõ temeroso, de que marchassemos sobre Goa, depois de lhe dobrar a guarniçaõ, mandou por Joaõ Machado offerecer paz ao Governador.

Este degradado, que dava próvas da sua fidelidade á Patria, o advertio, que naõ acceitasse a paz sem condições muito vantajosas; porque o Hidalcaõ as comettia forçado da necessidade para acodir á invasaõ do Rei de Narsinga, que vinha restaurar a Praça de Taracol, pouco antes tomada pelo Hidalcaõ. Além disto o Albuquerque naõ queria ligar-se com os vinculos da mesma paz, que lhe atavaõ as mãos para a reconquista de Goa; mas para entreter o tem-

po, em quanto o Inverno passava, resolveo-se a fazer, mudar, e alterar propostas taõ estranhas á dignidade do Hidalcaõ, que depois de muitos, e repetidos recados rompessem á negociaçaõ todos os meios.

Como estas vantagens diminuíraõ nos Portuguezes os trabalhos, a necessidade, a miseria, tomou forças o vicio, ardeo a concupiscencia, e a vista da formosura das Damas de Goa, que o Albuquerque fazia guardar nas náos com toda a vigilancia, ou para as conduzir a Portugal para lisongear com a sua especiosidade a Rainha D. Maria; ou para depois as casar com Portuguezes, como fez na segunda tomada de Goa; esta vista inclinou os affectos, que rompendo as medidas da moderaçaõ, foraõ origem de grandes desordens. Entre os mais descomedidos se distinguia Rodrigo Dias, filho de hum Escrivaõ de Alenquer, que tinha o atrevimento de ir todas as noites á náo do General render a huma das Damas os phrenesis impuros, que se cohonestaõ com o nome de civilidades. Soube-o o Al-

Albuquerque, e formado processo ao delinquente, teve sentença de forca. Alguns Fidalgos complices mais acautelados no crime de Rodrigo Dias, pedíraõ com instancia a vida do réo; mas naõ o podendo conseguir, mettêraõ em uso todos os esforços, para que a ignominia da forca se lhe comutasse na honra de morrer degollado. Era vulgar.

Sendo a alma destes officios o desendimento, as grosserias, as vozes de sediçaõ; o Governador naõ só deixou de atendellos, mas prendeo debaixo da coberta da sua náo a maior parte dos Procuradores. Advertindo depois, que naõ podia escusar o serviço de tantos homens distinctos, manda soltallos. Elles, tomados da cólera, clamaõ, rugem, daõ bramidos queixosos, de que com huns homens da sua qualidade se use de huma contumelia, que naõ he compensavel: que elles naõ querem ser soltos, senaõ virem a Portugal naquella mesma prizaõ dura, e infame para nella representarem ao Rei quem era Affonso de Albuquerque. Este Chéfe, a tudo superior, naõ se embaraça, sup-

 pôe

[Ida vulg.] põe as palavras de ira hum parto da loucura, que como inhabilitava a quatro Comandantes de náos para servirem, os privou das Capitanías, e as proveo em Antonio de Almada, em D. Joaõ de Lima, em Antonio de Mattos, e em outro a que naõ sabemos o nome.

Por avisos novos de Joaõ Machado, quando estas cousas succediaõ, foi informado o Albuquerque, como o Hidalcaõ sentíra tanto a derrota do seu General, e a perda de Pangim, que determinava tomar satisfaçaõ desta injúria; mandando sobre a sua Armada oitenta fustas bem fornecidas de artelharia, e de gente para huma invasaõ repentina. O Governador seguindo o genio dos Portuguezes, que sempre disputáraõ aos seus inimigos a vantagem de ser os primeiros em investir; elle ordenou a seu Sobrinho D. Antonio de Noronha, que fosse atacar a Fróta contraria no mesmo porto de Goa, aonde ella se preparava. Offerecêraõ-se a D. Antonio, e elle conseguio levar comsigo, como soldados voluntarios, todos

dos os Fidalgos prezos, que esquecê- Em vulg.
raõ a injúria á vista da occasiaõ da honra no serviço da Patria. Em déz batéis o acompanháraõ outros Capitães, nas suas galéz Diogo Fernandes de Béja, Affonso Pessoa, e Joaõ Gonçalves de Castello Branco em hum paráo.

Estes tres Capitães foraõ devaçar todo o rio pela parte, que banha a Cidade de Goa, e Joaõ Gonçalves o fez com valor taõ confiado, que batia com os remos em terra. Observando que ninguem lhe tomava contas do atrevimento, voltou a incorporar-se com as galéz, que esperavaõ por D. Antonio. Elle descobrio na Ilha de Divar trinta paráos, que Çufalarim punha em movimento para o virem atacar; e receoso de ficar mettido entre este fogo, e o da Armada da Cidade, mudou a ordem de batalha, que trazia. Dividio elle em duas a sua Esquadra: huma de quatro batéis, e as galéz, que elle mandava com os dous irmãos D. Jeronymo, e D. Joaõ de Lima, com Garcia de Sousa, para investir a Çufalarim: outra de seis bateis ás ordens de Jor-

Jorge da Cunha, de Luiz Coutinho, de Bernardim Freire, e de outros Capitães, para atacarem á Armada da Cidade.

Com ardor incrivel por àmbas as partes durava o combate por algumas horas sem se declarar a fortuna, nem perceber vantagem. D. Antonio derramava o terror na Esquadra de Çufalarim: dos seis bateis á vista mesmo do Hidalcaõ, que estava sobre os muros de Goa, se obravaõ proezas, que punhaõ em admiraçaõ a amigos, e a contrarios. Mas em fim como nas Prôas, tanto a de Divar, como a da Cidade, já a mortandade era intoleravel, ellas viráraõ prôas, e foraõ varar em terra, aonde naõ podiaõ chegar os nossos bateis, que demandavaõ mais fundo. D. Antonio naõ pode soffrer lhe escapasse Çufalarim, que foi varar defronte da porta de Santa Catharina; e porque para este lugar o chamavaõ os fados, elle se arroja a atacar debaixo dos muros a grande fusta pela vêr só com a prôa em terra, o mais corpo em boa fundura. Elle a ferrou pela poppa, e de hum

hum salto a entráraõ os dous façanhosos irmãos Simaõ de Andrade, e Fernaõ Peres de Andrade seguidos por tres valentes soldados.

Quando estes cinco bravos davaõ golpes, que excediaõ as forças da humanidade, D. Antonio querendo entrar a soccorrellos, huma seta despedida dos muros de Goa lhe atravessou a cocha da perna esquerda com tanta violencia, que deo com elle no convez, sem mais se poder mover. A tripulaçaõ sentida, e officiosa, por lhe accodir, naõ sentio apartar-se o batel da Fusta, aonde os cinco Aventureiros ficavaõ expostos á furia de huma multidaõ barbara. Baixava a maré, ficava a fusta em secco, e de todas as partes corriaõ de tropel os inimigos para acabarem com os dous Fidalgos, e os tres camaradas, que eraõ o seu escandalo. Mas o seu valor se redrobava ao passo, que o perigo crescia, com tanta admiraçaõ do Hidalcaõ, que estava pasmado nos muros, observando cinco monstros de corage, que naõ podia crêr homens. O animoso Mestre do batel de Luiz Coutinho com sete

te marinheiros os salvou da escravidaõ, ou da mórte, quando Diogo Fernandes de Beja com o mesmo designio fazia esforços inimitaveis.

A noite fez recolher aos nossos para a Armada do Governador, e esta victoria sería para nós huma das mais gloriosas pela grande mortandade dos inimigos, sem perdermos da nossa parte hum só homem, a naõ faltar tres dias depois D. Antonio, que foi geralmente chorado, e do Governador sentida a sua mórte, naõ só como de hum sobrinho, que muito amava, mas como a de huma creatura da sua disciplina, de hum dos Officiaes mais bravos, que o Rei tinha no seu serviço. Foi sepultado o cadaver de D. Antonio de Noronha debaixo de huma pedra na terra firme de Bardez, donde depois o mesmo Albuquerque fez trasladar os ossos para a Cathedral de Goa.

O Hidalcaõ, que nos tornou a offerecer a paz com a infame condiçaõ de lhe entregarmos o nosso fiel amigo Timoja, e por isso foi a proposta desprezada, naõ só deo públicos testemu-

nhos

nhos de sentimentos pela mórte de D. Antonio, mas mandou visitar a Simaõ de Andrade, e a seu irmaõ Fernaõ Peres por Joaõ Machado, que lhes assegurou da parte daquelle Principe: Como elle naõ podia dissimular a invéja, que tivéra, quando os vio obrar tantas façanhas na fusta de Çufalarim: que com dous homens como elles, lhe era bem facil conquistar toda a India; e que dalli em diante o tivessem na conta do seu mais especial amigo. Os dous Fidalgos lhe respondêraõ: Que estimavaõ tanto a honra, que lhes fazia, quanto sentiaõ na occasiaõ, em que lhes fallava, naõ poder renderlhe maior serviço, que o bem pequeno, que lhe haviaõ feito; mas que esperavõ occasiaõ de o avançar com tanta vantagem, que elle tambem a tivesse de augmentar a amizade.

Deste modo acabou a primeira guerra de Goa. Còmo os doentes eraõ muitos, logo depois da batalha de D. Antonio de Noronha o Governádor os mandou adiante para Angediva na náo de Nuno Vaz. Elle seguio com a Arma-

Em. vulg. mada a mesma derrota; mas porque ella necessitava de muito reparo, os doentes, e feridos de cura mais prompta, a gente fatigada de descanço, elle se fez á vela para Cananor a 15 de Agosto deste anno. No mesmo dia antes de montar o Cabo de Rama, encontrou cinco náos nossas, que vinhaõ do Reino; huma ainda pertencente á Armada do Marechal, que invernára em Moçambique, de que era Capitaõ Francisco Marecos; e as quatro, que traziaõ o destino de Malaca, á ordens de Diogo Mendes de Vasconcellos com os Capitães Balthasar da Silva, Pedro Coresma, e Jeronymo Cerniche. Este encontro causou grande prazer a Affonso de Albuquerque, que nós deixaremos, descançando em Cananor de tantas fadigas gloriosas, para continuarmos nos Livros seguintes com o progresso das suas façanhas, que em todas as idades haõ de occupar as cem boccas da Fama.

LI-

LIVRO XXXVIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continúa a vida del Rei D. Manoel com os successos do anno de 1510 em Africa, na Europa, e na India, até novas expedições do grande Affonso de Albuquerque.

Era vulg. 1510

SE os ultimos acontecimentos da India, foraõ pouco vantajosos aos interesses do Rei D. Manoel, a justo titulo chamado, o Filho da Ventura, por causa da perda de Goa, elles foraõ hum retrocesso, hum fazer a mesma ventura pé atraz para logo correr á felicidade na mesma acceleraçaõ mais firme. Em Africa, depois que o Rei de Féz levantou o sitio de Arzila, que fica referido, ella reforçou o passo para reparar a fadiga, que teve na India; levan-

Era vulg. vando na sua tésta ao grande Nuno Fernandes de Ataide, e ao bravo D. Vasco Coutinho, Conde de Borba. O primeiro, mandando oitenta cavallos, derrotou hum corpo de Mouros com mórte do seu Alcaide Bengamene, de outros Agarenos destimidos, além dos que perdêraõ a liberdade. O segundo invadio duas Aldêas, onde fez 30 prisioneiros, e se recolheo com a preza de 1600 cabeças de gado, que fornecêraõ a sua Praça. Barraxe, e Almandarim quizéraõ despicar estas injúrias, vindo com hum grosso Exercito bater ás pórtas de Arzila; mas os de dentro lhes respondêraõ em tom taõ féro, que se retiráraõ contentes por nos darem huma mostra de guerreiros.

Já neste tempo o célebre Caciz de Numidia, que eu disse, se servíra das suas indústrias para se fazer o tronco da Familia dos Xerifes, havia mandado para o Reino de Féz a seus dous filhos os presumidos deificados Mahamet, e Mahumed para darem principio aos vastos projectos concebidos por seu Pai. Elles se apresentaraõ no Paço do Rei

Mu-

Mulei Hamet com o semblante officioso de quem vinha aliſtar-ſe no ſeu ſerviço contra os Portuguezes, que divertiaõ a muitos dos ſeus vaſſallos dos caminhos da antiga Lei do Profeta. Como elles viraõ eſtabelecido em Féz o conceito, de que eraõ os interpretes illuminados do Alcoraõ, que os Portuguezes deſprezavaõ; foi-lhes facil conſeguir do Rei, contra o voto de hum ſeu irmaõ advertido, a permiſſaõ de ſe plantarem na téſta de huma trópa de cavallos com bandeira deſpregada, e tambor batido, como ſeus Alcaides, para andarem pelas Comarcas de Tangere, e Arzila, divertindo os Mouros da devoçaõ dos Portuguezes, confirmando-os na fé do ſeu Mafomá. Nós deixaremos os dous monſtros de ambiçaõ occupados por honra neſte exercicio da ſua piedade, que veio a ſer a pedra, aonde afiáraõ o cutélo, com que elles pretendiaõ degollar ao ſeu meſmo bemfeitor.

Era vulg.

Se ſaõ baſtantes para perturbar hum genio ſoberbo as affrontas imaginadas, quanto ſe inquietaría o altivo Rei de

Féz

Em vulg. Féz com tantas executadas, e feitas.

Nos transportes destas considerações, que naõ podiaõ esquecer as injúrias, e ruinas passadas, o Rei de Féz com exercito mais numeroso, que o primeiro, resolveo fazer segunda visita á praça de Arzila. Entaõ se achavaõ nella Nuno Fernandes de Ataide, D. Joaõ Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes, D. Francisco de Portugal, depois Conde do Vimioso, o Visconde D. Francisco de Lima, seu primo Diogo Lopes de Lima, Joaõ da Silva, Regedor da Casa da Supplicaçaõ, Alvaro Gonçalves de Moura, D. Francisco de Castro, Alcaide Mór do Sabugal, Rey Gonçalves da Camara, Capitaõ da Ilha de S. Miguel, outros Fidalgos, soldadados taõ promptos para a defensa da Praça novamente fortificada, que o Rei de Féz, quando a examinou, se póz em retirada com o seu apparato formidavel sem descarregar nella hum só golpe, na sua reputaçaõ outro mais fundo.

Almandarimo, e Barraxe quizeraõ vêr de quem fugia o Rei de Féz, e ap-

appareceraõ sobre Arzila. D. Fernando de Castro sahio com hum só criado a recebellos; mas esta temeridade lhe custou a vida. Igual foi o destino de Jorge Vieira, que com trinta cavallos atacou a Cide Hamet, filho do Alcaide de Alcacer-Quivir. Este, seu Pai Estevaõ Vieira, outros bravos cavalleiros perdêraõ as vidas, alguns a liberdade, e voltáraõ nove a sentir na Praça os effeitos da confiança desmedida. Pouco util foi o remedio, que a esta infelicidade quiz applicar D. Francisco de Portugal, cobrindo a frente de noventa cavallos, na invasaõ sobre as Aldêas de Benagarfate. Este sim matou, e prendeo a muitos Barbaros; mas acodindo innumeraveis dos lugares visinhos, D. Francisco ficou mal ferido, deixou no campo mortos, e captivos; entrando no número dos primeiros Affonso da Silva, e Martim Affonso Chichorro; no dos segundos André da Silva, e Francisco Mousinho.

El-Rei D. Manoel informado do que se passava em Africa, e na India, resolveo sustentar os interesses da Religiaõ,

gião, e o crédito das armas com tantas forças navaes, que faz admiração a quantidade de náos, que nestes annos sahião do Tejo. No de 1510, de que tratamos, partírão para a India com o designio da conquista de Malaca as quatro náos de Diogo Mendes de Vasconcellos, em que fallei antecedentemente. Nove dias depois partio Gonçalo de Siqueira com sete, de que erão Capitães, além delle, Manoel da Cunha, Diogo Lobo, Jorge Nunes de Leão, Lourenço Lopes, Lourenço Moreno, e João de Aveiro. A oito de Agosto sahio João Serrão com tres náos destinadas á Ilha de S. Lourenço para ajustar paz, e estabelecer commercio com os Reis de Matatana, e de Turubaia, que nos forneceriaõ os generos do seu Paiz. A quarta Armada, que pelo mesmo tempo deo á vela para Africa, com o destino de fazer respeitar a Cidade de Çafim, ás ordens do grande Nuno Fernandes de Ataide, que entaõ viéra a Lisboa; ella se compunha de mais de trinta náos, em que embarcou boa parte da Nobreza do Reino, e soldados de va-

valor, dignos da respeitavel empreza. Nós fallaremos della neste lugar para naõ rompermos depois o fio da narraçaõ nos successos das outras Esquadras na India.

Como Nuno Fernandes de Ataide hia provido no governo de Çafim, apenas poz em terra a gente, munições, e viveres, naõ lhe soffreo o genio incançavel estar muito tempo sem fazer entradas no Paiz dos Barbaros. Ambicioso este grande homem de avançar em Africa a authoridade do seu Rei, sahio a cobrar os grandes tributos impostos aos lugares, que obedeciaõ ao mesmo Soberano, e aos descontentes, que recusavaõ pagallos, reduzir a estado de se submeterem ao jugo. Em quanto ás invasões dos Póvos fortificados, alguma dellas naõ era comparavel com a do Castello do Mouro chamado Santo, ou antes o Pagode vivo dos seus Povos, que o adoravaõ por hum prodigio de virtude. O Castello, mais que pelo sitio, pela fórte guarniçaõ, mais que pela numerosa artelharia, era defensavel pelo respeito deste Solitario,

Era vulg. tinha promptas as vontades das gentes para darem as vidas em seu obsequio: circunstancia, que fazia a tomada deste Castello mais difficultosa, que a de huma das Praças melhores da Mauritania.

O bravo Ataide, que conhecia a importancia de o reduzir, se moveo contra elle; e com tal vigor o atacou por todas as partes, que o levou de assalto. Quasi todos os homens perdêraõ a vida, menos na defensa da Praça, que na do respeitado trofeo vivo de Masoma, que o Ataide mandou reservar para varrer com elle as ruas de Cafim no seu triunfo. O estrondo desta conquista fez tal commoçaõ nos espiritos, que de todas as partes concorriaõ com géstos humiliantes a implorar a paz a Nuno Fernandes com as condiçoẽs, que elle lhes quizesse prescrever, para passarem a vida na tranquillidade ociosa, em que tinhaõ sido educados. Era o temor panico o primeiro agente destas submissóes; por isso depois de passado o primeiro susto, Mouros innumeraveis de differentes Comarcas se conju-

Eis vulg. varaõ, rompêraõ a nossa alliança, fizeraõ ligas entre si, e dizem que com o apparato espantoso de seiscentos mil Infantes, e cinco mil cavallos, no dia 13 de Dezembro se apresentáraõ sobre Çafim para pedirem contas ao Ataide do sacrilegio commettido na pessoa do Santaõ captivo.

Nuno Fernandes avisado pelos batedores do campo da multidaõ de inimigos, que vinhaõ sobre a Praça, por vias differentes deo parte a El-Rei, e pedio soccorros a Simaõ Gonçalves da Camara, que em muitas occasiões os havia fornecido a todas as nossas Praças de Africa taõ importantes, quanto era ardente o zelo, com que elle se interessava no serviço do Principe. Succedeo naõ estar Simaõ Gonçalves na Ilha da Madeira, por ter sido chamado á Corte; mas sua mulher, que tinha espiritos taõ sublimes como o marido, poz logo prompto hum Esquadraõ luzido, e numeroso, que mandou a Çafim ás ordens de seu cunhado Manoel de Noronha. O Governardor distribuio a defensa dos baluartes no recinto da

Era vulg. muralha por Francisco de Abreu com dous filhos de João Fernandes do Arco; por Christovaõ Freire; por Joaõ Esmeraldo; por Luiz de Atougia; por D. Rodrigo de Noronha; pelos dous irmãos Joaõ, e Antonio de Freitas; por outros dous irmãos Alvaro, e Manoel Mendes Cerveira; por Gonçalo Mendes Sacoto; pelo memoravel, e destemido Joaõ Homem; por Gonçalo Martins Valente; pelo Camareiro Mor D. Bernardo Manoel; por D. Garcia Deça; por seu cunhado Alvaro de Faria; e por Nuno Vaz de Béja; ficando elle com hum corpo valente para acudir aos lugares de maior necessidade com o seu Adail Lopo Barriga.

Escolhêraõ os Barbaros o dia 23 de Dezembro para darem hum assalto geral á Praça. Elle foi vehemente á medida da multidaõ empenhada nelle; sem a embaraçar a mortandade, antes os montes dos mórtos serviaõ de escada para sobirem os vivos. Os nossos Fidalgos, mais qualificados, nesta occasiaõ naõ se contentáraõ com ser exhortadores, que animassem os soldados para

se

se arrojarem aos perigos. Elles mesmos, intrépidos, a peito descoberto, nos lugares, aonde só se deixavaõ vêr destroços da morte, arrojavaõ sobre os Barbaros tantos raios de polvora inflammada, tantas mantas ardendo em fogo, tal chuva de azeite, e pez fervendo, tudo acompanhado de huma innundaçaõ de ballas, e armas de arremeço, que os Mouros espantados abandonáraõ o ataque com mais pressa na retirada, que no avance. Elles ficáraõ taõ cortados do nosso ferro, que sobre desertarem muitos, até ao ultimo de Dezembro estiveraõ sem acçaõ á vista da Praça.

Ep. vulg.

Como tanta multidaõ já naõ podia subsistir junta por falta de viveres, e ferragens, ella determinou, que o mesmo dia, em que acabava o anno, coroasse a sua empreza com hum assalto geral por todos os flancos dos baluartes, a que naõ poderia resistir a guarniçaõ empenhada em tantos lugares. Enganou-os a confiança, quando em todos elles se encontráraõ com montanhas de constancia, a que nada abalava a firmeza. O Governador, que temia

Era vulg. mia poder ser entrado, como se elle se reproduzisse, em todas as partes apparecia animando a gente, já com façanhas elegantes, já com vozes vivas. Os Fidalgos sem mais lembranças, que as da honra, estimando-se para os perigos homens communs, pareciaõ leões, que se lançavaõ famintos ás prezas, aonde ellas com mais coragem resistiaõ. O menor dos soldados se distinguia de huma maneira taõ intrépida, que os Mouros naõ podendo soffrer o fogo, o ferro, a fereza, e o ardor dos golpes, e a mortandade, levantáraõ o sitio, e esforçaraõ pela Africa derramando o terror só com repetirem o nome de Nuno Fernandes de Ataide.

Da inacçaõ repentina, do silencio profundo dos inimigos inferio este Chéfe, que elles se queriaõ aproveitar da noite para a retirada. Occupado desta idéa, sahio da Praça na testa de quatrocentos cavallos, e cem infantes para observar os movimentos do campo, e se o visse em marcha picar-lhe a reta-guarda. Elle o conseguio com vantagem, matando muitos, fazendo bom

nú-

número de prisioneiros; mas para naõ ficar opprimido da tanta multidaõ, naõ quiz alongarse de Çafim, por naõ impossibilitar a retirada. Já nos primeiros dias de Janeiro de 1511, informado de que algumas das tropas tinhaõ tomado quartéis pelos Adduares visinhos a Almedina; elle, e Manoel de Noronha, irmaõ de Simaõ Gonçalves da Camara, em duas occasiões as foraõ atacar, e as diminuíraõ com grande número de mórtes, e captivos. Mas suspendendo agora o estrondo da guerra de Africa para o renovarmos no seu tempo proprio, passemos a ouvir na Indiano que se anima com o brado do grande Affonso de Albuquerque.

Era vulg.

CA-

CAPITULO II.

Trataõ-se as expediçoẽs de Affonso de Albuquerque na India depois da perda de Goa até a reconquista da mesma Cidade.

Era vulg.

NÓS deixamos dito, que juntamente com o Governador Affonso de Albuquerque, retirando-se de Goa com a sua Armada, encontrára no Cabo de Rama a Diogo Mendes de Vasconcellos com as quatro náos vindas do Reino destinadas á empreza de Malaca, e com a do Capitaõ Francisco Marecos pertencentes á Esquadra do Marechal D. Fernando Coutinho, que invernára em Moçambique. Diogo Mendes seguio ao Governador até Angediva; e elle com a reuniaõ desta Frota, considerando-se em estado de emprehender no Veraõ a restauraçaõ de Goa, de que dependia a conservaçaõ da India; representou a Diogo Mendes, que naõ obstante lhe ordenar ElRei, que o reforçasse para a expediçaõ de Mala-

Bis voltou para o Governador de cincoenta Portuguezes do naufragio de D. Affonso de Noronha, que estavaõ captivos em Cambaya. Sobre a sua liberdade lançou o Governador as primeiras linhas para os preliminares, e o Ministro lhe assegurou as boas intençoẽs de seu Amo a este respeito. Elle se recolheo satisfeito por todo o genero de honras, que lhe foraõ acceitaveis pela delicadeza: firme na promessa, de que na primeira occasiaõ se concluiria a aliança, que já ficava em tanto vigor, como se o Tratado estivesse assignado.

No principio de Novembro já o Governador tinha prompta para a expediçaõ de Goa huma Armada de trinta, e quatro náos, em que embarcáraõ 1500 Portuguezes, e 300 Malabares. Chegado a Onor, quiz o Albuquerque authorisar as vodas de Timoja, que se recebeo com huma filha da Rainha de Gozompa; assistindo-lhe com toda a Nobreza luminosa, e brilhante. Aqui o informou este amigo fiel, como o Hidalcaõ, depois que restauráraGoa, lhe reforçára as obras

ex-

exteriores, lhe profundára os fossos, reparára as muralhas, augmentára a artelharia, e lhe mettêra huma guarniçaõ de nove mil homens a maior parte Turcos. Naõ servíraõ estes maiores embaraços de obstaculo ás nossas resoluções. Fez-se Conselho de guerra, e nelle ficou determinado, que Timoja passaria da Terra firme para a Ilha de Goa; que tres navios seus se uniríaõ á nossa Armada; e que Medio Rao, seu Capitaõ valente, e honrado, iría lançar ferro dentro da barra defronte de Pangerim.

Este Official, considerando-se Chéfe estimado, revestio o espirito de tal fereza, que se lançou intrepido sobre Pangim, e a guarniçaõ, que defendia este posto, naõ podendo sopportar-lhe os golpes, occupada de terror abandonou o posto, e se refugiou na Cidade. O Governador, que destinára o dia 25 de Novembro para dar a Goa o primeiro assalto; para fatigar a guarniçaõ com o desvélo da noite antecedante, mandou que as galéz, e huma náo em toda ella naõ cessassem de lhe fazer fogo. Duas horas antes de amanhecer es-

Era vulg. estava prompta nos batéis a gente destinada para o ataque, que chegou a terra no silencio mais profundo. O Governador, que se encarregou do avanço pela porta chamada depois dos Bacharéis, levava em hum Esquadraõ 500 Portuguezes, e os 300 Malabares de Cananor com parte dos nossos Capitães. Sobre outro lado do muro haviaõ marchar com 300 homens os dous irmãos D. Jeronymo, e D. Joaõ de Lima, Diogo Fernandes de Béja, e outros. No meio destes dous córpos haviaõ mover-se para hum ataque particular 200 soldados ás ordens de Diogo Mendes de Vasconcellos, de Gaspar de Payva, de Ruy de Brito Patalim, de Nuno Vaz de Castello Branco com varios Officiaes de conhecido valor. Para atacarem o lanço até ao esteiro chamado de Timoja, foraõ destinados 300 homens, que mandavaõ os dous irmãos Simaõ, e Fernando Peres de Andrade, com Ayres da Silva, Manoel da Cunha, e Antonio Raposo.

Ao romper o dia marcháraõ estes córpos ao mesmo tempo para os luga-

res

[illegible] respectivos ataques. De na- [illegible]
da impedio a resistencia valerosa, a
inundação de fogo, e o diluvio de bal-
las, que os inimigos arrojavão, para es-
tes deixarem pouco a pouco de ir ga-
nhando terreno. A porta, que hoje cha-
mamos de Santa Catharina, estava hum
bravo Capitão Mouro com grande nu-
mero de gente para fazer destacamen-
tos aos lugares mais apertados. Vendo
elle a audacia façanhosa, com que os
Portuguezes se lançavão aos postos de
mais resistencia, mandou sahir dos mu-
ros a sua tropa para suspender a furia
dos nossos repelões. Então foi o com-
bate de desesperação; mas conseguindo
todos os nossos corpos ganhar as estan-
cias, sobre que cada hum delles con-
tendia, os inimigos cortados do ferro,
e do medo, se forão retirando circumf-
pectos.

Pelas portas, que se abrírão para
receber os fugitivos das obras exterio-
res perdidas, quizeramos nós entrar de
tropel com elles. Os de dentro as fe-
chavão, quando chegava Diniz Fer-
nandes do Mello, que intentou impe-

Esvalle dillo mettendo-lhe a lança soccorrido por Diogo Fernandes de Béja, que accodio para o ajudar a sustentalla, naõ succedesse os inimigos arrancar-lha das mãos, e cerrarem a pórta. Nesta contenda de a abrir, e a fechar, viaõ os nossos, que se a abríaõ, ficava franco o primeiro passo para a victoria; os contrarios, que se a fechavaõ, tinhaõ constante a esperança da defensa. Concorriaõ os nossos para a metterem dentro; o bravo Mouro, que eu disse, se esforçava para repellir os impulsos. Em fim treze Portuguezes impavidos a mettéraõ dentro, entráraõ, foraõ carregando os inimigos, e nós naõ lhes faremos a injúria de deixar no esquecimento os seus nomes, dignos de glória immortal. O primeiro, que rompeo esta porta de Santa Catharina, foi Frederico Fernandes seguido de Diniz Fernandes de Mello, de Diogo Fernandes de Béja, de D. Jeronymo de Lima, de Vasco Fernandes, de Antonio Vogado, de Pedro Gomes de Lemy, de Joaõ Lopes de Alvim, de Antonio de Sousa, de Gaspar Caõ, de Simaõ Velho,

lho,

[illegible], de Alvaro Gomes, e de Francisco Coelho de Viseo. [illegible]

Grande foi o perigo destes tres homens, insultados por huma quantidade de inimigos, que os cobriaõ de huma nuvem de armas de arremeço despedidas das ruas, das janellas, e dos tectos das casas. Elles estavaõ nos termos de perder a grande vantagem ganhada, senaõ fossem soccorridos com alguma gente por Ayres da Silva, Mendo Affonso de Tangere, Fernaõ Peres de Andrade, Manoel da Cunha, Gaspar de Payva, e outros, que reforçáraõ o combate, e mettêraõ aos inimigos em desordem. Dos nossos se avançáraõ vinte com temeridade a perseguir muitos, que hiaõ a refugiarse no Palacio do Hidalcaõ; mas vendo os poucos, que os seguiaõ, fizéraõ maõ baixa sobre elles, matáraõ a Vasco da Fonseca, a Cosme Coelho, e D. Jeronymo de Lima foi jarretado de golpes, de que cahio esmaiado. A este espectaculo todos os mais voltavaõ cáras, quando chegavaõ Ayres da Silva, e Mendo Affonso, que com as vozes, mais com o

Era vulg. exemplo animáraõ os camaradas para levarem os Barbaros a golpes, até os metterem pelas escadas do Paço, que elles buscavaõ para ultimo asylo.

Alguns dos Portuguezes, já derramados por toda a Cidade, accodíraõ ao estrondo deste choque, sendo o primeiro D. Joaõ de Lima, que encontrando a seu irmaõ D. Jeronymo no estado triste, que fica dito, já lutando com a ultima agonia, o amor fraternal o fez parar sentido, desejoso de soccorrello. Mas o espirito de D. Jeronymo, ainda naquella hora occupado dos sentimentos da honra, lhe disse com vozes languidas: Que vos detendes? Marchai avante, que semelhante occasiaõ nada a perturba: eu morro no meu officio; vós continuai no vosso. Assim o fez D. Joaõ, que em hum grande largo junto ao Palacio vio desespetada a peleija, os nossos poucos rodeados de muitas trópas de cavallo, e pelotões de Infantaria, perdida a esperança de refugio, quasi entregues nas mãos da mórte. A este apérto accodio com a sua gente Diogo Mendes

de

de Vasconcellos, que havendo por outra parte entrado na Cidade, foi levando diante de si os inimigos despedaçados a cutiladas, até chegar ao terreiro do Paço.

Era vulgá

Já alguns dos nossos levavaõ parte dos Barbaros de tropel pelas suas escadas, quando a Manoel de la Cerda lhe mettêraõ no rosto hum ferro de lança com hum pedaço da haste, que delle ficou pendente. Esta vista gentil, e formidavel de hum Ethiope monstruoso, que montado a cavallo sustentava a refrega com ardor incrivel, enfureceo aos Portuguezes, que se lançáraõ á elle, e o deitáraõ em terra morto. Hum criado do la Cerda pegou do cavallo, e o offereceo a seu Amo, que montou nelle com o ferro pregado na cara, taõ insensivel á dôr, e á perda do sangue, que se lançou ao combate com a vivacidade de quem com forças inteiras começava a peleija. Os Barbaros perdêraõ nella os espiritos com a mórte do Ethiope, com a de muitos dos seus camaradas feitos em póstas: terror, que naõ só os pôz em fugida

pre-

precipitada, mas tirou a outros o acordo para naõ sentirem, que se arrojavaõ dos muros para rebentarem na quéda.

Em quanto estas cousas succediaõ na Cidade, o Governador, que havia desembarcado mais longe, e teve de sobir huma ladeira atropelando montes de perigos, depois de se mandar informar por Simaõ Martins da origem do grande estrondo, que ouvia ás portas de Santa Catharina, elle se avançou para a rua dos Bacharéis. Neste passo o obrigou a fazer alto huma multidaõ de Mouros formados, que se vinhaõ retirando, e encontrando este novo tropeço, determináraõ vender caras as vidas. O Governador se lançou a elles com o impeto da corrente, que tudo leva diante. A resistencia dos Barbaros foi heroica; mas morta a mayor parte, o resto posto em fugida, entrou o Governador na Cidade pela porta dos Bacharéis, e degollados da guarniçaõ tres mil homens, o grande Affonso de Albuquerque rendeo Goa.

A sua primeira acçaõ na entrada desta Capital foi dar as graças ao Grande Deos das

das Batalhas; e quando parecia, que conquista semelhante havia custar aos Portuguezes a melhor parte das suas trópas, nós tivemos a perda de quarenta homens mórtos, e o trabalho de curar 300 feridos. Eu naõ duvido nos prodigios, que dizem obrára o Ceo nesta occasiaõ: mas que demonstraçaõ mais evidente da presença Divina em nosso soccorro, que vermos huma Cidade magnifica, taõ fortificada, defendida por armas innumeraveis, cheia de hum Povo numeroso, presidiada por nove mil homens escolhidos, que fizeraõ huma resistencia denodada, e façanhosa, no espaço breve de seis horas render-se a 1300 Portuguezes, e a 300 Malabares de Cananor, seus auxiliares? O Governador advertido, para que os soldados naõ se desmandassem, naõ esquecessem a disciplina, e com a victoria naõ se fizessem arrogantes, mandou tocar a recolher, fechar as portas, e postar córpos de guarda para depois dar as providencias á conservaçaõ da Cidade, que elle destinava para Capital do Estado Portuguez na India.

Era vulg.

CA-

CAPITULO III.

Das difpozições de Affonfo de Albuquerque depois da conquifta de Goa, e dos fucceffos de Africa no principio do anno de 1511.

Era vulg.

RENDIDA a Praça de Goa com tanta gloria das noffas armas, como o Albuquerque previo que ella viria a fer huma das Cidades mais confideraveis da India, nada efqueceo do quanto podeffe contribuir para a fua confervaçaõ, da forte que nós o temos experimentado pelo efpaço longo de 265 annos. No mefmo dia da victoria, que fe compleтou ás déz horas da manhã, o Governador mandou dar fogo aos arrabaldes, naõ fó para poupar o número de gente, que neceffitava para os guarnecer; mas pelo ter affim promettido em defaggravo á perfidia dos Canarins na guerra paffada. Tomou-fe conta dos defpojos, que naõ foraõ muitas riquezas, pelas haverem tranfportado os moradores para a Terra firme. Encontramos

com

com tudo o de que tinhamos mais necessidade, que era muita artelharia, immensas armas de todos os generos, huma quantidade prodigiosa de munições de guerra, e de bocca; e huma multidaõ de navios de todas as sórtes.

Quando nos occupavamos nestas manobras chegou o nosso amigo Timoja, que nos trazia tres mil homens de soccorro; e achando tudo feito, deo desculpas taõ evidentes da causa da demóra, que o Governador naõ pode deixar de reconhecer a sua sinceridade. Sem perda de tempo fez elle publicar muitos Regulamentos para a boa Economia da República, que hia a fundar. Ordenou, que professor algum da lei de Mafoma ficasse na Cidade, nem na Ilha: que poderiaõ ficar os Gentios, que quizessem, com tanto, que pagassem ao Rei D. Manoel os mesmos tributos, que delles cobrava o Hidalcaõ; e que os Mercadores, seguros na boa fé, continuassem como d'antes os seus tratos. Para que elles assim o entendessem, mandou a Fernaõ Peres de Andra-

dade, a Pedro da Fonseca de Castro, e a Antonio de Sá, que com tres náos fossem advertir a todas as embarcações, que encontrassem, viessem com toda a segurança a Goa tratar do seu Commercio.

Deo o governo da Cidade a Rodrigo Rebello, e porque com esta promoçaõ vagava o de Cananor, elle o proveo em Manoel da Cunha, filho de Tristaõ da Cunha, que partio logo a encarregar-se delle, e a aprestar as cousas necessarias á Armada, com que Diogo Mendes de Vasconcellos havia ir a Malaca. Despedio a Jorge Botelho, e a Simaõ Affonso Bisagudo para irem cruzar na barra de Calecut; fazendo estes Capitães, e os nomeados a cima, várias presas importantes pelos lugares dos seus destinos. Dadas estas providencias aos negocios de fóra, o Governador politico, e soldado, advertio que a vantagem da sua conquista obrigaria Póvos menos guerreiros, que os Portuguezes, a nada perdoarem para reduzirem Goa ao estado de huma das mais fórtes Praças, e de huma das Cida-

da-

cidades mais soberbas do Universo. A Estrategia constancia desta idéa o obrigou a escogitar arbitrios, que lhe correspondessem, ainda que encontrados aos sentimentos do seu predecessor o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, que naõ queria firmar o estabelecimento dos Portuguezes na India no dominio de Praças, senaõ na superioridade sobre os mares.

Para formar huma Colonia de vassallos fiéis, ligados com os vinculos de huma mesma communhaõ, o Albuquerque depois de fazer baptizar as Gentias, que captivou agora, e que prendeo na primeira tomada de Goa, casou a todas com Portuguezes; repartindo por cada casal fundos de terra para a sua subsistencia. Na noite das vodas succedeo, que o tumulto fosse causa de alguns dos maridos trocarem as mulheres. Quando amanheceo conhecêraõ o engano, desfizéraõ o cambio, e se contentáraõ, com que o negocio da honra ficasse hum por outro. Para confortar os espiritos com a glória da reputaçaõ, ordenou se levantasse hum grande cunhal, aonde fez abrir os nomes

mes dos que mais se destinguíraõ na tomada da Cidade. Como os genios Portuguezes naõ saõ capazes destas excepções, todos os que naõ víraõ os seus nomes gravados na Pyramide, entráraõ a comover-se. O Albuquerque prudente, para os socegar, mandou que aquella face da pedra se escondesse no angulo de huma parede; e que na contraria se gravassem as palavras da Escritura: *Lapidem quem reprobaverunt ædificantes, hic factus est in caput anguli.*

Ao mesmo tempo ordenou, que todos os Pagodes do rito gentilico, e as Mesquitas do Mahometano fossem arrazados, e que os materiaes servíssem nas obras da fortificaçaõ. Entaõ principiou a época feliz da magnificencia de Goa, pouco depois naõ satisfeitos os seus moradores só com edificarem na Cidade casas brilhantes; mas pela campanha, e pelas margens do rio Palacios soberbos: tudo demonstrações das riquezas monstruosas, que no mesmo tempo se tiravaõ da Cultura, e do Commercio. Tantos succeſſos felices pelo curso das idades animados em Goa, como

mio no centro do nosso poder em Asia, tem justificado bem as Máximas entaõ reprovadas do grande Albuquerque pela emulaçaõ dos invejosos, e já mais se arrependêraõ os Portuguezes, que depois seguíraõ os seus regulamentos. Com estes successos damos fim aos do anno de 1510, e na entrada do de 1511 nos fornece materia para a Historia a continuaçaõ das gentilezas de Nuno Fernandes de Ataide.

Em vulg. 1511

Este Commandante depois de fazer levantar o sitio de Çafim no ultimo de Dezembro, de ter picado a reta-guarda do Exercito dos Mouros; nos primeiros dias de Janeiro sahio a investir os lugares junto a Almedina, aonde Manoel de Noronha, que se arriscou a perder-se, fez nos Barbaros o estrago, que fica referido. Entre outras expedições menos consideraveis deste Chéfe, que bastáraõ para se estabelecerem gróssos tributos por huma vasta extensaõ de terreno dos Reinos de Féz, e de Marrocos, foi muito importante a dos Aduares ao lado de Conte, que elle subprendeo na frente de 460 cavallos,

Era vulg. los, e de 500 Infantes. Os Aduares amigos, que ficavaõ sobre a marcha, lhe sahiaõ ao caminho a implorar a sua clemencia. Nos contrarios, aonde levava o destino, elle por hum lado, e pelo outro o seu Adail Lopo Barriga, descarregáraõ golpes taõ pezados, que passados á espada 300 no primeiro repelaõ, 600 submettêraõ a liberdade. No despojo de 300 camellos, e cavallos, de mil bois, e de 50000 cabeças de gado miudo se escolheo a quantidade, que se podia conduzir.

Acabada a refrega appareceo no campo o nosso fiel alliado Abentafut, que veio sentir-se ao Ataide de naõ o querer occupar nesta empreza, sendo elle nosso Capitaõ do Campo. O Chéfe o tratou com as demonstrações do maior agrado, e o Mouro protestou que elle preferia a fidelidade de submetter aquellas Comarcas á obediencia do Rei D. Manoel sobre quantos interesses lhe tinhaõ mandado propôr os Soberanos de Fez, de Marocos, de Sus, e de Hehaõ: fidelidade, de que elle continuou a dar as provas mais

mais constantes. Deste modo tratavamos em Çafim os negocios militares, sem interrupçaõ alguma do Commercio, depois que Nuno Fernandes de Ataide lhe permitio a abertura. Na campanha se degollavaõ os homens; mas na Praça entravaõ, e sahiaõ livremente a commercio franco com os generos mais preciosos os Mercadores Mouros, e Judeos com huma segurança pasmosa na simples palavra do Commandante.

E para deixarmos aqui referidos os successos de Africa neste anno, devo lembrar a respeito da sua conquista o Tratado de limites, que El-Rei D. Manoel celebrou com a Rainha D. Joanna de Castella, no qual ficou na nossa demarcaçaõ o Reino de Féz. Agora que Fernando o Catholico governava por sua filha, succedeo fugir-lhe de Castella para aquelle Reino hum Fidalgo, que chamavaõ D. Pedro, o Bastardo. Este homem culpado, cahido da graça do seu Rei, de condiçaõ intrigante, desejoso de applacar a cólera do Soberano, fiado na grande amizade de Ale-

Bar-

Barraxe, Mouro poderoso, e Governador de huma Praça de Berberia, naõ pensa menos, que em submetter a Fernando o Reino de Féz, lisonjeando a Barraxe com o nome de Rei tributario do de Castella. Gostou o Barbaro da doçura do nome, e dispôz por seu meio, que Fernando deixasse vir D. Pedro a Hespanha para tratar com elle negocios de importancia.

Taõ bem ouvida foi a proposta pelo Rei de Castella, que no mesmo instante esqueceo o tratado fresco, as razões do sangue, a obrigaçaõ de amigo; em fim as Razões de Estado, as do interesse fizêraõ bem os seus officios nos annos velhos do Rei Catholico. Voltou D. Pedro a Africa com a acceitaçaõ do convite, e para dar huma tintura grosseira á perfidia, que contra nós maquinava, veio a ser nosso hospede em Alcacer-Ceguer. Rodrigo de Sousa, que a governava, e que com o espirito de penetraçaõ, de que era dotado, observava em D. Pedro a irregularidade dos discursos, e as anfibologias nas palavras; entreteve-o alguns

dias,

dias, até que pode haver cartas, que D. Fernando escrevia a Barraxe, de que tirou cópias, que mandou a D. Manoel; logo que o Castelhano sahio de Alcacer. Subprendeo-se El-Rei com as idéas deste attentado de seu Sogro, que se conformava á vista da numerosa Armada, que se preparava em Malaga. Era vulg.

Quando de huma parte se faziaõ queixas por hum tom, que pareciaõ mysterios, e da outra se davaõ negações frias, que manifestavaõ a duplicidade; o Papa Julio II. representou ao Rei D. Fernando, que contra elle se ligavaõ Luiz XII. de França, e os Venezianos, que o soccorresse para cobrirem o Reino de Napoles ás invasões de tantos inimigos. Fataes foraõ estes officios aos projectos concebidos sobre Féz, que deviaõ ficar preteridos á vista da conservaçaõ de Napoles. Como a occasiaõ punha a D. Fernando em maior necessidade de cobrir os designios tratados com Barraxe, elle entendeo, que o conseguia convidando a D. Manoel para entrar na Liga contra França, e Veneza. El-Rei, naõ só se fez

Era vulg. desentendido ás propostas dos Embaixadores de Castella; mas mandou fornecer de viveres, e munições a seis galés Francezas, que entráraõ em Lisboa, com sentimento profundo de D. Fernando. Finalmente, como esta guerra na Europa embaraçou a expediçaõ de Africa, D. Fernando já mais a lembrou, D. Manoel nunca mais a sentio.

Antes destas cousas succederem em Africa, e no tempo em que ellas aconteciaõ, Duarte de Lemos, que como fica dito, se encarregou do Commandamento da Esquadra destinada para o Cabo de Guardafú, quando em Moçambique soube do naufragio, e da mórte de seu tio Jorge de Aguiar; elle chegou a Ormuz, e naõ podendo conseguir do Rei Ceifadim, e de Cogeatar concluir a Fortaleza, que o Albuquerque principiára, contentou-se de estar com elles em paz, sem obrar por aquellas partes nada de memoravel. De Ormuz foi a Mascate, e por enfermar gravemente em Çocotorá, se fez levar a Melinde, aonde recobrou a saude. Elle avisou ao Albuquerque por Vasco

da

da Silveira da repugnancia, que encontrára em Ormuz para a continuaçaõ da obra da Fortaleza: repugnancia, que naõ podéra desfazer pela desproporçaõ das suas forças, que pedia lhe augmentasse com soccorros effectivos. Duvidou o Albuquerque fazello com o pretexto do embaraço dos negocios de Calecut; mas assegurando naõ tardaria em se lhe unir para ambos irem á Arabia atacar huma Armada, que se dizia apreſtava o Soldaõ do Egypto para invadir a India.

Como este rumor foi falso, e o Albuquerque o em que cuidava entaõ era a conquiſta de Goa; D. Affonso de Noronha, que estava provido na Fortaleza de Cananor, e Francisco Pereira de Berredo embarcáraõ na náo de Antaõ Nogueira para a India. Na viagem aprezáraõ elles huma grande náo de Cambaya carregada de mercadorias preciosas; mas sobrevindo huma tormenta, esta náo foi varar na Cósta de Dabul, e ficou a sua guarniçaõ prisioneira do Hidalcaõ. A de Antaõ Nogueira correndo com o mesmo tempo, quiz to-

Era vulg. mar o porto de Damaõ pertencente á Cambaya, aonde naufragou. D. Affonso de Noronha, que se lançou ao mar para se salvar nadando, perdeo a vida. Nos fragmentos da náo escapáraõ 50, e que saõ aquelles, que nós dissemos escrevêraõ ao Albuquerque sobre o seu resgate pelo Embaixador de Cambaya, que da parte de seu Amo lhe foi offerecer a paz a Cananor, quando elle se preparava para a segunda jornada de Goa.

Reparou Francisco Pantoja parte desta perda, tomando outra náo de Cambaya muito mais importante, que a primeira, mandada por Alecaõ, parente do Rei Mamud, a qual conduzio a Çocotorá. A quem havia pertencer esta preza, se ao Governador da India, se a Duarte de Lemos por ser feita no destricto da sua jurisdicçaõ, isso foi assumpto de huma disputa entre elle, e Francisco Pantoja. Pouco depois veio Duarte de Lemos para Cananor, aonde foi recebido do Albuquerque com demonstrações delicadas de verdadeira amizade, que lhe protesta-

tava o quanto seria completa a sua satisfação, se hum Capitaõ de tanto merecimento, como era o seu, quizesse acompanhallo na jornada de Goa, para onde estava a partir. Hia vulg.

Muito longe do coração sincero do Albuquerque estava o dobrado de Duarte de Lemos. Huma inimizade occulta, que o arrastava, naõ só o fez escusar-se áquelle honrado convite, naõ só o induzia a deprimir com os seus amigos as acções mais bellas do Albuquerque; mas ainda depois de restaurada Goa com tanta glória, elle naõ podia conter-se sem declamar, que huma acçaõ sem consequencias custára a vida aos mais bravos Portuguezes: que deixára exhauridos os Erarios Reaes: que naõ podia conter o gosto de se escusar a huma empreza, que sería a causa da nossa ruina: que as acções do Albuquerque eraõ indignas de hum homem de guerra; e que nellas mais se descobria de felicidade, e de fortuna, que de prudencia, e de valor.

Se o Albuquerque fosse outro homem, estas calúmnias eraõ bem capazes

zes de o chegarem ás ultimas extremidades. Com tudo, elle soffreo, e callou para naõ confrontar o seu caracter sabio, e valeroso com o indiscreto, e temerario de Duarte de Lemos. Quando esta emulaçaõ estava no maior vigor, sem que alguem o pensasse, elle recebeo ordem da Corte, para que com a sua náo se recolhesse logo ao Reino, e unisse as mais á Armada do Governador. Tudo ficou em socego, e elle expedito para tratar com o Rei de Cambaya o cambio dos 50 Portuguezes pelos seus vassallos, que captivára Francisco Pantoja. Usando porém de hum impeto de generosidade, sem esperar a resposta do Rei Mamud, lhe mandou livre a seu parente Alecaõ: generosidade a que correspondeo o Principe enviandolhe soltos a Diogo Correa, e a Francisco Pereira com os mais captivos.

CA-

CAPITULO IV.

O Governador da India, depois de dar em Goa as ultimas providencias, de concluir a controversia com o Vasconcellos, parte para a conquista de Malaca.

O ESTRONDO da conquista de Goa, como adquirio para o Albuquerque huma grande reputaçaõ, elle entrou a receber as honras devidas a hum Conquistador. Concorrêraõ logo a pagar os feudos os Ministros dos Principes tributarios, que eraõ o Rei de Baticalla, e o Principe de Chaul. Para se congratularem com o Albuquerque da victoria, viéraõ da parte de seus Amos Embaixadores dos Reis de Narsinga, de Cambaya, de Calecut, de Vengapor, de Onor, e de outros muitos, que com as suas cumitivas brilhantes engrossáraõ a Corte do Governador, como huma das dos maiores Principes. Por outra parte as familias dos recem-casados, a quantidade de moradores, a

Era vulg.

Era vulg. a frequencia das Nações, tudo concorria para Goa parecer huma Cidade luminosa. O Governador entretinha com politica assim os Ministros públicos, como as pessoas particulares para serem testemunhas das dispozições bellicas, e civís, com que elle regulava ambas as Economias da Cidade para a fazer hum Emporio, que elles fossem acclamando pela Asia respeitavel.

Ao contrario o Hidalcaõ naõ podia soffrer a fidelidade do competidor da sua fortuna, e conveio em quantas invectivas lhe propunhaõ os seus Generaes para a restauraçaõ de tamanha perda. Elles se nos deixavaõ vêr muitas vezes nas immédiações da Ilha com semblantes de assustar; mas todas as suas tentativas serviaõ de nos firmar o crédito, de confirmar o nosso poder em Goa, de sobirem a alto tom a reputaçaõ do Albuquerque, tanto mais sublime, quanto mais atacada.

Este Chéfe incançavel, ao mesmo tempo que se occupava em tantos nego-

cios

ecios férios, elle hia engrossando a Armada para combater a do Soldaõ nos mesmos pórtos da Arabia; elle despedio com tres náos á Diogo Fernandes de Béja para navegar a Çocotorá, recebrer nellas a guarnição, e arrazar á Fortaleza, como Praça indifferente, inutil ao serviço do Rei: elle aconselhou prudente a Diogo Mendes de Vasconcellos, que lhe pedia reforços para ir sobre Malaca, suspendesse hum projecto, que era taõ difficultoso como o da conquista de Goa, e necessitava de huma Fróta, como entaõ naõ era possivel fornecer-lhe; que se unido com elle participára da glória daquella conquista; agora, sem se separar da mesma uniaõ, fosse adquirir outra semelhante no ataque da Armada do Soldaõ, para marchar da Arabia para Portugal coberto de honra.

Oppôz-se o Vasconcellos, naõ só aos verdadeiros sentimentos do Albuquerque; mas á resoluçaõ bem ponderada no Conselho da India. Irritado contra ella até se tomar do furor, rompeo com o Albuquerque todas as medi-

Eyja valg. didas : clamava, que elle se oppunha ás Ordens Reaes na negaçaõ dos soccorros, com que elle queria ir vingar a honra do seu Principe; que elle a pezar de todos os obstaculos, havia antes acabar na observancia do regimento, que se lhe déra em Lisboa, do que contravillo condescendendo aos sentimentos teimosos do Governador. Observou este, que todas as manobras do Vasconcellos o precipitavaõ; e contra elle, e os seus Officiaes mandou deitar hum bando com pena de degredo, e de confiscaçaõ de bens, se sahissem do posto sem licença sua; fulminando aos Pilotos, e Mestres com sentença de mórte por castigo da desobediencia.

Nada refreia hum espirito altivo, quando concebe por affronta ceder dos primeiros designios. O effeito, que a ordenaçaõ do Governador produzio em Diogo Mendes, foi esperar huma noite escura com vento favoravel, e seguido dos seus Capitães, botar barra fóra. Esta noticia subprendeo, indignou ao Governador, que naõ podia deixar de sentir o abatimento da sua authorida-

da-

tade á vista do desprezo formal, que Diogo Mendes lhe fazia. Elle manda a algumas galéz, e náos, que o sigaõ, com ordem de o reconduzir ao porto; e que senaõ o quizesse fazer, o metessem no fundo. Foi preciso hum principio de combate, huma balla desarvorar a verga grande da nào, outra matar dous marinheiros para Diogo Mendes amainar. Todos prezos, entráraõ pela barra de Goa, aonde logo se ajuntou o Conselho para deliberar sobre hum caso taõ insolito.

Era necessario dar hum exemplo, que nas trópas conservasse a disciplina; formar processo da contravençaõ ás ordens do primeiro Chéfe, e sobre a evasaõ furtiva, que Diogo Mendes fizéra do porto. Elle foi sentenciado em degredo para o Reino, e que em quanto naõ partia, estivesse prezo no Castello de Goa. Outro Acordaõ semelhante se lavrou contra o Capitaõ Pedro Quaresma, que sem embargo de ficar no rio, naõ descobrio a conjuraçaõ ao Governador. Jeronymo Cerniche, que a aconselhou, e a promoveo, foi julgado

Era vulg. do merecedor de se lhe cortar a cabeça, os Pilotos, e Mestres de serem enforcados. Em dous destes se fez a execuçaõ nas vergas de huma das náos. Por Jeronymo Cerniche, e pelos mais Pilotos intercedéraõ os Embaixadores de Narsinga, de Cambaya, e toda a nossa Nobreza. O Governador differio promptamente a estas súpplicas, e lhes commutou em desterro a pena de mórte, degradou dos seus póstos aos Officiaes, que na primeira occasiaõ foraõ mandados para Portugal.

O Albuquerque, que vencida huma perturbaçaõ doméstica, se justificava com lhe ajuntar huma façanha para avançar a reputaçaõ; deixando Goa bem presidiada, com huma Armada de vinte, e tres náos se fez á véla para o mar da Arabia. Os ventos contrarios o forçáraõ a arribar a Goa, aonde se resolveo em conselho pleno, que aquella monçaõ se aproveitasse na viagem de Malaca. Ao parecer se seguio a execuçaõ; e dando em Cochim novas providencias, que se reduzíraõ a encarregar a Duarte de Mello de Serpa a inspec-

çaõ

çaõ sobre a marinha; a deixar em Cochim cinco náos commandadas por Manoel de la Cerda para na entrada do Veraõ fazer a guerra a Calecut, e ter cuidado na segurança de Goa; elle navegou para Malaca com dezoito náos, em que levava 800 Portuguezes, e 600 Indios.

Era vulg.

No discurso da viagem tomamos quatro navios de Cambaya muito importantes, que hiaõ para Malaca. Depois sobreveio hum temporal, que levou a Fróta á Ilha de Çamatra, aonde ferrou o porto de Pedir. O seu Rei lisongeou ao Governador, mandando-lhe a bórdo nove Portuguezes, dos que Diogo Lopes de Siqueira deixára em Malaca, donde elles fugíraõ para se approveitarem da boa hospitalidade daquelle Principe. Entre estes vinha Joaõ Viegas, que lhe deo noticia da mórte executada em Bendara por querer tirar a vida ao Rei de Malaca, e que o Principe Nahodabeguea, nosso inimigo na mesma Cidade, por complice no crime de Bendara, se pozera em seguro, fugindo para Pacem. Logo se fez o

Go-

Era vulg. Governador na volta deste Reino; e pedio ao seu Soberano lhe entregasse a pessoa do Principe refugiado; o que elle prometteo fazer com promessas de ganhar tempo para o Principe o ter de chegar a Malaca, avisar ao Rei da vinda do Albuquerque, e com este serviço expiar a culpa passada.

Mas quando a fortuna persegue a hum infeliz, nada lhe detem os impulsos. Perto da Ilha da Polvoeira encontrou a nossa Armada a náo, que levava a Nahodabeguea, e foi logo atacada. Este Principe, que sabia havia encontrar aos Portuguezes inexoraveis, quiz antes morrer no leito da honra, que ás mãos de hum verdugo, e se defendeo até acabar, e com elle todos, que tiveraõ por injúria sobreviver, quando elle morria. Os nossos o acháraõ aberto em feridas sem deitar huma só gota de sangue a beneficio de huma pedra, que trazia, criada em hum dos animaes, a que no Reino de Siaõ chamaõ Cabrizias, que sendo-lhe tirada se esgotou em hum instante. Fizeraõ-se outras prezas, e depois appareceo a

náo

náo, que nos mares de Pacem fez desviar as nossas, por parecer, que ardia em hum incendio voraz, quando elle era fogo artificial atiçado no convéz, facil de apagar, e com que as suas gentes se escapáraõ. Dous da tripulaçaõ vieraõ na lancha a bórdo da Capitania, e pedindo licença ao Governador para fallar, lhe disséraõ:

Est. vulg.

Que hum Chéfe taõ magnanimo, como elle, naõ podia deixar de lhe perdoar o incendio imaginado da sua náo, quando a mandou atacar; porque a isso os obrigára o amor da vida, e da liberdade: que nella nada havia, que podesse despertar o gosto delicado de homem taõ magnifico, naõ sendo elles pyratas, nem mercadores, que levassem generos, ou tivessem feito prezas: que ao contrario, todos eraõ Fidalgos honrados do Reino de Pacem, partidarios do infeliz Sultaõ Zeinal, que fora dethronado, do Patrimonio Real, e hereditario excluido por hum usurpador violento: que elles hiaõ pedir soccorros á Ilha de Java para fazerem, que o seu Soberano legitimo remontasse o Thro-

Era vulg. Throno dos feus maiores; mas que havendo tido o encontro feliz do General Portuguez, a que toda a Afia chamava Heróe completo, elles lhe pediaõ em nome dos fiéis vaffallos de Pacem, que para glória do Rei de Portugal, e fua, amparaffe com as forças daquella Armada a hum Principe perfeguido.

O Albuquerque acceita efta propofta com humanidade jucunda; promette foccorrer o infeliz Zeinal, e em quanto elle em peffoa naõ o hia cumprimentar, deputou a Fernando de Andrade para ir a Pacem, e o inftruir nas intenções faudaveis, que elle acabara de formar a feu refpeito. A relaçaõ, que mandou o Andrade do eftado trifte, em que achou efte Principe abatido, tocou com fenfibilidade ao Governador, que apreffou a partida para a conferencia com Zeinal. Efte fe prometteo tributario da noffa Coroa, logo que o Albuquerque o reftituiffe ao Reino: empreza, que fe havia ajuftar em Malaca, para onde nos feguio Zeinal, embarcando na noffa Capitania, ou porque

que assim se considerava mais seguro, ou por naõ perder de vista os objectos das suas esperanças.

No primeiro de Julho ancorou a Armada em Malaca no meio de muitas náos de diversas Nações, que com inquietaçaõ entráraõ a mover-se para se separarem della. O Governador sentio as consequencias deste temor panico, que teve por offensivo do seu crédito, e manda publicar que elle naõ vinha áquelle porto declarar guerra, senaõ a quem quizesse fazer-lha: advertencia, que tranquillisou a revolta, socegou os espiritos, e facilitou o trato de cinco Capitães de outras tantas náos da China, que vieraõ render-lhe os mesmos obsequios, que antes haviaõ feito no mesmo porto a Diogo Lopes de Siqueira. O Governador lhes agradeceo a civilidade com huma cêa esplendida, em que os licores da Europa servíraõ de lhes derramar nos corações jucundidades. Nós participariamos dellas pelos motivos dos cumprimentos do Rei; das desculpas da injúria feita ao Siqueira pelas sugestões de Bendara, que el-

Era vulg.

Ent. vulg. le lhe castigára com pena de mórte; pelos desejos vehementes, que tinha de huma paz; pela conservaçaõ da vida de Rodrigo de Araujo, e dos mais Portuguezes, que haviaõ ficado em Malaca, se todas estas expressões fossem sincéras.

Á vista dellas encontrou o Governador em negociaçaõ. Pedio se lhe restituissem os Portuguezes, e lhe foi respondido, que naõ o podia fazer por andarem dispersos. Requereo lugar para a fabrica de huma Fortaleza, e deixando-o na sua eleiçaõ, nada se lhe aprompta-va para ella. Ao mesmo tempo recebia elle cartas do Araujo, e noticias dos Capitães Chinas, que o avisavaõ, de que o Rei de Malaca esperava huma grande Fróta para vir combater a sua; que na Praça haviaõ nove mil canhões montados com gente á proporçaõ para os servir; e que a guarniçaõ em grande número tudo tinha prevenido para huma vigorosa defensa. O Albuquerque para se justificar na face de tantas Nações, que estavaõ em Malaca, as instruio na perfidia, que lhe ma-

maquinavaõ, quando a sua intençaõ naõ era romper o Commercio, nem inquietar a paz das Monarquias, antes ao contrario mostrar-se amigo commum, e trabalhar pela concordia entre os Soberanos. O Sultaõ Zeinal, que naõ penetrava o fundo destas politicas, nem sabia conhecer o mesmo que via; temeroso de que elle viesse a ser a victima da discordia ameaçada, huma noite fugio da náo do Governador, e foi pedir a protecçaõ do Rei de Malaca, que necessitava ser protegido.

Já sem esperança de conseguir a concordia por meio de negociações, o Governador quiz vêr se a lograva por effeito do medo. Antes que chegassem os soccorros, que se esperavaõ na Cidade, mais justificada a resoluçaõ com a fugida de Zeinal, no dia seguinte manda elle dar fogo ás casas, que estavaõ pelas margens do mar, a tres náos de Cambaya surtas no porto, e principiou o terror a fazer na gente da plebe os seus officios. Os clamores populares constrangêraõ o Rei Mamud a enviar-nos Rodrigo de Araujo com os mais

Era vulg. Portuguezes, que alli deixára Diogo Lopes, para fazer propostas de paz, pedirem a retirada das trópas de terra, e a extinçaõ do incendio. Do tom desta linguagem entendeo o Governador a pouca firmeza dos inimigos; conveio, em que se apagasse o fogo; mas ficou bém advertido pelo Araujo, de que quanto com elle se usava eraõ estratagemas, que o obrigavaõ a estar á lerta.

Esta negociaçaõ nova com o Albuquerque foi acompanhada de huma ordem mandada intimar pelo Rei a todos os Commandantes das náos de Mercadores para naõ sahirem do porto. Rompeo logo a voz pública, que Mamud queria nelle as Nações para Expectadoras da tragedia dos Portuguezes, quando chegasse a Armada, que o Rei esperava. O Governador contrapôz á esta outra ordem semelhante, rogando aos Capitães Chinas naõ se apartassem de Malaca sem o verem reduzir a cinzas a Cidade. Immediatamente foi observar o sitio, por onde havia fazer o ataque, e achou mais cómmodo o da ponte,

te, e o lugar de huma Mesquita em pouca distancia della, aonde os Mahometanos se haviaõ entrincheirado. Na vespera do Apostolo Patraõ de Hespanha postamos em terra dous Esquadrões. O primeiro, que marchou a investir a ponte, era mandado por D. Joaõ de Lima, e com elle Fernaõ Peres de Andrade, Gaspar de Payva, Jayme Teixeira, Fernaõ Gomes de Lemos, Vasco Fernandes Coutinho, e Sebastiaõ de Miranda com outros bravos soldados. Era vulg.

O segundo buscou o mais grosso da povoaçaõ, e na sua testa o Governador com Duarte da Silva, Simaõ de Andrade, Jorge Nunes de Leaõ, Ayres Pereira, Joaõ de Sousa, Antonio de Abreu, Pedro de Alpoem, Diogo Fernandes de Mello, Simaõ Martins Caldeira, Nuno Vaz de Castello Branco, e Simaõ Affonso Bisagudo, bravos conquistadores de hum dos Emporios da Asia. O Rei Mamud, além de outras defensas, havia feito armar vários elefantes, que deviaõ levar humas pequenas torres ambulantes guarnecidas de

Eſt. vulg. de ſoldados eſcolhidos, em hum dos quaes eſtava elle reſoluto a montar, quando principiaſſe o combate para defender em peſſoa ao ſeu Reino, e vaſſallos. Pelo meio de hum incendio marchavaõ intrépidos os noſſos Eſquadrões ao ſom das caixas, e trombetas, que enfureciaõ os animos para ſe avançarem ſem piedade á degolla. O Governador com impeto monſtruoſo ganhou a fortificaçaõ pela parte da Meſquita; mettendo os inimigos pela bocca de huma rua, por onde os foi levando ás cutiladas. O primeiro, que montou o muro, foi Simaõ de Andrade; e quando D. Joaõ de Lima, e o ſeu Eſquadraõ ſe conduziaõ com corage em nada deſemelhante, appareceo o Rei em hum elefante ſeguido de outros.

Eſte Principe fez parar os ſoldados, que fugiaõ de todas as partes, ſendo a ſua reſiſtencia hum inſtrumento da maior animoſidade, e furor dos Portuguezes. Na Praça grande de Malaca ſe reuníraõ os elefantes em fórma de batalhaõ com eſpadas atadas nos dentes para deceparem com as trombadas

as

das nossas fileiras. O descostume de combatermos como inimigos animaes ferozes, com os apatatos artificiaes mais temerosos, pôz em suspensaõ o nosso valor. No meio deste pavor houvéraõ entre nós dous destemidos, que quizéraõ confortar as suas indústrias com a Fortaleza dos brutos. Fernaõ Gomes de Lemos ao lado direito, e Vasco Fernandes Coutinho ao esquerdo com as lanças enristadas lhes abríraõ caminho, e aos primeiros que passavaõ, as mettêraõ pelo ventre. Estes elefantes sentindo-se feridos entráraõ em fúria, desconhecêraõ a voz dos seus guias, chocáraõ huns contra os outros; recuáraõ sobre os inimigos com maior impetuosidade, que a do avance sobre os Portuguezes, e cresceo a desordem a favor da sua fortuna.

O Rei em grande perigo teve de desmontar-se, combatter a pé para ganhar o Palacio, aonde as guardas trabalháraõ para lhe segurar a pessoa. Elle o conseguio ferido gravemente em huma maõ: infelicidade, que foi necessario occultar aos soldados mettidos em dero-

Era vulg. rota para lhes naõ augmentar a consternaçaõ. Entaõ o Albuquerque, que estava rodeado de inimigos, deixando parte da gente na cabeça da ponte para a defender, se arrojou com tanto impeto aos que estavaõ nella, que os mais foraõ passados á espada, e o resto lançando-se ao rio, a gente dos batéis o fez em postas. O mesmo succedeo a hum grosso Esquadraõ, que estava firme na bocca de huma rua: vantagens, que nos deixáraõ senhores da ponte, aonde nos fortificamos. Como o combate tinha durado da madrúgada até ao meio dia, e os soldados estaváõ cançados, o Governador naõ quiz entaõ entranhar-se na Cidade até ao Palacio do Rei; mas mandou dar fogo a todas as casas por ambos os lados da ponte, e as mais que corriaõ da Mesquita ao Paço: manobra, que durou até ao pôr do Sol, e para descançarmos della, nos recolhemos ás náos a esperar o outro dia. Neste foi grande a mortandade dos inimigos: nós tivemos treze mórtos, e setenta feridos; recolhemos na Armada 52 canhões, que se ganháraõ, e

o nosso temor obrigou muita da gente a fugir aquella noite da Cidade.

CAPITULO V.

Como foi conquistada a Cidade de Malaca, e dos intentos do Hidalcaõ sobre a restauraçaõ de Goa.

TANTO dominou o medo aos de Malaca á vista dos prodigios de valor, que os nossos acabavaõ de obrar, que o Rei de Paõ, pouco antes recebido com huma filha de Mamud, naõ teve corage para estar mais tempo na companhia de seu Sogro; que Utetimuta Raja, Mercador Jao poderosissimo, com presentes ricos se mandou offerecer ao Governador para empregar todas as suas faculdades no serviço do Rei de Portugal; e que outros muitos para se porem a coberto do nosso furor, naõ se declarassem pelo partido dos Portuguezes. Os Chinas satisfeitos das nossas vantagens, porque lhes passava a monçaõ, rogáraõ ao Albuquerque os dei-

Era vulg. deixasse partir, e elle lhes pedio, que como passavaõ pelo Reino de Siaõ, levassem comsigo a Duarte Fernandes, hum Portuguez da companhia de Rodrigo de Araujo, bem instruido na lingua Malaya, que mandava por Embaixador áquelle Rei.

Bem via o de Malaca no semblante dos successos a pouca firmeza das suas esperanças; mas elle se determinou a sostentallas com a respiraçaõ de hum ar heróico. Elle deo novas ordens para se reforçarem a ponte, a Mesquita, os córpos de guarda; para a artelharia ser melhor servida. Elle mandou semear de pontas de ferro escondidas os caminhos, que hiaõ para o Paço, e encheo toda Malaca de huma quantidade prodigiosa dos instrumentos de matar: perigos, aonde os Portuguezes encontrariaõ o seu destroço, se o Gentio Ninachetu naõ os avisasse para elles no assalto mudarem de medidas. Este aviso foi causa do Governador differir a expediçaõ para o dia dez de Agosto; gastando os que mediáraõ em preparar a grande náo, que foi de Zeinal, com mui-

muitos fógos artificiaes, cobertos os bórdos de ſaccos de terra, que recebeſſem as ballas; commandada por Antonio de Abreu para por ambos os lados fulminar aos que defendeſſem a ponte, aonde ella ſó podia chegar nas aguas vivas, que ſe eſperáraõ.

Ao apontar o dia determinado a náo ſe applicou á ponte a pezar de toda a reſiſtencia dos contrarios. No meſmo ponto inveſtio o Albuquerque a Cidade, e começou o combate logo imagem do horror. Nos primeiros impulſos o Abreu foi ferido de huma balla, que lhe paſſou ambas as faces. O Governador preſumindo-o em eſtado de naõ poder mandar a acçaõ, ordenou a Diniz Fernandes de Mello, e a Pedro de Alpoem o foſſem ſubſtituir. O brioſo ſoldado o naõ conſentio; repreſentando que a ferida naõ o devia privar da honra, que hia ganhando, quando ella lhe naõ prendia os pés, as mãos, a lingua, eſta para mandar, os outros para combater. Na continuaçaõ da peleija foi tal a ſua preſença de eſpirito na deſtribuiçaõ das ordens, a ſua corage nos avances, que elle poz

Eſtá vulg.

em

Era vulg. em fugida com grande estrago a todo o presidio da ponte. Pela sua parte o Albuquerque se conduzia com taes xtremos de valor, que os Barbaros naõ lhe podendo sustentar a presença, abandonáraõ a Mesquita, e hum Fórte visinho á Cidade.

Sobre hum Elefante rodeado de tres mil homens, appareceo o Rei para acodir aos seus neste aperto; mas vendo-os em derrota, e as estancias perdidas, se foi retirando para o Paço. Os Portuguezes circunspectos naõ quizéraõ entaõ seguillo, e perdêraõ a melhor preza. Entaõ se amparou o Albuquerque de algumas casas, a que tinha perdoado o fogo; plantou nas suas soteias peças de campanha, que batessem as ruas; mandou que as embarcações ligeiras rondassem o rio; a dous Esquadrões, que entrassem pelas ruas sem perdoarem a sexo, nem a idade; e sobrevindo a noite, cessou a peleija, e se separáraõ os combatentes.

Já os Portuguezes contavaõ ao Rei Mamud no número dos seus prisioneiros; mas elle na mesma noite se refugiou no sertaõ com suas mulheres, e filhes, com o enorme thesouro de Ma-

la-

laca, em que os nossos tinhaõ firme a esperança de ficar ricos. Quando amanheceo, e os Portugezes nada víraõ no Palacio, tomados da cólera lhe déraõ fogo. Voltáraõ sobre a Cidade, aonde ninguem lhes resistia, naõ cuidando as trópas, que restavaõ, em mais expedientes, que nos de se salvarem. Nesta consternaçaõ, já tudo abandonado á pilhagem, o Governador postou salvas guardas nas casas de Utetimuta Raja, de Ninachetu, dos Pegus, Jaos, e Quelins nossos amigos para as livrar dos insultos. Os despojos, com que os soldados se remuneráraõ as suas fadigas, foraõ monstruosos; e entre elles tres mil peças de artelharia, e naõ nove mil como disséra o Araujo; huma quantidade prodigiosa de armas, de munições de guerra, e bocca, de máquinas naõ conhecidas dos nossos, de aprestos para Armadas: em fim tanto de tudo; que só dos generos, que se acháraõ pelas casas, importou o quinto para El-Rei 200$000 escudos de ouro.

Era vulg.

Taõ grande conquista, riquezas immensas, huma Cidade brilhante, huma

Era vulg. ma glória esplendida, tantos inimigos mórtos, nós o compramos a troco de bem poucas vidas. Os nossos Officiaes, e soldados se conduzíraõ por modo taõ sublime, que enchêraõ de admiraçaõ aquellas Regiões. Daqui em diante se empregou o Governador em ganhar a benevolencia dos Póvos, que temiaõ aos Portuguezes, como gente feroz. Principiando pelos negocios da Religiaõ, deo graças a Deos por taõ consummada victoria; fez edificar huma Igreja com o titulo da Assumpçaõ da Senhora; e passando aos temporaes, mandou publicar bandos, para que os Mercadores, e familias, que haviaõ fugido da Cidade, voltassem para ella sem susto: encarregou o governo dos Mouros a Utetimuta Raja, o dos Gentios a Ninachetu para administrarem sobre elles justiça confórme ás Leis da Cidade; advertencia saudavel, que attrahio grande número de Estrangeiros: fundou no lugar da Mesquita a Fortaleza, que se chamou Famosa, de que fez Commandante a Rodrigo de Brito Patalim; servindo-se para ella da pedra das sepultu-

[illegible] dos Reis, e dos Grandes, que Eu mandou desfazer: cunhou moeda com as Insignias do Rei D. Manoel, e florecendo como d'antes o Commercio, Malaca se restitue debaixo da sujeiçaõ Portugueza o explendor primitivo.

O Governador advertido, de que o Rei apartado da Cidade oito legoas, deixando a guarda do rio encarregada ao Principe Alodin seu filho, poderia formar intentos de reentrar na sua Corte; destacou para o irem atacar aos dous irmãos Simaõ, e Fernando Peres de Andrade com outros Capitães, alguns Portuguezes, Jaos, e Gentios da terra. Elles deraõ nos inimigos com tanto esforço, que lhes arruináraõ as trincheiras, totalmente os derrotáraõ; com todas as bagagens, e sete elefantes se recolhêraõ victoriosos a Malaca. Esta perda junta á tristeza, que o Rei afflicto tinha concebido, de naõ fazer a paz com os Portuguezes sugerido pelo Principe Alodin, e por alguns dos seus Officiaes, foraõ golpes, que o matáraõ de repente: Principe de coraçaõ aça-

nha-

Era vulg. nhado, que sem presença de espirito perdeo a constancia na desgraça. 1511

Esta morte abrio o passo para muita gente de Malaca tomar o nosso partido. Entre ella Lasaman, que fizéra as funções de General do Rei defunto, se offereceo ao Governador para servir ao de Portugal. Elle lhe aceitou o consentimento; assegurando, que os homens do seu merecimento tinhaõ lugar em toda a parte, na sua estimação o mais distincto; que podia restituir-se a Malaca, aonde naõ acharia menos os agrados do Rei morto. Huma carta anonyma, que debuxava ao Albuquerque com as côres da tyrannia, e má fé, divertio a Lasaman do seu intento, e penetrou o fundo da alma do grande homem, que em nada pensava tanto, como em guardar a integridade da palavra, e o sagrado das promessas.

Adoçou o nosso Chéfe este desprazer com a vinda dos Embaixadores de muitos Principes daquelles continentes, que lhe rendiaõ honras, e o trataváõ em tom de Testa coroada. Ao mesmo tempo chegou de Siaõ Duarte Fernandes

Era vulg.

dez, que fora estimado daquelle grande Rei com excesso, e enriquecido com donativos preciosos. Elle assegurava ao Albuquerque quanto lhe era agradavel a alliança com o sublime Rei de Portugal: que a sua victoria sobre Malaça o enchêra de prazer: que elle estava prompto para contribuir em tudo, quanto fosse vantagem do Imperio Portuguez; estimar a Dignidade delle Governador, e de todos os Capitães do grande Rei. Para elle retribuir esta reputaçaõ do Monarca, senhor de onze Provincias, que cada huma dellas era hum Reino respeitavel, e que todo o enchia de honra, mandou a Antonio de Miranda de Azevedo, e a Duarte Coelho, que com os seus poderes plenos, e ricos presentes fossem a Siaõ gratificar ao Rei as condescendencias benevolas, com que o tratava a elle, e a sua Naçaõ.

Estes Enviados enchêraõ bem os seus deveres junto á pessoa do Rei, e da Rainha sua Mãi, que dobráraõ com elles as attenções. Ainda que taõ grande o Rei de Siaõ, naõ contribuio pouco para a sua humanidade a nosso res-

Era vulg. peito, estar elle bem instruido nas Embaixadas solemnes, que, como a hum Soberano, haviaõ mandado ao Albuquerque os Reis poderosos de Java, de Pegu, e de outros grandes Estados, sollicitando a alliança, a amizade, o Commercio com os Portuguezes; fazendo elogios singulares ás suas virtudes. Contra elles só o Principe Aladin naõ podia disfarçar o odio, que herdára de seu Pai com o resto dos Estados de Malaca. Elle se quiz esforçar para restituir a sua perda: ajuntou tropas, pedio soccorros, fez amigos, compoz hum pequeno Exercito, quiz arriscar-se a hum combate; mas sendo tambem herdeiro da desgraça do Pai, perdidas as forças, e as esperanças, teve de se fortificar na Ilha de Bintaõ, donde lançou ao Governador, para ir passando em imagem de Principe vida de particular. Mas os movimentos do Hidalcaõ sobre Goa naõ nos consentem maior extensaõ nos negocios de Malaca.

CA-

CAPITULO VI.

Eſcreve-ſe a guerra do Hidalcaõ contra Goa, em quanto Affonſo de Albuquerque eſtava em Malaca.

A IMPACIENCIA do Hidalcaõ para reſtituir a Cidade de Goa naõ lhe conſentio que paſſaſſem muitos dias depois da partida do Albuquerque ſem tentar fortuna, talvez conſiderando que ou elle na empreza poderia arruinar-ſe, ou ganhando a Cidade, a perda nos combates, e a guarniçaõ, que lhe deixaſſe, diminuiria as forças, que poriaõ Goa em fraqueza para fortificarem Malaca. Eſtes bem penſados deſignios o reſolvêraõ a mandar com tres mil homens a Pulatecaõ ſobre as Tanadarias da Terra firme. Meltrao, e Timoja, ſempre fiéis aos intereſſes de Portugal, lhe ſahiraõ ao encontro com quatro mil ſoldados da terra, e alguns cavallos, que facilmente o desbaratáraõ. Pulatecaõ ſoube recobrar a ſua Praça; voltou á carga com trópas novas em maior nú-

Era vulg.

Era vulg. número; venceo aos dous Generaes; que envergonhados de apparecerem em Goa, como se hum revez da fortuna fosse affronta, formáraõ a intençaõ de irem pedir soccorros ao Rei de Narsinga.

Timoja difficultava esta jornada, que o expunha a soffrer o resentimento do Rei Crisnara, seu inimigo. Melhrao lhe facilitou o perdaõ, que conseguio; mas com effeito Timoja foi assassinado, e como elle em Narsinga naõ tinha outro contrario mais que o Rei, a voz pública o fazia author da sua morte. Pulatecaõ soberbo com a victoria, determinou entrar na Ilha. Crisna, nosso amigo, mandou este aviso a Rodrigo Rebello, Capitaõ da Cidade, que cuidou em reforçar os póstos; mas naõ obstante as suas prevenções, Pulatecaõ em huma noite tenebrosa, como na primeira guerra, pelos lugares em que era prático metteo na Ilha 1⊕500 homens. Na mesma noite tomou no passo de Naroa duas caravellas com morte de quasi todos os Portuguezes, que se defendêraõ com vigor extraordinario.

rio. Os defensores de Benastarim, Aguasim, e mais póstos avançados, ao estrondo desta invasaõ se recolhêraõ á Cidade.

Era vulg.

Todo o empenho do experimentado General era escogitar modos de chamar parte da guarniçaõ ao campo para entaõ atacar a Cidade enfraquecida. Para o conseguir sobornou hum Canarim astucioso, e déstro, que mandou a Goa informar ao fiel Cogebiqui, como elle víra em Goa Velha 200 homens, que facilmente seriaõ desbaratados, se fossem investidos. Rodrigo Rebello, que tinha a gente prompta esperando a volta do Adail Diogo Fernandes de Faria, que na madrugada mandára explorar a campanha, créo ao rustico simulado, que Cogebiqui lhe protestava naõ ser digno de fé, e resolveo sahir da Praça sobre os inimigos. Aos primeiros passos fóra della desappareceo o trahidor, que o guiava, sem bastar esta segunda perfidia para o Rebello conhecer a fraude. Ao contrario accelerando a marcha dos 35 cavallos, que levava, ficando-lhe os 500 Indios muito pela reta-guarda, avistou

tou o campo de Pulatecaõ, observou a desigualdade, conheceo o engano. Se elle fosse menos ardente faria huma retirada com honra; se reflectisse no conselho prudente de Cogebiqui, naõ acabaria com a nota de temerario, sequaz do proprio capricho.

Mas a fortuna, quando quer traçar a ruina, favorece a audacia. O Commandante arrojado, só com o voto de Manoel da Cunha igualmente atrevido, com a cavallaria, e alguns Malabares, sem esperar os Canarins, se lançou sobre Pulatecaõ, que estava occupado em receber a gente, que passava para a Ilha em jangadas. Neste repelaõ foraõ os dous Aventureiros taõ felices, que degolláraõ mais de 300 homens; fizeraõ que muitos se arrojassem ao rio, aonde se affogáraõ, e constrangêraõ Pulatecaõ a buscar o refugio de humas paredes velhas, aonde se fez forte com 80 Turcos. A este tempo chegavaõ os Canarins, que vendo os inimigos mettidos em derrota, se dividíraõ para os perseguir na retirada. Rebello, e Cunha se avançavaõ, espada em maõ, para levarem

os assistiaõ á escalla. Cogebiqui prudente os quiz dissuadir do intento com a lembrança, de que nelle estava Pulatecaõ resoluto com muito mais gente que a sua, toda atrevida: que naõ arriscassem sem fructo as suas pessoas, quando aquelles contrarios estavaõ prisioneiros, se fossem atacados de longe com armas de arremeço. Em vulgo

O Commandante, e o Cunha, soberbos com a victoria, desprezáraõ o conselho prudente, e os inimigos vencidos; com quatorze cavallos entráraõ pelas ruas do casarâõ; mas os dous pagáraõ a pena da temeridade, cahindo atravessados pelos peitos de duas lançadas, e os mais feridos se poseraõ em retirada.

Ficou Pulatecaõ senhor do campo; porque a gente desmandada se recolheo á Cidade; que estimou a Cogebiqui por hum Capitaõ sabio, e previsto. Tratou-se de eleger Governador para a Praça, e por unanimidade de votos foi reconhecido Francisco Pantoja, que pelo nascimento, qualidades, e valor era digno do emprego; mas elle de tudo esquecido o recusou, sem reparar que des-

Era vulg. desanimava a gente com os motivos de escusa pública, que reduziaõ Goa ao estado de huma Praça indefensavel. A Nobreza, e Povo, que tinha outros sentimentos, e conhecia em Diogo Mendes de Vasconcellos espíritos para maiores emprezas, que a defensa da Cidade, naõ obstante o Albuquerque o deixar prezo, elles o nomeáraõ Governador de Goa. Entaõ allegou Francisco Pantoja o seu direito; mas os seus requerimentos foraõ desprezados á proporçaõ do muito, que a pessoa estava desattendida, e o seu valor ultrajado.

O novo Governador applicou logo todos os cuidados para bem sustentar a dignidade do seu emprego. Elle fez trabalhar nas fortificações, dobrou a guarniçaõ, proveo a Praça de viveres, e com 200 Portuguezes, e 600 Canarins se fez prompto para sustentar o sitio de hum Exercito, que cada dia se engrossava. Pulatecaõ, que estava senhor da Ilha, para facilitar o trajecto das trópas levantou no passo de Benastarim huma Fortaleza, que proveo de grossa artelharia; e já com emboscadas, já com for-

força descoberta vinha insultar a Cidade para conseguir, que a pequena guarnição sahisse a campo. O Governador a nada taõ attento, como á conservaçaõ do seu pouco mundo, tinha pela maior gloria sacodillo da frente das muralhas com a gente em cima dellas. Entaõ experimentou elle duas próvas de amizade, huma em Crisna, que no mesmo dia, em que tomou posse do governo, temendo assustar com o perigo de Goa, lhe pedio o admittisse dentro da Cidade com a sua gente para o servir, como lhe foi concedido; outra em Francisco Pereira do Berredo, que veio de Cananor em huma fusta com trinta Portuguezes offerecer-se para seu companheiro nos trabalhos.

Impaciente o Hidalcaõ porque o sitio se prolongava tanto, o encarregou a seu cunhado o Turco Rosalcaõ, que levava ordem para Pulatecaõ lhe obedecer. O ciume metteo aos dous Chéfes em desordem, que nos poderia ser util, se alguns dos defensores de Goa fossem menos crédulos. O Turco astucioso escreveo ao Governador, assegurando-lhe

que

Era vulg. que elle naõ lhe vinha fazer a guerra, mas a castigar Pulatecaõ, que a intentára sem ordem de seu Amo: que para destruirem este homem arrogante era necessario, que elle unisse ás suas as forças da Praça; e que para próva da sua sinceridade, se elle nisso condescendesse, traria aos Portuguezes, que naufragáraõ em Dabul para lhos entregar. O Governador com a maior parte dos Officiaes acreditáraõ a suggestaõ, e deraõ ao General fraudulento soccorros por mar, que contribuíraõ muito para a ruina de Pulatecaõ.

Apenas Rosalcaõ se vio livre do seu competidor, fez saber a Diogo Mendes, que elle naõ só deixava de lhe mandar os Portuguezes captivos, como lhe promettêra; mas lhe requeria, que sem demora entregasse Goa a seu dono, sem se expôr a que elle levasse tudo a fogo, e sangue, naõ dando quartel a algum vivente. Todos se subprendêraõ á vista desta perfidia abominavel, e cuidáraõ em reparar a sua condescendencia indiscreta por meio de huma tal defensa, que naõ deixasse lugar vazio entre

a

a perda das vidas, ou ganhar a victoria Era vulg. completa. Tomou novas forças a guerra; acautelados os Portuguezes na defensa dos póstos, escusando-se ás sahidas, que naõ tivessem vantagens evidentes. A entrada do Inverno rigoroso, que fechava os mares, pedia nova circumspecçaõ a respeito das munições, e viveres, que se deviaõ poupar. Nelle foi tal a continuaçaõ das chuvas, que deitáraõ a terra hum grande lanço de muros brecha capaz de entrarem de frente Esquadrões formados em batalha.

Igual ao nosso susto foi a confiança dos inimigos nessa fatalidade. Rosalcaõ, até entaõ suspenso por causa das inundações, rompe todas as difficuldades, e se avança para levar Goa de assalto. Elle marchou com intrepidez a montar a escalada; mas encontrou outro muro de peitos fórtes, que fez invencivel a fraqueza do arrazado. Peito a peito se combatêraõ furiosos, sitiantes, e sitiados, ambas as partes com effusaõ de sangue, muito maior a dos inimigos. Nós perdemos de huma balla a Cogebiqui, que nos fizéra tantos

 ser-

Era vulg. serviços com fidelidade, acabando com a glória de valente soldado, e de Capitaõ advertido. Esta perda foi contrapezada com o gosto da retirada dos inimigos melancolicos, confusos, e taõ cortados, que nos deraõ tempo para repararmos a ruina dos muros. Entaõ conheceo Rosalcaõ, que para vencer Portuguezes lhe eraõ mais necessarios os estratagemas, que o valor, e arbitrou de dia mostrar-se com géstos de nos combater; de noite fazer tocar trombetas, que servissem de nos alvoroçar, para que a guarniçaõ rendida ao somno, desesperasse de se defender.

O nosso desterrado Joaõ Machado, de quem tenho dado noticia tantas vezes, e que fazendo bem o papel apparente de Mouro, commandava neste sitio huma companhia dos inimigos, avisou ao Governador a industria de Rosalcaõ; que os trombetas andavaõ escoltados por huma companhia, que sahisse contra ella, e a derrotasse para se vêr livre deste incómmodo. Assim se executou com felicidade; cessou o estron-

estrondo das trombetas; mas o seu lugar foi substituido pelos estragos da fome; inimigo mais inexoravel, que naõ deixa perceber vestigios de humanidade. Esta foi causa, naõ só de nos fugirem; mas de apostatarem setenta homens, entre elles Fernaõ Lopes, distinto em qualidade, que cambiáraõ pelos alimentos do corpo os premios eternos da alma. A apostasia destes homens foi o auxilio efficaz, que tocou até ao fundo o espirito de Joaõ Machado. Elle contrapôz aos impios a resoluçaõ de vir lançar-se nos braços das angustias de Goa para se declarar Christaõ, abandonando as honras, e fartura do campo com apparencias de Mouro. Esta. vulg.

Tinha elle de huma Moura dous filhos pequenos, que baptizára, e naõ lhe era possivel trazellos comsigo. Transportado de zelo, porque senaõ perdessem sendo Mouros, pedindo a Deos perdaõ da sua atrocidade, huma noite os afoga na cama, queixando-se de lhos haverem as feiticeiras embruxado. Desta acçaõ taõ opposta á natureza, e aos principios da Religiaõ, de que elle vinha

Era vulg. nha fazer huma profissaõ aberta, fingio o Machado, como de obra alheia, hum sentimento taõ extremoso, que se lhe permittio para desafogo o passeio por toda a Ilha. Os Portuguezes captivos, e os apostatas o acompanhavaõ; e chegando perto de Goa, lhes descobrio os seus sentimentos, e a resoluçaõ com que vinha; que a todos rogava naõ quizessem commutar a glória da eternidade por huma passagem mais commoda da vida do tempo transitoria, e caduca. Á efficacia das suas vozes nenhum dos apostatas se moveo; os captivos todos entráraõ com elle em Goa, que teve por presagio dos bons successos a acçaõ piedosa dos Portuguezes reputados Mouros.

Rosalcaõ quiz despicar esta injúria feita a Mafoma com reforçar contra a Praça os ataques; mas sem se atrever a investilla. O Governador para provar os motivos da inacçaõ, appareceo na tésta de oitenta cavallos discorrendo pelo campo, aonde carregou o grosso dos inimigos, que mandava Rosalcaõ em pessoa, com impulso taõ vehemente,

que

que degolados muitos dos valerosos, Rosalcaõ com os prudentes buscou a segurança na fugida. Esta bella acçaõ do Governador foi acompanhada de outra naõ menos illustre de seu amigo Francisco Pereira de Berredo, que compadecido da fome, que se soffria na Praça, sem temor das náos dos inimigos, da ferocidade do mar no rigor do Inverno, na mesma fusta, em que veio de Cananor, foi a Baticala, e em poucos dias negociou com tanta dexteridade, que entrou pela barra com vinte paráos carregados de mantimentos.

Era vulg.

Experimentou Goa outra vantagem na chegada das náos de Joaõ Serraõ, e de Payo de Sá, que vinhaõ de descobrir a Ilha de S. Lourenço, como El-Rei lhes ordenára na sua partida de Lisboa. Como já entrava a Primavéra, veio pouco depois Diogo Fernandes de Béja com 200 Portuguezes, a artelharia, e munições da Fortaleza de Çocotorá, que se mandára desfazer. Quasi na sua reta-guarda chegou Manoel de la Cerda da Costa do Malabar com as seis náos, que o Albuquerque lhe dei-

xou

Era vulg. xou encarregadas para a guerra de Calecut, e nellas 200 homens com abundancia de mantimentos: soccorros opportunos, que soblevárao a Cidade das oppressões; que lhe segurárao a defensa, fazendo a Rosalcao mais circunspecto.

Neste anno sahio de Lisboa para a India D. Garcia de Noronha, sobrinho do Albuquerque commandando huma Esquadra de seis náos com os Capitães Pedro Mascarenhas, Manoel de Castro Alcaforado, Jorge de Brito, D. Ayres da Gama, e Christovaõ de Brito. Destas náos quatro invernárao em Moçambique, a de D. Ayres veio a Cananor, a de Christovaõ de Brito entrou em Goa, que com estes reforços, a que os inimigos naõ fizéraõ opposiçaõ, nada temia os repelões, com que Rosalcaõ queria naõ se mostrar medroso. No ultimo, em que foi desbaratado na sahida, que fez o Governador com Christovaõ de Brito na vã-guarda; ficou elle desenganado do principal projecto, satisfeito com dominar a Ilha, e fortificar Benastarim para esperar occasiaõ mais favoravel ás suas vastas idéas.

CA-

CAPITULO VII.

Continuaçaõ dos successos de Affonso de Albuquerque em Malaca, com outros acontecimentos.

QUANDO Goa soffria as calamidades, Era vulg. que acabo de referir, o Governador da India em Malaca estava rodeado dos embaraços, que lhe maquinava Utetimuti Raja; que devendo pela escuridade do seu nascimento ser moderado, a sua oppulencia desmedida o fez taõ soberbo, que já na vida de Mamud, e agora no governo do Albuquerque, naõ se contentava com menos, que a dignidade de Rei de Malaca. Como na vida daquelle Soberano naõ pode lograr o designio, entendeo que o conseguíria, se o Albuquerque se fizesse senhor da Cidade; sendo hum Estrangeiro, que havia receber os soccorros da India, e por isso se declarou na guerra a favor do seu partido.

Naõ passou muito tempo depois da conquista, que elle naõ se abrisse com-

 os

Era vulg. os moradores da Cidade, e lhes declarasse: Que deviaõ advertir a grande distancia, em que os Portuguezes estavaõ da India para terem soccorros effectivos: que elles eraõ mui poucos, incapazes de resistir ao Principe Alodin, se com maiores forças viesse recobrar Malaca, e que como elles deviaõ entaõ temer que o Principe lhes imputasse o crime de infidelidade, pedia a prudencia que para evitar as contingencias funestas, cuidassem desde já nos expedientes. Aqui teve lugar toda a abertura do espirito ambicioso, que offereceo toda a sua potencia, a dos seus amigos, a das suas riquezas para impedir as tentatativas de Alodin, para lançar fóra os Portuguezes, se elles o quizessem eleger Rei de Malaca.

Huma esperança vaga dominava ao sugestor, e aos sugeridos, estes gostosos com as promessas da liberdade, o outro vaidoso com os assombramentos de Monarca. Mas ellas, em hum, e nos outros depressa se desvanecem. Viraõ elles os sábios Regulamentos do Governador para a estabilidade da nova República

[illegible], as providencias regulares para a sua economia; o freio, que lhes deitava com a fabrica de huma Cidadela inconquistavel; a força das náos, que destinava para a segurança do porto, e perderaõ toda a corage os espiritos arrogantes. Utetimuta Raja, que nas calamidades dilatava o coraçaõ; na fúce do desalento dos seus complices, sem fazer mudança no fim das suas intençoes, elle cuida em mudar de meios. Com facilidade arma correspondencia, e faz promessas ao Principe Alodin de o servir com a pessoa, com a fazenda, de lhe pagar as tropas, se elle quizesse vir arrancar os seus Estados do poder da tyrannia. Recobrou alentos o Principe, que naõ duvidou offerecer logo todos os officios de Rei a Utetimuta Raja, se lograsse o projecto, naõ querendo da Soberania para si, mais que o nome, e a figura: ultima extremidade, a que se arroja a ambiçaõ, o furor, ou a demencia nas representações de dominar.

Para o trahidor avançar o designio era necessario metter o segredo em mui-

P ii tas

Era vulg. tas boccas, que tapava com promessas de grandes vantagens individuaes. Os mais interessados temêraõ que, se a conjuraçaõ se descobrisse, elles seriaõ as victimas da indignaçaõ dos Portuguezes: temor, que inclinou a muitos dos conductores das cartas, e repostas a entregallas ao Albuquerque, instruindo-o nas idéas de Alodin, e Utetimuta Raja, de seu Filho Paciaco, e de Patripa seu genro. A politica do Albuquerque teve entaõ por conveniente dissimular, mostrar-se agradavel ao Povo, e conferir unicamente com Rodrigo de Araujo o modo, com que elle poderiá trazer á Fortaleza os tres conjurados. A pretençaõ do Persa Coge Abrahem, creatura de Utetimuta Raja, o facilitou; porque pedindo ao Governador o officio de Quetual, elle lhe respondeo que naõ tinha dúvida; mas que sendo o emprego importante, para naõ haverem queixosos era preciso, que elle trouxesse á Fortaleza as pessoas principaes da Cidade para as ouvir, e fazer com ellas que approvassem a nomeaçaõ.

Suc-

Succedêraõ as cousas, como o Governador as desejava. Ao sahir da Assembléa Utetimuta Raja, seu Filho, seu genro, todos os mais trahidores foraõ prezos. Formou-se logo o processo, em que elles se defendêraõ com ar de fidelidade, com alegria de innocentes, com constancia de bons servidores, na intelligencia de que contra o seu crime naõ haviaõ provas. Apresentáraõ-se em juizo as cartas, e respostas da propria letra dos réos, e cahio de golpe a firmeza fingida, a fé, e innocencia affectadas. O temor das penas os arrojou aos pés do Governador para implorarem a sua clemencia; mas o crime era de natureza, que esconḍia a fáce ao perdaõ. Mandou-se levantar hum cadafalço no mesmo lugar, em que Utetimuta Raja quiz assassinar a Diogo Lopes de Siqueira, e desprezadas as grossas sommas, que a mulher do trahidor offerecia pela sua vida, pela do Filho, e genro, a todos foraõ cortadas as cabeças. Malaca, ao mesmo tempo que ficou respeitosa á severidade dos Portuguezes, naõ desestimou o fim tragi-

Era vulg.

gi-

Era vulg. gieo dos arrogantes, origens das muitas calamidades na Républica.

Compóstos estes delicados negocios, o Albuquerque despedio tres náos ás ordens de Antonio de Abréu com os Capitáes Simaõ Affonso Bisagudo, e Francisco Serraõ para descobrirem as Ilhas Molucas. Sahio Antonio de Abreu de Malaca nos ultimos de Dezembro, levava 200 Portuguezes, além dos soldados da terra; mas compelido dos tempos contrarios, arribou ao Reino de Java. Daqui passou á Ilha de Amboino, dependente das Molucas, e foi ter á de Banda, que communica o seu nome a outra quantidade de Ilhas, que a rodeiaõ, e que produzem muitas plantas odoriferas, entre ellas as que criaõ a maça, o cravo, a noz moscada, e das folhas se compõe medicinas excellentes. Os moradores saõ Mahometanos; naõ se sugeitaõ a algum dominio, e quando entre si tem controversias, elegem hum Arbitro prudente, que as decide, e os compõe.

Antonio de Abreu foi tratado com humanidade por estes Póvos ferozes,

já

já instruidos no modo, com que os Portuguezes se conduzírão em Malaca. Elle se lhes mostrou officioso aos seus obsequios, tão condescendentes, que lhe permittírão levantar em Banda huma columna com as Devisas do Rei D. Manoel. Não lhe consentindo os continuos temporaes avançar o descobrimento na fórma das ordens do Governador, o Abreu voltou para Malaca. Francisco Serrão sahio de Banda, e levado á toa pela mesma tormenta, naufragou na Ilha de Ternate, huma das Molucas, junto aos escolhos, que os naturaes chamão Lucopinos, aonde erão continuos os insultos dos pyratas, e corsarios, que vivião da rapina.

Era vulg.

Estes Barbaros vierão em muitas barcas insultar a náo, que por destroçada do tempo não ficou em estado de defender-se. Serrão usou de destreza para sahir do perigo, escondendo-se nas lanchas com parte da gente á sombra de huns rochedos para os atacar em popa. Assim o fez o bravo Official com tanto valor, que os Barbaros attonitos se submettérão, offerecendo-se aos Portu-

tu-

Em vulg. tuguezes para guias, que os conduzissem ao Paiz incognito, em que estavaõ. Como nelle naõ se conhecia a corage do espirito; a que os nossos mostráraõ nesta occasiaõ estimuláraõ os dous competidores Almançor, Rei de Tidor, e Boleifa, Rei de Ternate, para solicitarem a alliança com os Portuguezes naufragados. Boleifa se adiantou nos ajustes, e mandou dez navios com mil homens de equipagem para receberem a Francisco Serraõ com as suas gentes, que o serviráõ contra Almançor.

O Governador em Malaca tinha-se descartado de hum trahidor, e adquirio outro. Como pela mórte do primeiro ficára vago o emprego de Juiz dos Mouros, elle o conferio a Patecatir, homem poderoso, inimigo declarado de Utetimuta Raja, por lhe negar huma filha para mulher. A viuva sagaz, mulher sem consideraçaõ nas paixões, desejosa de vingar a mórte do marido, attrahe Patecatir á sua devoçaõ com a promessa da filha, com a de seis mil homens pagos á sua custa para dar sobre Malaca,

para se ficar senhor da Cidade. Outras imaginações de ser Rei arrastaõ Patequir a acceitar as condições: recebe a moça em segredo: entra na execuçaõ dos designios, e fez pôr o fogo aos quarteis principaes de Malaca. Acode o Albuquerque a apagar a rebeliaõ, e o incendio com tanto ardor, que Patequir se retirou para a segurança do lugar de Upi em estado de ja mais se lhe esvahir o cerebro com os fumos de Rei.

Era vulg.

Restituida a tranquillidade a Malaca, o Governador se preparou para voltar á India. As dispozições, que deixou na Cidade conquistada, foraõ arbitradas pela sua consummada prudencia. Do governo ficou encarregado Ruy de Brito Patalim, como dissemos; da Alcadaria Mór, e Feitoria, Rodrigo de Araujo; a Capitania do mar a Fernaõ Peres de Andrade com homenagem ao Governador da Praça, e por seus Capitães da Armada Lopo de Azevedo, Vasco Fernandes Coutinho, Joaõ Lopes de Alvim, Pedro de Faria, Jorge Botelho, Christovaõ Mascarenhas, Ayres Pereira

Era vulg. ra de Beredo; Chriſtovaõ Garcez, e Antonio de Azevedo. Para adminiſtrarem juſtiça aos Gentios eſtava já criado o Juiz Ninachetu; para o ſer dos Mouros nomeou a hum Caciz dos Malaios; para os Jaos a Aregemut Raja, e a Tuaõ Calaſcar. O perſeguido Sultaõ Zeinal novamente pedio a graça do Albuquerque, que o admittio na Cidade; mas vendo que lhe differia a reſtituiçaõ ao Reino para quando outra vez vieſſe da India, tornou a fugir de Malaca.

Coberto mais de glória, que acompanhado de forças, partio Affonſo de Albuquerque para a India com quatro náos carregadas das precioſidades tomadas na nova conquiſta, levando a bordo muitos Officiaes mecanicos, Jaos de naçaõ, para ſervirem ao Eſtado. Indo as náos em conſerva pela Ilha de Çamatra, defronte da cóſta de Dauru lhes ſobreveio hum temporal taõ furioſo, que a do Albuquerque varou em huma penha, aonde ſe fez em pedaços. A guarniçaõ parte pereceo nas ondas, parte ſe ſalvou nas praias de Pacem, e

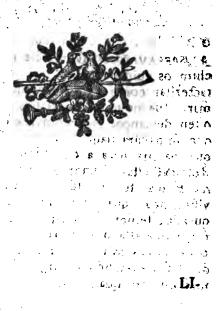
o

o Albuquerque deveo a vida a Pedro de Alpoem, que no batel o livrou do perigo, e recolheo na sua náo. Neste naufragio se perdeo hum thesouro; os presentes preciosos dos Reis da India; as raridades, que se haviaõ ajuntado em grande quantidade por preços avultados para serem remettidas a El-Rei, entre ellas a célebre pedra de tancar sangue, que trazia o Principe de Malaca; as vidas dos melhores Officiaes, e soldados, que era o que mais importava; o que o seu Chéfe mais sentia.

Em vulg.

A náo de Jorge Nunes de Leaõ se separou da de Simaõ Martins, que levava todos os Jaos com a escolta de treze Portuguezes. Os Barbaros se aproveitáraõ da occasiaõ: matáraõ a Simaõ Martins, que tinha servido em muitas occasiões com grande honra, e aos Portuguezes, excepto quatro, que no batel foraõ dar a Pacem; mas elles naufragáraõ em Timiáo na mesma cósta de Çamatra sem gozarem o bem da liberdade. Serenado o mar, o Albuquerque,

Era vulg. 1512

que ajuntou do destroço as reliquias que pode, e continuando a viagem, em que a fome, e sede, renovárao os trabalhos, ultimamente chegou a Cochim sem mais despojos de tantos triunfos, que a reputaçaõ, e a glória.

LIVRO XXXIX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trataõ-se os successos do anno de 1512, especialmente os da India.

Era vulg. 1512

ESPERAVAŐ pelo Governador em Cochim os cuidados de Goa para se caracterisar como Heróe semelhante ao mar, que no movimento contínuo tem o seu descanço. Alli o informáraõ do que se passára naquella Cidade, depois que partíra para a de Malaca; como Rosalcaõ estava senhor da Ilha com huma Praça fortificada em Benastarim; visinhança, que tinha Goa como bloqueada, sempre nos sustos de ser investida: que ella o esperava para a pôr a coberto dos insultos com a restauraçaõ da Ilha, e rendimento de Benastarim; mas que em quanto em pessoa naõ hia

a

Era vulg. a estas expedições, ella tinha necessidade de socorros.

Sem perda de tempo mandou o Governador oito catures com gente, e ordem a Manoel de la Cerda para governar a Praça, e a Diogo Fernandes de Béja provisaõ de Capitaõ do mar. O desprazer, que lhe causou huma desordem succedida em Cochim na sua ausencia, que teve por consequencia o degredo de Simaõ Rangel, innocente, e zeloso do bem publico, para Goa; elle o suavisou com a chegada da nao de Pedro Mascarenhas, que era huma das da Fróta de seu sobrinho D. Garcia de Noronha, e vinha provido na Fortaleza de Cochim. Outra complacencia semelhante teve com a vinda do Embaixador de hum dos Reis mais poderosos das Maldivas, que sollicitava a nossa alliança com a submissaõ de vassallo, e tributario de Portugal: alternativa dos acontecimentos humanos, que com pezares e prazeres, com felicidades e infortunios hia tecendo a heróica vida do grande Affonso de Albuquerque.

A prosperidade das armas Portugue-

zas

zas na India foi acompanhada no principio deste anno do nascimento do Infante D. Henrique, que depois de Cardeal veio a ser Rei destes Reinos. A muita neve, que cahio no dia, em que nasceo, servio de materia aos investigadores dos futuros para prognosticarem no Infante huma candura de espirito, que se faria luminosa com a pureza da vida, com a integridade da continencia, com fecundidade de virtude: horoscopo bem levantado pela exactidaõ, com que a liberdade do Infante auxiliada da graça, fez verdadeira a lisonja do calculo.

Esquulg.

Tornando aos successos de Malaca, os seus moradores depois da partida do Albuquerque se deixáraõ rodear da consternaçaõ, nascida do temor panico, de que a sua ruina sería infallivel ás mãos de tantos inimigos poderosos, que os cercavaõ. Já parecia que chegava a execuçaõ destas idéas tristes, quando se rompeo a voz, de que Lasaman com huma Fróta consideravel vinha levar Malaca a ferro, e fogo. Fernaõ Peres de Andrade para mostrar aos mo-

ra-

Em vulg. radores, que para os defender naõ lhes fazia falta o Albuquerque, sahio a buscar Lasaman no mesmo rio de Muar, aonde se dizia que ajuntava a imaginada Fróta. Patecatir, que havia feito espalhar esta voz falsa, se aproveita da occasiaõ para vir de noite ganhar huma barca nossa, que defendia a cabeça de huma trincheira. Elle a tomou, e fez a gente prisioneira com o seu Capitaõ Affonso Chainho, ao qual mandou cortar a cabeça, quando Fernaõ Peres, que naõ achou a Lasaman, o foi atacar, o destróçou, e o fez mudar de posto.

A esta victoria, que acabavaõ de ganhar Fernaõ Peres, e Affonso Pessoa, quiz pôr tropeços hum novo Esquadraõ de 400 Barbaros com tres elefantes na sua frente armados de Castellos, que denodados, e briosos se avançáraõ sobre as nossas fileiras. Jorge Botelho matou o que vinha na vã-guarda, e a trópa bem servida tomou o partido de retirar-se, ficando em nosso poder o Fórte, que era o refugio de Patecatir chamado Rei de Malaca. Fer-

naõ

nando Peres, que naõ o perdia de vista, passados poucos dias o foi investir no novo posto, aonde se entrincheirára com dobrada força. Nunca se devem desprezar os inimigos vencidos, que saõ homens, e o espirito humano nos abatimentos sabe recobrar coragem. Tanta foi a nossa confiança neste choque, que cedemos a Patecatir huma especie de victoria, em que Fernaõ Peres, e Pedro de Faría ficáraõ feridos, e mórtos no campo doze homens, em que entráraõ Rodrigo de Araujo, perda sensivel, Christovaõ Mascarenhas, Antonio de Azevedo, Jorge Garcez, e Christovaõ Pacheco.

Em vulg.

Patecatir soberbo com a sua vantagem, avisou a Lasaman, para que unindo a sua Frota com a do Rei de Darguim, viessem ambos soccorrello no sitio, que deviaõ pôr a Malaca. Fernaõ Peres de Andrade poupou o caminho a Lasaman, buscando-o no mesmo porto de Muar, aonde se atacáraõ os dous Chéfes com hum valor taõ igual, que durou dous dias o combate, sempre indecisa a fortuna. Cedêraõ em fim, e

Ant. vulg. se pozeraõ em fugida os inimigos mais atemorisados da corage Portugueza, que da sua mesma mortandade, do incendio de algumas das suas náos, do destroço de outras varadas em terra, que tambem foraõ pasto do fogo. Quando Fernaõ Péres se recolhia victorioso a Malaca, entravaõ no seu porto com tres náos os Capitães Francisco de Mello, Jorge de Brito, e Martim Guedes mandados da India pelo Albuquerque com muitos obreiros para trabalharem na Fortaleza, e na fabrica de seis galés novas, que nos assegurassem a superioridade daquelles mares.

A falta de mantimentos, que se padecia na Cidade, obrigou o mesmo Andrade a ir buscallos no corso pelo Estreito de Cincapura. O primeiro encontro, que teve, foi com hum grande junco de Patecatir carregado delles, que trouxe para Malaca. Lopo de Azevedo, e Jorge Botelho sahíraõ com igual destino, e voltáraõ com outros tres juncos do mesmo dono, que fornecendo Malaca com abundancia, reduzíraõ o campo de Patecatir a huma fo-

me

mo extremo. Pouco depois chegáraõ Gomes da Cunha do Reino de Pegu com huma náo carregada de viveres, e Antonio de Miranda da sua Embaixada de Siaõ muito favorecido do seu Rei, com raridades estimaveis, com generos, e mercadorias de grande preço.

Ruy de Brito Patalim, Governador de Malaca, informado da necessidade, que padecia a gente de Patecatir depois da perda dos seus juncos, mandou a Fernaõ Peres, que fosse desalojallo do campo, que occupava para tirar a Malaca o susto deste espantalho transformado, e contrafeito Principe. A este tempo já elle se havia alliado com o Principe Alodin, e com Lasaman para fer a guerra mais vigorosa pela uniaõ de tres interessados. Com todos se portou Fernaõ Peres taõ façanhoso, que Patecatir destruido abandonou as visinhanças de Malaca, e com a sua familia, e thesouros se retirou para o Reino de Java. Alodin naõ quiz esperar golpe semelhante, e recolheo-se com tempo para a Ilha de Bintaõ.

Era vulg.

Faltava o deſtroço de Laſaman para ſer completo o triunfo de Fernaõ Peres; mas quando elle mandava virar as prôas em ſua demanda, ſoube que o inimigo fizera huma retirada mais vergonhoſa, que as dos dous chamados Principes de Malaca, ſem que já mais foſſe ouvido o nome de Laſaman: época eſta bem feliz, em que a Cidade entrou a goſtar as doçuras da victoria, ſem ſe nauſear com os deſabrimentos do combate.

Quando Malaca gozava eſtas proſperidades, o Albuquerque em Cochim naõ ſe deſcuidava dos apreſtos neceſſarios para Goa poſſuir outras ſemelhantes. Elle teve meios de os fazer bem promptos com a chegada das quatro náos da Eſquadra de ſeu ſobrinho D. Garcia de Noronha, que o anno paſſado invernára em Moçambique, e trazia na ſua conſerva outras duas, que no preſente ſahíraõ de Lisboa. A mais forte, que mandava Jorge de Mello, ſe compunha de oito náos, e a ſegunda, que vinha ás ordens de Garcia de Souſa, era de quatro, nas quaes vinhaõ mais

de

de 20000 soldados, e que no dia 20 Era vulg. de Agosto déraõ a Cochim huma agradavel vista. O Albuquerque taõ poderoso naõ quiz differir por mais tempo o seu resentimento contra Rosalcaõ, nem consentir no seu dominio de Benastarim hum jugo pezado sobre Goa. Elle se embarcou com toda a gente em huma Armada de dezaseis náos, acompanhado de D. Garcia, e de Pedro Mascarenhas; que naõ obstante estar occupado no governo de Cochim, esforço algum foi bastante a impedir-lhe jornada de tanta honra, que naõ seguio Jorge de Mello, por ir tomar posse do governo de Cananor.

A Armada fez alto em Baticala, em quanto se requeria da parte do Governador ao Chéfe da Cidade lhe restituisse huma náo de Calecut carregada de pimenta, que tinha sido constrangida a tomar aquelle porto, havendo-a vendido hum Arabe a Simaõ Rangel. Naõ se atrevendo o Chéfe a recusar a entrega, o Governador mandou a náo para Cochim. Em Onor o persuadio Melrrao naõ demorasse a empreza de

Be-

Era vulg. Benaftarim, por lhe conftar com certeza que o Hidalcaõ fazia levas para formar hum corpo de 20 mil homens deftinados para a Ilha de Goa. Sobre efte avifo o Albuquerque apreſſou a marcha, e apenas chegou, bateo a Praça com o fogo da Armada. Hum dos noffos artelheiros teve a felicidade de defmontar hum groffo canhaõ dos inimigos, que nos incommodava mais, que o refto da fua artelharia: mas naõ obftante efta vantagem, o Governador determinou vir a Goa para difpor os meios de fitiar a Benaftarim com formalidades.

Bem entendeo Rofalcaõ pela retirada do Governador, que o feu defignio era atacallo por terra. Para lhe cortar o paffo fez fahir da praça hum groffo deftacamento de Infantaria, que elle cobria na tefta de 250 cavallos. Avançou-fe Rofalcaõ até ao fitio chamado as duas Arvores, naõ longe de Goa. D. Garcia de Noronha, Manoel de la Cerda, Pedro Mafcarenhas, Lopo Vaz de Sampayo, os mais Fidalgos, e Officiaes com quatro mil homens,

mens, e hum impulso bem proprio da sua magnanimidade, leváraõ os inimigos a golpes, até os metterem pelas portas de Benastarim. Esta acçaõ se passou com tanto ardor da parte dos Portuguezes, que chegando á raiz das muralhas, se serviaõ dos piques, e alabardas, como de huma especie de escadas, para sobirem ao assalto. O Albuquerque, vendo a gente exposta a todo o fogo da Praça, já mórtos Diogo Correa, que fora Capitaõ de Cananor, Jorge Nunes de Leaõ, Martim de Mello, e mais de cem feridos, em que entravaõ os primeiros Fidalgos, mandou tocar a recolher.

Para se formar o sitio com regularidade determina o Governador postar sobre ferro as náos nas paragens, donde podessem batter Benastarim. Elle marchou por terra com tres mil Portuguezes, em que entrava bom número de Fidalgos, e dous córpos de Canarins, e Malabares, que mandavaõ Crisna, e Rulabranco. Foi Benastarim investida por mar, e terra; mas se os sitiantes bem a atacáraõ, os sitiados melhor

Era vulg. lhor a defendêraõ. A Praça estava rodeada de muros mui largos, com muitas torres, donde sem cessar se fazia fogo dia, e noite. Só a fome atemorisava aos defensores, que eraõ muitos, e quanto maior o número, menos se resiste áquelle voraz inimigo. Elle só obrigou Rosalcaõ a fazer huma sahida vigorosa, que forçasse o nosso campo a retirar-se para buscar remedio á necessidade commua.

O primeiro repelaõ foi taõ violento, que deitou a terra a trincheira de Manoel de Sousa Tavares, Commandante da artelharia; que ficou ferido; e os soldados com a fórma perdida. Como a fome fazia crescer a raiva, no segundo impulso padeceo maiór desordem a trincheira de Garcia de Sousa; e ella passaria a completa na de D. Garcia de Noronha, se a tempo naõ acodisse Pedro Mascarenhas, que na testa de hum batalhaõ, fez reunir os soldados dispersos, metteo-os no fogo, e tanto os chegou aos inimigos, que deposto o uso de todas as outras armas, vieraõ os Portuguezes a puchar pelas es-

espadas. Entaõ foi tal o terror dos Barbaros, que fugíraõ para a Praça com a felicidade de naõ perderem hum só homem nesta refrega. O Governador, restabelecidos os póstos, e determinado a impedir outras tentativas semelhantes, até que a miseria sem perda de vidas obrigasse a render Benastarim, fez dilatar as linhas do campo, que ficou coberto ás irrupções dos contrarios.

Em vulg.

Os inimigos, que á vista deste trabalho tivéraõ a entrega por inevitavel, opprimidos da fome, cançados da continuaçaõ do sitio, batêraõ a chamada, e pedíraõ capitulaçaõ. O Governador a concedeo com a clausula de ser só elle o author dos Artigos, que se reduzíraõ: Á entrega da Praça com toda a artelharia, armas, munições, e cavallos, que estavaõ nella: Á dos setenta apostatas, e desertores, que haviaõ renunciado o Christianismo, e fugido do serviço do seu Rei, com promessa de lhes naõ tirar as vidas: Á das caravellas, que tomára Pulatecaõ no passo de Naroa, e todas as mais fustas, que havia na Ilha: Que a guarniçaõ podia re-

ti-

Era vulg. tirar-se com todo o seu movel para a Terra firme; mas desarmada, sem alguma das honras militares. Executáraõ os Barbaros com pontualidade este vergonhoso Tratado, e ao mesmo tempo que elles passavaõ para o Continente, o Governador tomava posse de Benastarim.

Elle se recolheo a Goa, para onde mandou ir os setenta infames, que se levavaõ segura a vida em virtude do Tratado, huma epiqueia igualmente piedosa, e politica, arbitrou meio para se fazer nelles hum exemplo publico, que abstivesse aos relaxados, aos fracos, aos pusilanimes de cahirem nas enormidades desta natureza. Ordenou o Governador, que a todos elles, sem exceptuar o abominavel Cavalleiro Fernaõ Lopes, lhes fossem cortados os narizes, as orelhas, as mãos direitas, e os dedos polegares das esquerdas, como marcas infames, que a todos denunciassem a sua trahiçaõ, e apostasia. Fernaõ Lopes foi depois deixado ao desamparo na Ilha de Santa Helena, aonde quiz expiar os crimes com as plantas,

tas, e arvores, que fez criar nella com admiravel ſagacidade, e induſtria, para que as noſſas náos, que navegaſſem para a India achaſſem melhor cómmodo neſta chamada *Eſtallagem do Mar*.

Era vulg.

CAPITULO II.

Das ultimas vantagens dos Portuguezes na India eſte anno de 1512, *e ſucceſſos do meſmo anno em Africa.*

AFFONSO de Albuquerque, que depois de huma série continuada de victorias podia deſcançar á ſombra da ſua reputaçaõ, cortados, e temeroſos ſeus inimigos, ſem alentos para deſembainharem as armas; elle entrou a recolher os fructos de tantas vantagens em novas diſpoſiçôes, que cada vez fizeſſem mais brilhante o nome Portuguez na Aſia. Já deſneceſſarias em Goa tantas náos, e tantos homens, mandou a D. Garcia de Noronha vieſſe para Cochim deſpachar a Fróta, que havia partir para o Reino; e que depois cruzaſ-

ſe

se com a que levava nos mares de Calecut, para lhe naõ escaparem naquelle anno as nãos de Meca. Despedio com outra esquadra a Garcia de Sousa para dar aviso aos Mercadores, que os cavallos da Persia os trouxessem a Goa, aonde se lhes rebaixaria huma consideravel parte dos direitos: perda, que facilmente se restituiria com a quantidade de cavallos, de que se faria hum monopolio em Goa para ao depois se venderem por alto preço aos Estrangeiros.

Da mesma reputaçaõ do Governador nascia o cuidado, com que sollicitavaõ a nossa alliança, naõ só os Reis visinhos, mas ainda os mais distantes das nossas Praças. O de Vengapor, que confinava com os Estados do Hidalcaõ, foi o primeiro, que depois da tomada de Benastarim mandou hum Plenipotenciario ao Governador com o rico presente de sessenta jaezes magnificos; pedindo a alliança com Portugal debaixo das condições de fornecer a Goa de todos os mantimentos, de que necessitasse, e de fazer a guerra ao Hidal-

dalcaõ, cada vez que nos fosse conveniente; permittindo-lhe elle comprar naquella Cidade 300 cavallos cada anno. Esta propozição taõ vantajosa por si mesma, o Albuquerque a acceitou gostoso, e com hum presente brilhante ordenou a Gaspar Chanoca, que voltava a Narsinga pedir ao seu Rei o porto de Baticala, fizesse caminho pela Corte de Vengapor para da sua parte gratificar, e agradecer ao Rei as suas boas, e officiosas vontades.

Era vulg.

Ao mesmo tempo que o Governador pedia ao Rei de Narsinga a Baticala, que era hum porto mal habitado pelos seus vassallos, com pouco commercio de Estrangeiros, e agora conveniente para o dos cavallos, que vinhaõ a Goa, o Hidalcaõ lhe enviava dous Embaixadores a pedir o ajuste da paz firme, e duravel, com a permissaõ de nos comprar cavallos, quando os necessitasse para a guerra. O Governador tratou estes Ministros com distinções especiaes, e com elles mandou ao Adail Diogo Fernandes de Faria para concluir, e formar o Tratado dos

Era vulg. ajustes. Meliquiaz por hum Emissario se congratulou com elle pela conquista de Malaca, pelo rendimento de Benestarim, enviando-lhe de presente huma náo carregada de refrescos. O Rei de Cambaya lhe mandou outro Embaixador, que trouxe todos os Portuguezes captivos naquelle Reino: tudo effeitos admiraveis do crédito bem estabelecido do grande Albuquerque, merecedor pelas suas façanhas, de que se lhe inclinassem officiosas as Coroas mais luminosas do Oriente.

Se tantos Ministros Estrangeiros na Corte do Governador da India desafiavaõ as delicadezas da sua civilidade, elle a apurou com Mattheus, que o Preste Joaõ da Ethiopia enviava a Lisboa por seu Embaixador a El-Rei D. Manoel. O Albuquerque para mostrar ao mesmo tempo a tanta publicidade de gentes a sua piedade á Religiaõ Catholica, que este Ministro professava, o recebeo com huma procissaõ solemne, em que fez levar a preciosa Reliquia da Santa Cruz, que elle trazia para da parte de seu Amo a offerecer em Lis-

Lisboa ao Rei, acompanhando este ap- parato pio huma pompa magnifica, e brilhante. Nesta acçaõ foi indizivel o jubilo dos espiritos Portuguezes, por verem nas Regiões taõ remotas da Europa o Ministro de hum Rei Christaõ, que com tanto culto, e respeito tratava o madeiro da verdadeira Cruz para confusaõ dos Novadores, que desprezaõ o que nós rendemos ás Reliquias adoraveis, conforme ao uso introduzido até agora do tempo da Igreja primitiva, que elles crêm verdadeira, Catholica, e Apostolica.

Era vulg.

Continuando a reputaçaõ do Albuquerque a produzir os seus effeitos, o número dos Ministros Estrangeiros cresceo em Goa com a chegada dos Embaixadores de Ormuz; mas o que entaõ levava mais ás attenções, foi o modo com que se conduzio a nosso respeito Naubeadarim, novo Rei de Calecut, nomeado por seu Tio o velho Çamorim. Apparecêraõ sobre a barra daquella Corte as náos de D. Garcia de Noronha. Immediatamente lhe escreveo Naubeadarim, protestando o muito obse-

se-

Era vulg. sequio, de que os Portuguezes lhe eraõ devedores; que todos sabiaõ a grande inclinaçaõ, que sempre lhes tivera; que ella o movia a offerecerlhe a paz da parte de seu Tio, e lugar para se fazer nos seus Estados a Fortaleza, que nós sempre desejámos. O Governador com extrema complacencia acceitou a proposta, mutuamente se firmou o Tratado, e para construirem a Fortaleza em Calecut despedio logo a Gonçalo, e a Francisco Nogueira, a Gonçalo Mendes, e elle se preparou para a jornada de Adem, encarregando a Pedro Mascarenhas o governo de Goa.

Estes foraõ na India os successos memoraveis do anno de 1512, a que corresponderaõ naõ menos luminosos os de Africa. Corria o mez de Junho, que sasona os fructos da terra, quando Barraxe, e Almandarim se resolvêraõ a castigar com a assolaçaõ dos campos aos Mouros tributarios de Portugal. Na frente de trópas numerosas entráraõ elles pelos territorios de Arzila, e quanto nelles havia foi pasto do fógo. Passou a lavrar o incendio nas searas de

Tan-

Tangere, aonde as columnas de fumo impediaõ as luzes do Sol. D. Duarte de Menezes, que governava esta Praça, sensivel ao clamor dos Mouros amigos, e prejudicados, determinou reparar-lhes o damno, antes que se fizesse geral. Em quanto os batedores exploravaõ o campo, elle se postou á porta da Praça na testa de 200 cavallos, e 900 infantes, esperando as noticias, que elles lhe trouxessem.

Em vulg.

Informado de que os inimigos eraõ muito superiores em número, que estavaõ acantonados nas faldas de huma montanha, aonde se naõ podia chegar sem romper muitos desfiladeiros, D. Duarte se avançou para coroar a montanha; mas os Mouros, ou naõ querendo ser forçados no mesmo posto, ou para levarem os Portuguezes mais longe de Tangere, aonde naõ podessem ser soccorridos, fingíraõ huma retirada. D. Duarte, que lhes percebeo a idéa, e naõ esperava mais soccorros, que os do seu valor, os foi seguindo. Elles voltáraõ cáras, e com os seus costumados alaridos se movêraõ ao com-

Em vulg. bate. Entaõ lhes disse Barraxe: Camaradas, com esforço, naõ com vozes, he que se atacaõ Portuguezes: elles saõ pouco sensiveis a gritos, que o vento leva: callai as boccas, apertai os punhos.

Quando elle assim fallava, o bravo Pedro Leitaõ com sessenta cavallos o investia, sustentando impavido o primeiro impulso da multidaõ dos Barbaros, que o rodeavaõ. D. Duarte, que do seu posto observava a impetuosidade dos Mouros, mandou á Infantaria, que os investisse pelo flanco; elle os busca com a cavallaria pela frente; he geral a refrega; saltaõ em terra os turbantes pegados ás cabeças; Almandarim he o primeiro, que foge com cem cavallos perseguidos pelo Leitaõ, que os vai fazendo em póstas; Barraxe sem esperanças de deixar de perder a vida, ou a liberdade, por despenhadeiros intrataveis se salva em huma montanha. Em fim, com a perda de cinco mórtos, e de vinte e tres feridos compramos huma gloriosa victoria, em que tiramos a vida a 600 Barbaros, fizemos 200 capti-

presos, tornámos carregados de rique- zas 250 camellos, e cavallos, entrámos ricos, e gloriosos em Tangere, aonde a primeira acçaõ de D. Duarte foi encaminhar a marcha de toda a tropa ao Templo para dar as graças ao Senhor das victorias.

Em quanto succediaõ estas cousas em Tangere, naõ estavaõ ociosos os fronteiros de Çafim. Os Mouros seus Comarcãos, e tributarios, sugeridos pelos Reis de Féz, e de Marrocos, duvidavaõ pagar os feudos costumados. Alguns permanecêraõ constantes na fidelidade; mas os rebeldes determinou Nuno Fernandes de Ataide, que fossem castigados. Com este designio mandou a Lopo Barriga atacar a cabeça das Capitanias de Bida, onze legoas distante de Çafim, plantada no outeiro de Xiatima junto ao Rio Arguz. O nosso Alliado Abentafut se incorporou com a gente de Lopo Barriga, e andáraõ ambos pelas Aldêas na cobrança dos tributos, que se deviaõ. Os de Xiatima injuriados desta, que chamavaõ extorsaõ, fizéraõ entender aos ou-

Era vulg. tros Mouros seus visinhos, que violencia semelhante era huma causa commua, que elles conformes deviaõ repelir. Com 800 cavallos soccorrêraõ os convidados aos de Xiatima, que marchàraõ a investir o Castello de Mirabella, aonde Abentafut fazia a sua residencia.

Naõ tinha elle entaõ mais de 160 cavallos; mas pedindo auxilio aos Dabidenses confederados, para mostrar aos de Xiatima, que naõ os temia, sahio a esperallos no campo. O alentado, e fiel Capitaõ, naõ só conseguio desbaratar aos seus inimigos neste encontro; mas restaurou os negocios de Portugal, deixando os Mouros sobmettidos, effectiva, e desembaraçada por aquella parte a cobrança dos tributos. Para se lograrem as mesmas vantagens pela de Azeze, Aldêa poderosa, situada no monte do Ferro, Nuno Fernandes mandou sobre ella a Lopo Barriga com Abentafut, que a destruiraõ. O mesmo succedeo aos Mouros de Tazarot, que resolutos a despicar a affronta dos seus amigos de Azeze, o

mes-

mesmo Nuno Fernandes os atacou em pessoa, obrigando-os a retirar-se menos vaidosos, mais diminuidos.

Era vulg.

Como El-Rei D. Manoel tinha grande cuidado, em que a mocidade illustre se instruisse na Aula de Marte, que estava sempre aberta em Africa, mandou para Çafim a D. Joaõ de Menezes, filho do Conde da Tarouca, e a D. Alvaro de Noronha, que depois foi Governador de Azamor, cada hum com cem cavallos para servirem, e em tudo estarem ás ordens de hum Professor taõ sabio na sua Arte, como Nuno Fernandes de Ataide. Como estes dous Fidalgos só respiravaõ desejos de se assignalar, a occasiaõ se offereceo, Nuno Fernandes fez-lhes o gosto, naõ os quiz ociosos. Os moradores de Almedina, huma das Cidades mais nobres da Provincia de Ducala, a respeito da soluçaõ dos tributos estavaõ divididos em bandos; huns a favor de Portugal, outros de Féz. Nuno Fernandes intentou fazer a sua espada o arbitro desta discordia: com ella na maõ amanheceo hum dia diante de Almedina,

co-

Era vulg. cobrindo a frente de 400 cavallos que de poucos infantes.

A numerosa guarniçaõ de [illegible] homens de pé, e de 600 de cavallo, que já sabia da nossa marcha, quando D. Alvaro de Noronha com parte da gente marchava a atacar a porta de Marrocos, e Nuno Fernandes com D. Luiz de Menezes se movia á que lhe ficava opposta; elles as acháraõ abertas, e aos Mouros formádos em batalha com a retaguarda nos muros esperando a vista. Os Portuguezes foraõ recebidos com impeto taõ bizarro, que se retrocedêraõ; mas sempre com cára ao inimigo, que perdeo vinte homens, e elles tres. Applaudio-se a esquivança, e sem mais vantagem, entendeo o nosso Chéfe, que devia recolher-se a Çafim. Póde ser, que com esta retirada se quizesse conservar inteiro para surprender os Aduares dependentes de Almedina, aonde nada obrou por ser sentido antes do tempo.

Os Barbaros reforçados pelo Rei de Marrocos, e pelo Senhor da Sétta, fiados no número viéraõ plantar o campo

po a tres legoas de Çafim, quando nesta Praça havia 700 cavallos, entrando os cem, que D. Nuno Mascarenhas agora trouxéra de Portugal. Quiz Lopo Barriga saber as forças dos Mouros, e huma noite com 30 cavallos forçou a guarda do campo, matou seis, e captivou quatro. Das informações que estes nos déraõ, resultou marchar o mesmo Official no dia seguinte com 150 cavallos, e D. Nuno Mascarenhas com os cem da sua companhia, cobrindo-lhes o Governador a reta-guarda: já perto dos inimigos D. Nuno se pôz de emboscada; Lopo Barriga os acommetteo, degollou cinco, prendeo quatorze, e fez huma grande preza de gados, e se retirou, para onde estava D. Nuno. Entaõ cahio sobre elle a multidaõ dos Mouros picados do seu atrevimento: sahe D. Nuno da emboscada, e se travou entre todos o choque mais desesperado, que até entaõ fora visto na campanha de Çafim. Muitos dos nossos ficáraõ desmontados, alguns feridos, nenhum morto; mas das marchas, e do combate taõ fatiga-

Era vulg.

ga-

Era vulg. gados, que o Governador, abandonando das 20 mil cabeças de gado, se recolheo com elles para a Praça.

Desejoso de desaffrontar esta apparencia de menos vantagem, o bravo Ataide, sabendo que o Exercito do Rei de Marrocos acampava junto do Cabo de Cantim, deo ás suas trópas oito dias de descanço, e huma noite a tempo que o Rei ceava, se lançou sobre dous Aduares, que captivou. Quando se recolhia com 300 prisioneiros, e muitos gados, as trópas do Rei o affrontáraõ, e perseguíraõ toda a noite com tal diluvio de armas de arremeço, especialmente pedras, que o logar do combate ficou chamado *o campo das pedradas*. Sem mais perda que a de hum ferido, elle entrou com todo o despojo em Çafim. Sabendo pouco depois, que o Rei mudára o campo para a Serra de Benimagra, o Chéfe infatigavel determinou subprendello.

Elle com 300 cavallos Portuguezes, e Abentafut com hum Esquadraõ dos seus Mouros o assaltaõ a favor da noite. Os Barbaros atonitos com a conti-

nua-

tração dos insultos, com a furia do repelaõ, mettidos em desordem, cuidáraõ mais em salvar-se, que em defender-se. O Rei, porque fugio em hum cavallo em osso, escapou de ser prezo; a sua soberba ficou abatida, as suas forças destroçadas, o seu pavilhaõ, huma das suas principaes mulheres, muitos Nobres em nosso poder; captivos 400, despojos immensos, gados em grande cópia, que tudo com marcha lenta viemos conduzindo a Çafim, sem haver em todo o caminho quem de nada nos podisse contas.

Em vulg.

Uniformidades de successos na Historia, parece que saõ capazes de nausear os espiritos; mas os de Nuno Fernandes de Ataide saõ taõ heróicos, que fazem a repetiçaõ deleitavel. Poucos dias depois da victoria referida se deixáraõ vêr dos muros de Çafim as trópas atrevidas de Almedina commandadas pelo alentado Xeque Jahomazonde, que quiz enganar-nos com embosçadas. Lopo Barriga com 160 cavallos os ataca por hum lado, por outro Nuno Gato com força semelhante. Este re-

Era vulg.

retrocedia a 700 Barbaros, que o carregavaõ; mas foccorrido pelo feu camarada, tanta preffa fe déraõ em vencer, que os inimigos voltáraõ côftas, fopportando por efpaço de huma legoa golpes horrendos com eftrago laftimofo. Lopo Barriga, a troco de feridas perigofas, cortou pelas proprias mãos a cabeça ao Xeque Jahomazonde, que trouxe arvorada em hum pique, e a plantou em huma das portas de Çafim por troféo do feu valor. A fua entrega, para fe lhe fazerem as honras da fepultura, foi depois o preço da paz com os Mouros da Xerquia. Efta paz, como nos diminuia o número dos inimigos, deixou a Nuno Fernandes de Ataíde mais defembaraçado para a guerra com o Rei de Marrocos, e com o Xarife, que será a materia do Capitulo feguinte.

CA-

CAPITULO III.

Continûa a guerra de Africa, e os successos do Reino de Congo.

Era vulg.

FORMIDAVEL o nome de Nuno Fernandes de Ataide em Africa, q elle se determinou a avançar a reputação propria, e a servir nos Barbaros de Marrocos com façanhas novas. Como os Povos de Xerquia se submetèraõ, e Abentafuf abbonava a sua fidelidade, q elles, e o Ataide uniraõ as suas respectivas gentes para fazerem a guerra ao Rei de Marrocos, e ao Xarife, conjurados para a ruina de ambos. Tinhaõ elles os seus Reaes na serra de Montes Claros, doze leguas distantes de Çafim, no lugar que chamaõ Duaf. Ordenou o Chefe a Lopo Barriga, e a Abentafuf fossem explorar o campo contrario pelo lado do monte Athlas. Informado da sua postura, se resolveo atacallo de improviso; mas com impulso taõ vehemente, que os Barbaros em estado de naõ se defenderem, nem se salvarem, foraõ

Em volg. rao degolados mil sobre a marcha, ficárao 150 captivos, e tomámos toda a bagagem, que enriqueceo a guarnição de Çafim.

Os Portuguezes mais animados com esta victoria, immediatamente entrárao pelo territorio de Xiatima, que deixárao assolado com muitos mortos, e alguns captivos. A noticia desta irrupção forçou o Xarife a plantar-se na testa das suas trópas para nos combater a todo o risco. Lopo Barriga, e Abentafut com ardor igual lhe sahírao ao encontro, e depois de hum choque bem disputado, a victoria ficou indecisa; mas nós tivemos a vantagem de prender a hum filho de Mezefra, Rei de Dará. Com pouco intervallo de tempo os mesmos Chéfes marchárao sobre o lugar de Tanli no territorio de Xiatima, que quizérao levar á escala. Os seus moradores, que não tinhao mais exercicio, que o de cuidar na multiplicação das abelhas, e sabiao por experiencia quanto são duras de soffrer as picadas dos seus ferrões; elles trouxérao aos muros quantidade de colmêas,

a que déraõ fogo para exasperar a colera dos habitantes das cortiços: lançáraõ-os sobre os Portuguezes, que incommodados pelas ferroadas das industriosas artistas do mel, lhes cedêraõ a victoria. Animáraõ-se os Barbaros com a sua inquietaçaõ para despedirem armas de arremeço, que lhes feríraõ alguma gente.

Em vulg.

Como a conquista de Tanli era cousa de pouca importancia, Barriga, e Abentafut se retiráraõ para Aguz a ajustar os meios de se defenderem do Rei de Marrocos, que marchava com grande Exercito. Tinha entaõ chegado a Çafim com boas trópas Nuno da Cunha, que depois foi Governador da India: o soccorro, que veio a tempo para Nuno Fernandes reforçar os dous Cabos acantonados em Arguz com este hospede na tésta de 200 cavallos. No primeiro encontro com os inimigos a perda de ambas as partes foi consideravel; mas nós tivemos a vantagem infeliz de prender hum Mouro astuto, que mettido a tormento para declarar as idéas do Rei de Marrocos nesta guerra, declarou

Era vulg. declarou: Que Abentafut tinha huma intelligencia secreta com o mesmo Rei; e que elle lhe fazia avisos de quanto se passava entre os Portuguezes; e que se elles naõ prevenissem as consequencias de semelhante perfidia, o seu damno seria inevitavel.

Huma noticia desta importancia, e que Nuno Fernandes havia averiguar antes de partir, de tal sórte o sobprendeo, que ordenou a Lopo Barriga, e a Nuno da Cunha se apartassem sem demora da companhia de Cide Abentafut. Naõ obedeceo a esta ordem D. Rodrigo de Castro, que com tres criados se fez delle inseparavel. O Mouro generoso, offendido de procedimento semelhante, naõ quiz levallo em silencio, nem soffrello paliado. Elle enviou hum expresso a Nuno Fernandes com huma carta, em que lhe dizia: Que até ao fundo da alma o feria a injustiça, que com a sua pessoa acabava de se usar: que se admirava de hum General da sua prudencia differir taõ cégamente aos conselhos, e noticias de hum Mouro ladraõ, e infiel, quando

os

os seus serviços feitos á Coroa de Portugal; o punhaõ a coberto de toda a calumnia; que para confundir aos seus emulos, e para dar as ultimas provas da fidelidade de vassallo, que jurára ser del Rei D. Manoel, marchava já com tres mil homens de cavallaria todos da sua gente a dar huma batalha ao Exercito formidavel do Rei de Marrocos, na qual a sua morte, ou o seu triunfo fosse o pregaõ immortal da pureza incontrastavel dos seus sentimentos.

Era vulg.

Com esta carta ficou Nuno Fernandes corrido, sem outro recurso, alêm do arrependimento para a sua credulidade facil. Elle despedio logo a Henrique de Parada com doze Cavalleiros para levar a Abentafut a resposta com tantas desculpas, que bem persuadissem ao aggravado a confiança extrema, que sempre tivera nelle; e que no dia seguinte a veria confirmada no soccorro de 500 cavallos, que lhe mandava para ir atacar o campo do Rei de Marrocos. O bravo Abentafut sem esperar a resposta do Ataide, marchou á sua expediçaõ, e quando chegou Parada já elle

Era vulg. hia no alcance dos inimigos vencidos. Occupado das imagens da injustiça, que se lhe fizéra, com os seus tres mil cavallos se lançou taõ furioso sobre os córpos avançados do Exercito, que levando-os de tropel sobre o grosso do campo, o metteo em desordem, naõ deixando ao Rei, e soldados mais acordo, que para a fugida.

Nesta victoria, a todas as luzes admiravel, foi horrivel a mortandade, especialmente no alcance. Os captivos foraõ muitos, os despojos immensos, e todo o campo ficou no poder dos vencedores. Depois de tudo concluido chegáraõ Lopo Barriga, e Nuno da Cunha com os 500 cavallos, que vieraõ ser testemunhas da glória de Abentafut, do orgulho abatido do Rei de Marrocos. Todos os nossos Officiaes no meio da complacencia de feito taõ cheio de honra, que teve por author a hum Mouro fiel com tres mil homens valentes; elles naõ podiaõ dissimular a dôr de naõ participarem della pela credulidade facil de Nuno Fernandes contra hum homem inculpavel na fideli-

da-

dade; que nos havia promettido. Entaõ se desatáraõ as vozes do escandalo em reprehensóes contra o Chéfe, que perdêra para si, e naõ deixára adquirir aos outros a reputaçaõ de huma das maiores façanhas, que se tinhaõ visto em Africa: façanha, que era bastante para immortalizar nos nossos Fastos o nome de Cide Haya Abentafut. Como o seu estrondo soava em toda a parte, Nuno Fernandes para impedir com alguma acçaõ naõ vulgar o golpe, que elle poderia descarregar no seu crédito, ordenou aos nossos dous Commandantes, que com os 500 cavallos, que tinhaõ em campo, atacassem huma fórte Praça na Comarca de Xiatima, e que a todo o preço a rendessem. Elles executáraõ a ordem com tanto de exactidaõ, e de rigor, que levando a Praça de assalto, quasi toda a guarniçaõ foi passada á espada.

Era vulg.

Quando se obravaõ estas gentilezas em Çafim, o Rei de Féz para despicar as injúrias recebidas o anno passado sobre Arzila, Barraxe, e Almandarim para se desaffrontarem das muitas, que as

nossas armas lhes tinhaõ feito, viéraõ com Exercitos numerosos sobre Arzila, e sobre Tangere. Como nestas invasões, além da mórte de D. *Diogo* Coutinho, irmaõ do Conde de Marialva, nada succedeo de memoravel; ellas naõ saõ objecto, que nos leve o tempo.

Tantas guerras na Mauritania, tantas Esquadras para a India, despezas enormes em tanta multidaõ de expedientes, em que entaõ se occupava a nossa Corte; nada era bastante para diminuir em El-Rei o ardor do zelo pelos augmentos da Religiaõ no Reino de Congo. Já nós dissemos as Igrejas, que mandára fundar nelle, e os Missionarios, que enviára da Congregaçaõ dos Conegos de S. Joaõ Evangelista para propagarem o Evangelho. O Catholico Rei D. Affonso, que vencêra a seu irmaõ o gentio Panso, quando lhe disputou a successaõ do Reino, para dar a D. Manoel as demostrações mais constantes do seu reconhecimento; nos annos antecedentes mandou para Portugal a seu filho D. Henrique, a seu irmaõ

Emb. nulg.

mão D. Manoel, e a D. Pedro seu primo para serem instruidos nos Dogmas Catholicos, na lingua Latina, e em outras sciencias.

Como D. Pedro, que em Lisboa mereceo agrados especiaes aos nossos Principes, neste anno teve de voltar a Congo, o Rei D. Manoel envióu com elle novos Missionarios, obreiros para a fabrica dos Templos, ornamentos preciosos para os Officios Divinos, presentes riquissimos à ElRei, e por Embaixador junto à sua Pessoa a Simaõ da Silva, Fidalgo honrado. Este Ministro levava ordem para promover todo o genero de interesses do Rei D. Affonso, e aconselharlhe, da parte de D. Manoel, que elle em qualidade de Principe Christaõ devia mandar hum Embaixador a Roma para render obediencia á Santa Sede, e que para o instruir no modo de escrevér ao Papa, hia na sua companhia hum Jurisconsulto, que tambem lhe serviria de conselheiro na administraçaõ da justiça. Como esta Embaixada havia ser a primeira, que o Rei de Congo mandava a Roma, e o Minis-

Era vulg. tro della o mesmo D. Pedro, que tinha de voltar na Fróta de Simaõ da Silva, D. Manoel promettia de a fazer luminosa á sua despeza com o cortejo de muitos Fidalgos Portuguezes.

Simaõ da Silva deo principio, mas naõ consummou a Embaixada, em que pelo seu fallecimento, o substituio Alvaro Lopes, Feitor da Fróta, que levava os mesmos Plenos-poderes. Appresentadas as Credenciaes, Simaõ da Silva explicou ao Rei D. Affonso as intenções de seu Amo a respeito dos Escudos de Armas, que lhe remettia para recompensar com esta Devisa de honra o merecimento dos vassallos, que mais se houvessem distinguido no seu serviço. Elle os distribuio, para si, e seus descendentes, por trinta e seis Fidalgos, que o ajudáraõ a vencer a seu irmaõ o Principe Panso, como instrumentos da gloriosa victoria, que o confirmou na Fé, e lhe adquirio o Reino. Este Rei piedoso, vendo os Religiosos, os soldados, os artifices, os ornamentos para os Templos, o presente de trastes exquisitos, cavallos, e jaezes, que D.

D. Manoel lhe mandava, levantou os olhos ao Ceo, e deo graças ao Todo Poderoso, que fazia evidente na sua pessoa, como todas as cousas concorrem para a felicidade dos que amaõ, e crem no verdadeiro Deos.

Finalmente, D. Pedro destinado Embaixador para Roma, tomou a embarcar na nossa Frota para voltar a Portugal, acompanhado de doze Cavalleiros distinctos, e doze moços nobres, estes para serem instruidos nos nossos Collegios, aquelles para lhe engrossarem a comitiva na Embaixada. El-Rei D. Manoel o recebeo em Lisboa com muitas honras, e o preparou para a jornada de Roma, aonde chegou no anno seguinte de 1513. O Papa, o Collegio dos Cardeaes, toda a Curia Romana mostrou huma alegria extrema com a chegada deste Ministro, que era hum Padraõ vivo, hum testemunho eloquente do ardor, com que na Ethiopia propagava a Religiaõ Catholica; da obra de piedade, que tinha origem no zelo santo do Rei D. Manoel de Portugal.

Bai vulg.

Apre-

Era vulg. Apresentou o Embaixador ao Papa Julio II. a carta do Rei de Congo, que entre outras cousas dizia: Como o Rei D. Joaõ II. de Portugal o havia arrancado do poder de Satanaz, e entregue nos braços de Jesus Christo; o apartára do horror das sombras, e o mettéra de posse da regiaõ da luz: que D. Manoel com maiores perigos dos seus vassallos, e despeza dos seus thesouros, entranhára os resplendores do Evangelho nos certões tenebrosos da Ethiopia: que elle dava graças ao Ceo pela Providencia especial, que mostrava sobre o Reino de Congo, guardado nos abysmos dos Decretos eternos para receber as verdades reveladas, de que dependia a sua predestinaçaõ: que sendo informado, de que elle na terra era o Vigario de Jesus Christo, a quem todos os Principes Christãos respeitavaõ, como a Pai commum; naõ lhe parecia justo deixar de os imitar na reverencia, nos cultos, nos obsequios; que para estas protestações, e em seu nome lhe beijar o pé, mandava por Embaixador a seu parente D. Pedro, homem

mem de vida proba, e sãos costumes; Em vulg. que por elle D. Affonso submetteria todo o seu Reino á vontade, e imperio da Santa Sede Apostolica. « O Papa respondeo a esta carta com as expressões vivas de huma caridade paternal; despedio com summo agrado ao Embaixador, que veio embarcar a Lisboa, e foi recebido em Congo pelo Rei D. Affonso com prazer extremo, e de todo o Reino com alvoroço sem igual. »

CAPITULO IV.

Trataõ-se os acontecimentos da India no anno de 1513.

DEIXOU de ser inconstante a que chamaõ roda da fortuna no Reinado feliz de D. Manoel, ella firme, pregada com dous cravos, hum em Africa, outro na Asia. No fim do anno, que acabo de tratar, quando o estrondo das nossas victorias na Mauritania enchia o mundo de assombros, na Ilha de Java hum Mouro potentissimo por nome Pateonuz preparava, em huma Armada desti- 1513

Era vulg. tinada a conquistar Malaca; outro trofeo para o nosso valor invencivel. Este Barbaro havia annos, que prevenira poder taõ formidavel, como o de trezentas vélas para promover os intentos de seu amigo Utetimuta Raja; primeiro contra o Rei de Malaca, depois contra Affonso de Albuquerque. Agora que o seu amigo já perdêra a cabeça em hum cadafalso, como a despeza estava feita, Pateonuz a quiz refarcir com os despojos de Malaca, que suppunha rendida sem mais trabalho, que pôr-lhe á vista a perspectiva fastosa da sua Armada.

Justamente se jactava elle, de que tudo mostrava semblante de favorecer os seus designios. O Albuquerque, que era o terror dos Indios, estava ausente: os Mouros lhe forneciaõ huma multidaõ de homens; elle tinha outra de navios; e para maior avance das suas forças, conseguio com industrias sublevar a gente das duas Ilhas, chamadas a grande, e a pequena Java, visinhas de Ceilaõ, de quem as sepára hum pequeno braço de mar. Foi huma grande van-

[illegible] trazer Pateonuz no seu partido estes Póvos bellicosos, que do officio de forjar armas, e fundir metaes, tomaõ hum ar deshumano, que os faz medonhos. Do porto de Jasara, Cidade de que Pateonuz era Senhor, sahio elle com o pomposo apparato, fazendose na volta de Malaca. Todos os Póvos por onde isto passava, ignorantes do seu destino, sem apparencias de defender-se, só cuidavaõ nos meios mais honrados de entregar-se. A primeira gloria estava preparada para os Portuguezes, que naõ confrontavaõ com o seu valor numero de inimigos.

[illegible]

Como na vanguarda destes marchava o terror dos Póvos, depressa chegáraõ as noticias a Malaca. O seu Governador, Ruy de Brito Patalim, immediatamente ordenou ao Almirante Fernaõ Peres de Andrade sahisse com a Esquadra a observar os movimentos da de Pateonuz. Este navegava pelo Estreito dos Savens, o Almirante o buscava pelo de Sabaõ; e como naõ o encontrou, se recolheo ao porto, aonde a noticia da vinda de Pateonuz foi tida

por

Era vulg. por falsa. Naõ passou muito tempo, que todo o horisonte visivel da parte do mar naõ parecesse bordado da quantidade de navios grandes, e pequenos, que vindo espalhados, formavaõ huma linha de vasta extensaõ na frente de Malaca. O Governador, que receava ser subprendido, ou ficar mesmo atracado com as náos, que tinha sobre ferro, determinou embarcar-se, leval-las, e fazer-se ao mar.

Entendeo o Almirante Andrade, que esta manobra do Governador era huma usurpaçaõ do exercicio do seu posto, hum golpe, que descarregava no seu crédito, e lhe requereo, que se recolhesse á Fortaleza para a defender, como era obrigado; que a elle só lhe tocava ir investir aos inimigos no alto mar. Naõ cedeo o Governador; mas o prudente Almirante, preferindo a causa commua á sua razaõ particular, e por naõ fazer mais nublado hum tempo taõ critico, conveio em que embarcassem ambos; elle nas náos, de que o Albuquerque o fizera Almirante; o Governador nos navios destinados á defen-

fensa do porto de Malaca, com elles o junco de Tuaõ Mafamede; que Ninachetu costearia o longo da terra com as embarcações de remo, em que levava 1500 Malaios bem armados; e que a Fortaleza ficaria encarregada ao Alcaide Mór Ayres Pereira de Berredo. Era vulg.

Tentáraõ os inimigos a entrada no porto de Malaca. Para o impedir, com resoluçaõ que huns chamáraõ atrevida, outros temeraria, se poz na sua frente a nossa Esquadra, que parecia nada em comparaçaõ da dos contrarios. Naõ se podéraõ conter os espiritos intrépidos de Jorge Botelho, que montava hum navio muito veleiro, e de Pedro de Faria, que mandava huma galé, sem lhes mostrarem, que o seu valor naõ se rendia a apparencias antes de experimentarem os golpes. Elles rompêraõ por toda a Armada de Pateonaz; chegáraõ á falla com elle no bórdo da sua Almiranta, que servíraõ com duas bandas de artelharia; mas esta confiança naõ lhes servindo para mais, que darlhes a conhecer a necessidade de obrarem unidos contra huma monstruosida-

de

[Er]a vulg. de de adverſarios, elles voltáraõ a incorporar-ſe com os camaradas.

Naõ ſó a retirada deſtes dous Officiaes, ſenaõ os movimentos do inimigo, que trabalhava para rodear a noſſa fróta; o Governador por naõ perder a vantagem da fórma, foi obrigado a coſer-ſe com a terra: incidentes ambos, que lhe deixáraõ livre a entrada do porto. A noite ſe paſſou em eſcaramuças, como enſaios do valor para a repreſentaçaõ do dia. Os noſſos fizéraõ conſelho de guerra na galé de Pedro de Faria, aonde ſe reſolveo: Que o Governador devia ir para a Fortaleza, e defendella até eſperar ſoccorros da India, no caſo de nós perdermos a batalha naval: Que deſta ſe havia encarregar Fernaõ Peres como Almirante, e que ſe a ganhaſſe, de hum repelaõ ſe acabava a guerra. Executou-ſe o que o conſelho determinára; e nós vendo que os inimigos em toda a noite nada fizéraõ do que deviaõ indiſpenſavel ao ſeu muito poder, julgavamos mudança nos ſeus deſignios.

A noſſa idéa naõ foi errada; porque

quêsna mesma noite alguns Jaos residentes em Malaca foraõ a bórdo da Capitania, e persuadíraõ a Pateonuz, que para investir Malaca com probabilidades de a render, voltasse para o rio de Muar: que dalli negociasse huma alliança com o Rei de Bintaõ, que lhe podia fornecer abundancia de artelharia, e trópas numerosas para fazerem o sitio de Malaca; em quanto elle com a Armada atacava a dos Portuguezes, e impedia a entrada dos mantimentos na Praça: diversaõ, a que os mesmos Portuguezes naõ poderiaõ resistir por poucos, ainda que muito valentes. Pareceo bem o arbitrio a Pateonuz, que o abraçou; e ao romper do dia, quando se esperava vêr o terror derramado em Malaca, elle mandou levar as ancoras, soltar o pano, sahir do porto.

Era vulg.

O Almirante Andrade naõ podia crêr o mesmo, que estava vendo. Rodeado do seu assombro, já sem poder reprimir os impulsos do coraçaõ magnanimo, elle diz aos seus Officiaes: A elles, camaradas, que algum temor mandado do alto comprimio os espiritos des-

Era vulg. desse sem número de Barbaros. Soltem-se sem demóra as vélas, vamos a elles; que o Ceo nos he propicio, hoje será immortal a nossa glória. Distribuidas as ordens, de que ninguem abordasse, e sem cessar fosse a artelharia bem servida, a nossa Esquadra foi carregando a reta-guarda da inimiga. Pateonuz, sem se embaraçar com o nosso arrojo, mandou soltar todo o panno á sua náo, foi fahindo, e ordenando que todas o seguissem. Os seus Capitães, que naõ lhe penetravaõ a politica, naõ entendendo que movimento semelhante era fingido, o tiveraõ por huma fugida verdadeira. Os Portuguezes, que percebiaõ a consternaçaõ dos Barbaros, dobravaõ o fogo; lançavaõ-lhes panellas de polvora, que ateavaõ incendios horriveis. Para fugirem á sua voracidade muitos se arrojavaõ ao mar, que se via coberto de homens; mas os nossos nos batéis os perseguiaõ, fazendo huma carnagem espantosa.

A desordem, em que Pateonuz via a sua Armada, o obrigou a metter a sua náo no centro de quatro das maiores,

res, ligadas humas a outras, que representavaõ huma Fortaleza no meio do mar, e que as mais as rodeassem como muro, que os Portuguezes naõ poderiaõ romper. As cinco náos ligadas as encobreo de homens, que se viaõ apinhados de poppa a proa: movimentos militares cheios de erros enormes, que foraõ a causa da ruina dos inimigos. Das nossas náos naõ se disparava tiro sobre homens, e navios amontoados, que naõ matasse huns, que naõ mettesse outros a pique. Já rendidos muitos vasos, alguns no fundo, vários queimados, grande número de homens mórtos, quasi todos feridos, os nossos se foraõ chegando para abordarem os maiores. Martim Guedes, que havia destroçado muitos, abalroou huma grande náo, saltou dentro, degollou parte da gente, a outra lançou-se ao mar. O mesmo fez Joaõ Lopes de Alvim a hum junco alteroso, e a ambos estes vasos consummio o fogo. Os mais Capitães cumpríraõ os seus deveres com igual esforço, naõ apparecendo de Armada taõ formidavel em es-

Era vulg.

Era vulg. estado de combater, mais que ás cinco náos incorporadas.

O Almirante Andrade fazia toda a força por investir a Capitanea de Pateonuz; mas naõ podendo chegar-lhe por levar na sua reta-guarda a fórte náo de Temungaõ, atacou esta, botou-lhe os arpéos, ferrou-a por hum costado, e Francisco de Mello com o seu navio a tomou de proa; saltando ambos com a sua gente a sustentar huma vistosa peleija. Temungaõ estava nos termos de se render, a tempo que hum moço bisarro de vinte annos, seu sobrinho, e Commandante de outra náo, acodia a soccorrello. Elle entrou na nossa Almiranta; mas advertindo, que primeiro que rendella, estava ajudar a seu tio, ella lhe servio de ponte para entrar na náo de Temungaõ. Este auxilio, sobre renovar o combate, poria tropeços á victoria do Almirante, se Jorge Botelho, que notou o perigo, naõ ganhasse a náo do sobrinho de Temungaõ com mórte de toda a gente, e com o mesmo impulso generoso naõ fosse consummar o triunfo ao lado dos seus camaradas. Ni-

na-

ringhetu, e Tuam Mafamede, depois de encherem as obrigações de bons soldados, foraõ no alcance das reliquias destroçadas dos inimigos, que degolaraõ sem piedade.

Hum dia inteiro se naõ viraõ naquelles mares mais que espectaculos ingratos á humanidade; tudo fogo, sangue, morte, e pilhagem. Sobreveio a noite, e nella hum vento rijo, que espalhou as náos dos Barbaros, e as levou a differentes portos. Esta tempestade foi funesta sobre Pateonus, que com ella fogou a Ilha de Java em parte, aonde naõ podia ser atacado. De sessenta náos grossas, que elle trouxe á empreza de Malaca, huma só lhe escapou de ser tomada, ou mettida a pique. Das fustas, e embarcações ligeiras, muitas foraõ queimadas, botadas no fundo, e outras prisioneiras. Morrêraõ oito mil Barbaros em tantas náos destroçadas: dos Portuguezes, e Malaios seus alliados faltáraõ trinta, e ficáraõ muitos feridos. Esta victoria, que até entaõ naõ tinha exemplar na India, fez universal o espanto em todos aquelles Póvos; obri-

Dig. vulg. gou-os a olhar para Malaca com respeito profundo, e os seus moradores a renderem ao Almirante Fernaõ Peres de Andrade as ultimas honras de delicadeza, que saõ devidas aos Libertadores.

Com esta guerra acabou elle o anno, que promettêra a Affonso de Albuquerque de servir em Malaca. Encarregado o governo da Armada a Joaõ Lopes de Alvim, sem demora partio para a India, elle, e Vasco Fernandes Coutinho em huma náo, Lopo de Azevedo, e Antonio de Abreo cada qual na sua, todos ricos dos despojos de alta reputaçaõ, e gloria sublime.

Esta ausencia do Almirante Andrade hia sendo causa de se moverem em Malaca negocios funestos. Hum Sarraceno perfido, que se estabeleceo na Cidade, chamado Tuaõ Maxeliz, se aproveitou della para se fazer senhor da Fortaleza por traiçaõ, e entregalla a Alodin, Rei de Bintaõ, que era o Principe expulso de Malaca, com o qual elle tinha intelligencias secretas. Como o projecto naõ se podia conseguir viven-

vivendo o Feitor Pedro Pessoa, fiado em bons amigos, conspirou contra a sua vida, mandou chamallo com pretexto de negocios, e assassinou-o. O golpe, que descarregou o trahidor, naõ foi taõ mortal, que o Pessoa com toda a presença de espirito naõ fechasse o quarto para os outros perfidos naõ entrarem, e que naõ gritasse pedindo soccorro. Acodio a guarda, que estava perto; carregou os Mouros, e os Bintanezes, que estavaõ á porta, e fez em postas ao trahidor Maxeliz. Com estes poucos golpes foraõ dissipados todos os inimigos, e forçado o Rei de Bintaõ a pedir humilde a paz, que Malaca por alguns annos gozou feliz, e inviolavel.

Era vulg.

CAPITULO V.

Da expediçaõ de Affonso de Albuquerque a Adem, e mar da Arabia, com outros successos da India.

Era vulg.

NEM sempre a felicidade com constancia acompanha ao Varaõ fórte. Nós acabámos de vêr ao grande Affonso de Albuquerque conquistador glorioso de Goa, de Malaca, de Benastarim, em muitas expedições estrondosas o terror das Indias Ultérior, e Citerior, o assombro de toda a Asia. Para que esta reputaçaõ fosse recebendo novos incrementos, elle se dispunha na entrada deste anno para conquistar a Cidade de Adem, huma das mais bellas do Oriente, situada ao pé de huma montanha em huma lingua de terra, que se avança pelo mar dentro, e que fórma huma peninsula. Ella he recommendavel, naõ só pelo número, e formosura dos seus edificios, mas pelos seus gróssos muros, e altas torres, pelo seu avulta-

vado commercio, que frequentaõ os Mercadores da Persia, India, Ethiopia, e Arabia. Era vulg.

Como se este designio houvesse de ter grandes consequencias, o Albuquerque sahio de Goa a emprehendello no dia 17 de Fevereiro; deixando o governo da Cidade encarregado a Pedro Mascarenhas com a guarniçaõ de 400 Portuguezes, de 80 cavallos, e a gente da terra; Benastarim a Rodrigo Pereira, e o do mar a Joaõ Machado. Elle levava huma Armada de vinte vélas, em que embarcou toda a Nobreza da India com 1ϕ700 soldados Portuguezes, 1ϕ000 Canarins, e Malabares. O empenho desta conquista nasceo dos discursos do Albuquerque, entendendo elle, que sendo Portugal senhor de Adem, naõ só o era tambem dos mares da Arabia, mas das pórtas do seu golfo, por onde as Armadas do Soldaõ do Egypto já mais poderiaõ sahir a infestar a India: Que ella fazia evidentes duas grandes vantagens, huma a de que com poucas nãos se tapava a bocca daquelle Golfo; outra a de sobirem com faci-

[illegible] ellidada as nossas embarcações ligeiras ao porto de Suez para queimarem as náos dos Turcos, que se fabricavaõ nos seus estalleiros: Que com este dominio de Adem se podia firmar constante a idéa, de que o Imperio Portuguez na Asia seria, na ordem das cousas humanas, de huma duraçaõ longa.

A constancia destes pensamentos levou ao Albuquerque a Adem, aonde lançou ferro a Armada, e o esquecimento da disciplina das trópas raizes fundas para brotar nos moradores hum odio, que para o arrancar já mais houveraõ forças. O Governador Miramir mandou logo hum Emissario saber do Albuquerque o que pretendia na sua Cidade. Foi-lhe respondido: que em quanto a Adem, nada desejava tanto, como contrahir com a Cidade huma boa concordia, firmar alliança perpetua, reconhecendo ella por seu Rei a D. Manoel, que a faría muito mais feliz com a doçura do seu governo, e com o amparo das suas armas: que em quanto ao destino da Armada, ella navegava sem demóra a encontrar-se com a que

o

o Soldaõ havia preparado no mar de Arabia para fazer a guerra aos Portuguezes na India: guerra, que pelo seu crédito elle devia prevenir, naõ só amparando-se do golfo, mas indo forçar os inimigos no mesmo porto de Suez para mostrar ao Soldaõ, que os Portuguezes, naõ lhe tendo dado motivos para huma inimizade aberta, elles eraõ incapazes de soffrer atrevimentos.

Esta vindo

Miramir-Jam conveio na proposta do Albuquerque; assegurando-lhe, que Adem estava ás ordens do Rei de Portugal, e que os seus vassallos podiaõ entrar, e sahir da Cidade com a segurança de quem estava na casa propria. Como no porto havia trinta náos, que as suas tripulações desampararaõ, quando chegou a Armada; o Albuquerque, recebida a resposta, e o refresco de Miramir, mandou dizer á gente das náos, que podiaõ recolher-se aos seus bórdos debaixo da palavra de se naõ fazer violencia a elles, nem aos generos do seu negocio. Estes homens, longe de aceitarem a nossa condescendencia, publicáraõ calumniosamente, que os Portu-

Era vulg. tuguezes lhes promettiaõ observando da boa fé, depois de lhes terem pilhado os seus navios, obrigando-os a retirar á Cidade, antes que passassem adiante com as suas costumadas insolencias.

O Governador ouvindo estas queixas, sem mais exame mudou de sentimentos, e fez saber ao Albuquerque; Que na Cidade de Adem naõ tinha elle acçaõ para mandar recados a outra pessoa além da sua: Que elle acabava agora de conhecer a sua simulaçaõ, e pouca fé, que com apparencias de paz vinha derramar a porfidia: Que como naõ cuidava em mais expedientes, que fazer a guerra, e abusar da credulidade das Nações, chamava para fóra de Adem a tantos homens com a idéa de lhe deixar a Cidade enfraquecida. Ao mesmo tempo que o Albuquerque recebia este aviso, chegava á sua não nadando hum Ethiope Christaõ, que fugia de Adem, aonde estava captivo, e o instruio com a noticia, de que Miramir depois da sua chegada ajuntava gente de todas as partes, e fortificava

a Cidade para fazer huma defensa vigorosa, sem animo de cumprir nada do que na primeira negociaçaõ lhe promettêra.

Em vulg.

A resposta, que Affonso de Albuquerque deo ao recado referido, foi bater a Adem, postar gente em terra, com corage, e ardor investir os muros, tanto que a brécha se pôz em termos de montar o assalto. Os nossos se atropelavaõ na porfia de qual havia ser o primeiro, que sobisse pelas escadas, que infelizmente se rompêraõ depois de Garcia de Sousa, e outros bravos soldados estarem em cima dos muros. Elles sustentáraõ repelões horrendos, em quanto por huma parte o Alferes de Manoel de la Cerda, por outra Jorge da Silveira contendiaõ para os soccorrer. O Silveira, que com a espada na maõ sobira só o muro, dando golpes formidaveis, foi feito em pedaços por huma multidaõ, que o cercou. Miramir em todas as partes cumpria as obrigações do seu cargo; mas os Portuguezes furiosos, olhando para a mórte com desprezo, augmentavaõ o furor

Era vulg. ror á proporçaõ da resistencia. O Albuquerque, que via cahir muitos Portuguezes mórtos, e queria poupallos para a guerra do Soldaõ, mandou que se lhes deitassem córdas para descerem do muro, e retirallos do ataque.

Garcia de Sousa com generosidade infeliz, quando se lhe offereceo este soccorro, disse: Que era indignidade do seu nascimento, e das proezas, que tinha obrado, baixar dos muros por huma corda. Outros bravos foraõ do mesmo sentir; mas estando elles debaixo de nuvens de armas de arremeço, huma pedra perdida deo na cabeça de Garcia de Sousa, rompeo-lhe o casco, derrubou-o morto. Fim semelhante experimentáraõ os mais atrevidos: catastrofe, que obrigou os camaradas, huns a servir-se das cordas, outros a saltar as muralhas com a lástima de quebrarem as pernas. Tocou-se a retirada; nella se deo fogo ás trinta náos, que estavaõ no porto; embarcou a trópa; e porque marchar sobre a Armada do Soldaõ, e naõ perder a conjuntura de navegar aquelles mares, eraõ negocios mais

mais importantes; o Albuquerque levantou o sitio, e se fez ao mar. Elle olhou de longe para a Adem soberba, com vista melancolica sobre o primeiro padrasto da sua constante fortuna.

Em vulg.

Em poucos dias ferrou a Armada a Ilha de Camaraõ na bocca do golfo da Arabia, aonde mandou que saltasse D. Garcia de Norenha para observar a terra, que achou abundante de gados, de plantas, e de aguas. Os moradores prevenírão as calamidades imaginadas, passando para o continente: mas o Albuquerque, que levantava as vistas muito além de intimidar Póvos pouco aguerridos, fornecendo a Armada de aguas, e mantimentos, continuou a viagem para a Cidade de Juda. Distante della trinta legoas, huma tempestade furiosa o obrigou a arribar á mesma Ilha de Camaraõ para passar nella o Inverno na companhia dos moradores restituidos a suas casas, que tomando o gosto á doçura do trato com os Portuguezes, mudérão em complacencia o primeiro susto. Quiz o Albuquerque fundar aqui huma Fortaleza, que naõ teve

Exp. vulg. ve effeito por falta de materiaes; satisfazendo-se com levantar nella hum Padraõ com a imagem da Santa Cruz, que depois deo á Ilha nome novo.

Quando o mar se pôz navegavel, o Governador resolveo voltar para a India; sentido, de que em huma expediçaõ, que o metteo em alvoroço, elle ao menos naõ encontrasse meio para refarcir as despezas, que fizéra na Armada. Com este desejo quiz outra vez tentar fortuna sobre Adem, aonde esteve quinze dias despedindo, e recebendo ballas, olhando para a Praça com maior respeito; porque a via mais bem fortificada, do que antes. Com a estranheza de nada obrar memoravel, o Albuquerque chegou a Dio. Meliqueaz o mandou visitar a bórdo com refrescos da terra; mas os espiritos destes dous Chéfes estavaõ bem conformes na pouca sinceridade; o Albuquerque com vontade de se fazer senhor de Dio; Meliqueaz com desejos de arruinar o Albuquerque. Este sem mais demóra, que a de seis dias, navegou para Chaul: o outro o foi seguindo com 80 navios

de

de remo, e lhe mandou recado adiante, de que como naõ o visitára em Dio, o vinha fazer ao mar. O Albuquerque lhe protestou a alegria, com que o esperava; que podia chegar sem susto; naõ tendo elle empenho igual ao de lhe dar as próvas mais sensiveis da candura das suas intençoẽs.

Era vulg.

Com confiança nesta resposta Meliqueaz se adiantou da Fróta, e da sua fusta fallou ao Albuquerque, que o tratou com agrados excessivos, com tantas lisonjas do gosto, que lhe mandou a bórdo quatro Mouros de alta qualidade, que trazia captivos: presente de Meliqueaz taõ estimado, que sobre lhe imprimir a marca de huma gratidaõ delicada, o fez mudar o conceito improbo, que do Albuquerque lhe introduzíra a calúmnia. Chegou este a Chaul, aonde encontrou a Tristaõ de Gá, que voltava da sua Embaixada de Cambaya com permissaõ do Rei para elle fundar huma Fortaleza em Dio. Em fim, a Armada entrou em Goa com a preza de seis náos de Mouros; e porque duas pertenciaõ a

Ca-

Calecut, o Governador as restituio em observancia do Tratado precedente. A Fortaleza, que na fórma do mesmo Tratado, elle mandára fazer em Calecut antes de partir para Adem, ainda estava por principiar, assim por causa das intrigas do Rei, como pela emulaçaõ escandalosa dos Officiaes Portuguezes, que a alto tom sentenciavaõ o Albuquerque por hum arremeçado audacioso, que havia arruinar os nossos negocios na India pela jactancia, com que pretendia, que em cada lugar, aonde chegava com a Armada, se levantasse huma Fortaleza.

O máo successo de Adem fez agora a emulaçaõ, a invéja, a murmuraçaõ mais soltas. Com constancia de Heróe ouvia dizer o Albuquerque: Que huma Esquadra posta no mar á custa de hum thesouro, que consummíra, para nada prestára: que enchendo ella aos Portuguezes de expectacçaõ, ás Nações da Asia de terror, o fructo que se recolhêra, fora vêr Goa os animos sublimes, pagos da sua temeridade, entrarem pela barra dentro

com

com cára de modeſtos, e de pruden- tes: que bem ſe conhecia agora pela ſubtracçaõ dos auxilios ſuperiores, como as victorias paſſadas do Albuquerque eraõ huns esforços da clemencia Divina, ſem ter nellas parte o ſeu valor: em fim, que as flamulas, e galhardetes, que tremolava eſta Armada para indicar as ſuas memoraveis victorias, eraõ os lutos, que arraſtava pela mórte de tantos homens eminentes na guerra, que perdêra ſobre Adem.

Em vulg.

Surdo a eſtes éccos da calúmnia o grande Albuquerque, que naõ lhe dava eſtar mal com os homens por amor d'El-Rei, e depois El-Rei ſe poz mal com elle por cauſa dos homens: eſte Herόe magnanimo recebeo em Goa com as honras devidas a Fernaõ Peres de Andrade, que chegára de Malaca triunfante. Pouco depois veio á meſma Cidade Joaõ de Souſa de Lima, que neſte anno ſahíra de Lisboa com tres nâos, e os dous Capitães Henrique Nunes de Leaõ, e Franciſco Correa, que ſe perdeo nas Ilhas de S. Lazaro. Exacto no comprimento da ſua

pa-

Era vulg. palavra, respondeo á Embaixada do Rei de Narsinga, que requeria se lhe vendessem todos os cavallos, e nenhum ao Hidalcaõ: Que elle naõ podia contravir o ajuste das pazes, que celebrára com aquelle Principe depois da conquista de Benastarim.

Pouco depois succedeo a mórte do velho Çamorim, Rei de Calecut, que mudou a face dos nossos negocios. Ficou herdeiro da Monarquia seu sobrinho o Principe Naubeadarim, sempre officioso, e inclinado aos Portuguezes, que escolheo para Chéfe acçaõ do seu governo fazer com elles a paz mais vantajosa, que a do Tratado precedente. Os seus principaes Artigos continhaõ: Que logo sería edificada a Fortaleza na fórma, que se tinha ajustado com o Çamorim, seu Tio: Que elle pagaría toda a fazenda, que se tinha tomado, quando matáraõ em Calecut ao Feitor Ayres Correa: Que daría cada anno déz mil bahares de pimenta pelo preço de Cochim, que se lhe pagariaõ em mercadorias, e generos de Portugal: que El-Rei D. Manoel mandaria

cobrar no seu porto, como tributo, Era vulg. que elle se impunha, a metade do seguro de todo o genero de embarcações, que era hum avultado rendimento.

Deste modo conseguio o grande Albuquerque deitar hum jugo ao Rei poderoso de Calecut, que do tempo da nossa entrada na India atégora tinha sido o rival inexoravel da nossa glória, oppositor constante á fortuna das nossas armas. Esta paz metteo em grande movimento aos Reis de Cochim, e de Cananor, que com o restabelecimento dos negocios de Calecut, consideravaõ os seus arruinados. Ambos os Principes se queixáraõ ciosos ao Albuquerque da injustiça, que se faría a elles, e aos seus vassallos, se á nova alliança se seguisse a abertura geral do trafico com Calecut. Elle teve por muito attendiveis os officios justos dos dous Monarcas, e dispôz huma passagem pelos seus Reinos para os satisfazer, e deixar as ordens precisas, que desterrassem das suas, e das imaginações dos seus vassallos o temor da interrupçaõ do Commercio.

Era vulg. Para que o nosso Herôe naõ gozasse felicidade sem contrapezo; quando elle tinha attentas sobre o seu valor, e equidade as admirações, e os louvores das Nações mais circunspectas, nos seus Patricios invejosos encontrava as perfidias mais indignas. Para lhe abatter a reputaçaõ, o seu mesmo Secretario Gaspar Pereira, perfido, e trahidor, obrava de concerto com os inimigos do homem, semeadores da zizania, que queria affogar a seara plantada na India para utilidade de Portugal por humas mãos taõ limpas, como as de Affonso de Albuquerque. Com o pretexto, ou presumpçaõ de dar a El-Rei avisos uteis, Gaspar Pereira tomou a confiança de lhe escrever para representar: Que se Goa houvesse de se conservar, toda a India se viria a perder, sendo poucos os Portuguezes para defenderem a extensaõ do seu recinto: Que elles tinhaõ quasi abandonado o imperio do mar para se exporem a maiores perigos sem fructo entre quatro paredes. O tom das vozes de Pereira a cada instante mettido nos ouvidos do Rei por outras igualmen-

mente dissonantes, dividio os pareceres sobre a resolução, que se devia tomar. D. Manoel como prudente escolheo o meio de communicar estes avisos ao Albuquerque, para que elle em conselho com os seus officiaes deliberasse se Goa devia, ou naõ conservar-se.

Em vulg.

Quando no Conselho pleno foraõ lidas as cartas do Rei pelo mesmo Secretario infiel, elle naõ pode dissimular a complacencia, bem certo de que a mesma estimaçaõ, que o Governador fazia delle, e o crédito, que tinha adquirido entre os primeiros Officiaes, naõ consentiriaõ haver hum só voto, que se apartasse dos seus sentimentos. Tudo porém lhe succedeo pelo contrario, quando se acabou de lêr a Memoria injuriosa ao Albuquerque, que elle enviára a El-Rei, e El-Rei mandou ao Albuquerque. Examinada com o peso de circunspecçaõ, que ella merecia, naõ houve no Conselho pessoa, que naõ tivesse o desamparo de Goa por huma injúria enorme da Naçaõ Portugueza. Todos clamáraõ, que sugestões seme-

Era vulg. lhantes introduzidas na presença do Rei, eraõ dignas da reprehensaõ mais sevéra; e que diria o Mundo se visse, que sem attençaõ a tanto sangue illustre derramado, a tanta façanha heróica executada, a tantos dinheiros importantes despendidos na conquista, agora se dissesse, que abandonavamos em Goa à firmeza do nosso Imperio na Asia.

CAPITULO VI.

El-Rei D. Manoel manda ao Duque de Bragança D. Jayme com huma poderosa Armada conquistar a Cidade de Azamor em Africa.

EL REI D. Manoel, se com hum braço sustentava o pezo dos negocios da India, o outro naõ enfraquecia com o dos de Africa: Atlante verdadeiro destas duas partes do Mundo. Elle naõ tinha esquecido a perfidia de Mulei Zeyaõ, quando veio a Lisboa sobmetter Azamor á sua obediencia; quando celebrou com elle hum Tratado de alliança, de su-

sujeiçaõ, de tributo; quando foi causa delle mandar D. Joaõ de Menezes a Africa para recolher o fructo destas promessas, e elle pérfido, e perjurio o enganou: motivos, que desafiavaõ a indignaçaõ justa do Rei benigno para naõ deixar sem castigo huns crimes desta natureza com a conquista da mesma Cidade rebellada.

Era vulg.

Com este designio se preparou huma Armada de quatrocentas vélas de differentes grandezas, a mais fórte, e brilhante, que até entaõ se víra no porto de Lisboa. Embarcáraõ nella, além da gente do mar, 2ↀ700 cavallos, e mais de 20ↀ000 infantes. Nomeou El-Rei para General Supremo da expediçaõ a seu sobrinho D. Jayme, Duque de Bragança, Principe superior á empreza pela qualidade do sangue, pela sublimidade da prudencia, pela grandeza do Estado. Elle engrossou o Exercito com tres mil dos seus vassallos, que vestio de branco, e os cruzou, como destinados para huma guerra santa. Outros Fidalgos alistáraõ gente á sua custa, especialmente Joaõ Gonçalves da

Bivulg. da Camara, filho de Simaõ Gonçalves da Camara, Governador da Ilha da Madeira, que incorporou na Armada 30 navios, 200 cavallos, e 600 Infantes.

Embarcáraõ com o Duque Ruy Barreto, que hia nomeado Governador da Praça, que se havia conquistar, os primeiros Titulos do Reino, os grandes Fidalgos, a maior parte da Nobreza da Corte, e das Provincias. Para governar o Exercito nos impedimentos do mesmo Duque nomeou El-Rei por seu Tenente General ao grande D. Joaõ de Menezes, que levava todas as recommendações no seu nome. Em quatro mezes, e meio poz prompta toda esta máquina sobre o Tejo a actividade de D. Martinho de Castello-Branco, Conde de Villa-Nova, a quem El-Rei a encarregára. No dia determinado para a partida assistíraõ o Rei, e o Duque na Cathedral aos Officios Divinos celebrados pelo Arcebispo D. Martinho da Costa, que fez a ceremonia de benzer a Bandeira Real, que o Rei entregou ao Duque com a recommendaçaõ, de

de que em projecto taõ importante, e nos meios para o conseguir procurasse a glória de Deos, naõ esquecesse a administraçaõ da justiça, promovesse a boa ordem.

Era vulg.

No dia 17 de Agosto sahio a Armada de Lisboa, e com viagem feliz chegou a Faro no Algarve, aonde se deteve até 22 do mesmo mez para receber a bórdo a gente deste Reino. A 28 avistou a Cidade de Azamor; mas o vento contrario a impedio tomar a barra, e foi lançar ferro em Mazagaõ, duas legoas distante de Azamor, aonde o Duque deo ordem para o Exercito saltar em terra. A nobre Cidade, que agora era o objecto, em que se hiaõ empregar o valor, e a fortuna das armas del Rei D. Manoel, está situada ao Occidente do Estreito de Gibraltar na fertil Provincia de Ducala. O seu terreno he banhado pelas aguas do rio, que os Mouros chamaõ Omirabith, e alguns o estimáraõ pelo Asama. Na sua embocadura, naõ longe do mar, está plantada Azamor cercada de gróssos muros pela extensaõ, que occupaõ cinco mil

mo-

Era vulg. moradas de casas repartidas em quatro quartéis, cada qual delles encarregado a hum Intendente de Policia, que era obrigado a dar conta ao Principe da boa disciplina, com que entretinha o Povo.

O ar jucundo, mesmo magnifico, que respiravaõ os moradores, lhes adquirio o crédito de homens ricos: os da Cidade ociosos, delicados de meza, abandonados aos entretenimentos; mas os da sua campanha, homens fórtes, amigos da frugalidade, do exercicio das armas, da caça, de todo o genero de trabalho. Destes bravos, que ainda hoje se distinguem com os nomes de Mouros de Ducala, da Xerquia, de Garabia, e de Dabide, se formou a numerosa guarniçaõ de Azamor, que esperava resistir intrépida aos assaltos dos Portuguezes.

Tres dias se demorou o Duque em Mazagaõ, occupado em ordenar o Exercito para romper a marcha ao lugar do seu destino. Grande número de Barbaros vinha de noite tumultuariamente insultar o campo Portuguez para fazer pre-

preza na gente, que achasse desmandada. Estas patrulhas soccorridas por cinco mil cavallos, e sete mil Infantes, quizéraõ dar-nos hum golpe, que nos pozesse em estado de abandonar, ou de differir o sitio de Azamor; mas observando a fórma, a disciplina, a continencia do nosso campo, elles se contentáraõ com apparecer, e sumir-se; entráraõ em Azamor, e reforçáraõ a Praça.

Era vulg:

Mulei Zeyaõ, que se estimava senhor desta Cidade, encarregou a sua defensa a hum alentado Mouro chamado Cide Mançor. Elle ficou no campo com os seus alliados, que viéraõ a engrossar-lhe as trópas, que haviaõ soccorrer aos sitiados nas occasiões de aperto. O Duque naõ consentindo, que lhe fizesse especie a barbarie verdadeira, e o valor pretendido dos Mouros, depois de ordenar a Pedro Affonso de Aguiar, que postasse a Armada na frente de Azamor, elle fez marchar o Exercito no primeiro de Setembro para a investir por mar, e terra. Na marcha soube o Duque, como os Mouros tinhaõ preve-

ni-

Era vulg. nidas humas máquinas com materias inflammaveis, que ardiaõ na mesma agua, para queimarem os navios ligeiros, que mais se chegassem á praia; e ordenou a Pedro Affonso, e a Garcia de Mello, que o seu primeiro empenho fosse destroçar estas máquinas. Quando chegou o Duque, já os dous Fidalgos tinhaõ executado a ordem com desprezo inimitavel do fogo, das batarias, das torres, e dos muros.

Na frente do Exercito marchava como batedor do campo, e guarda avançada o Adail Francisco de Pedrosa com hum troço de cavallaria, que resistio com ferocidade ao vigor barbaro de inimigos muito superiores. Como de todas as partes parecia, que brotava a terra os seus Esquadrões formados, coroando os montes, e galopando pelos valles para atropellarem o bravo Pedrosa: D. Joaõ de Menezes com a cavallaria de hum dos lados correo em seu soccorro, conhecendo-se logo pelas imagens do combate, que andava nelle a espada de D. Joaõ de Menezes. Contra tanto valor vinha cahindo tal multi-

ti-

tidaõ de Barbaros, que o Conde de Borba os buscou por outro lado, e sendo já batalha a escaramuça, o Duque accodio em pessoa a consummar a victoria, que a noite naõ deixou ser completa. Entre os inimigos mórtos se achou o cadaver do valente Mouro Cide Azo, que havendo servido com inclinaçaõ, e experimentado a beneficencia del Rei D. Manoel, neste encontro pagou com a vida o crime da ingratidaõ.

Rès vulg.

Chegou o Exercito na mesma noite a Azamor, e na mesma ordem da marcha foi tomando campo ao longo do rio na frente da Armada. Ao romper a aurora mandou o Duque desembarcar a artelharia, as muniçoẽs, as máquinas de bater os muros para no mesmo dia se dar hum assalto brusco, ainda que naõ fosse espaçosa a brêcha. Ao tempo que nos occupavamos nestas disposiçoẽs, appareceo a tiro de canhaõ do nosso campo hum corpo numeroso de inimigos com ar, de que vinha a investir-nos. O Conde de Borba pedio licença ao Duque para lhes pagar a visita sem demóra; mas elle lhe respondeo:

Era vulg. deo: Que suspendesse a cortezia; pois que elle viéra de Portugal ganhar Azamor, naõ a pôr tropeços á conquista. Os Mouros, vendo que naõ se fazia caso delles, abandonáraõ o campo, e os designios para nos deixarem a victoria mais segura.

Escolheo o Duque as trópas do Algarve para o primeiro assalto contra as obras exteriores, que impediaõ chegar ao muro. Elle as encarregou ao commandamento de D. Luiz de Menezes, de Jorge Barreto, e a Joaõ da Silva com a gente de seu Tio D. Fernando Coutinho, Bispo do mesmo Reino. Os Algaravios vaidosos com esta preferencia em occasiaõ de tanta honra, redobráraõ a ferocidade natural dos seus espiritos, mais animados com as vozes, e os exemplos do grande D. Joaõ de Menezes, que os conduzia ao avance, como primeiro Chéfe. A escalada principiou taõ vigorosa, que os inimigos, levados de pasmo em posto, perdêraõ todas as obras exteriores; os Algaravios se arrimáraõ aos muros, que entráraõ a picar incançaveis, soffrendo intrépidos

dos

dos com constancia incrivel o diluvio de fogo, de pedras, de inventos de matar, que a arte da guerra ensinou para defender.

Era vulg.

Cide Mançor, longe de se assustar com o perigo, que o ameaçava, descobria a sua firmeza na corage impavida, com que animava a gente, entrincheirava, e guarnecia os póstos, aonde melhor poderia defender-se, sem faltar a algum dos deveres de Capitaõ advertido. Mas na mesma tarde do primeiro dia do sitio, quando a nossa artelharia laborava com o fogo mais bem servido; este Governador, girando a muralha para destribuir as ordens, sem se reservar a perigos, perdeo a cabeça ao golpe de huma balla de canhaõ, assomando-se por huma das ameias para observar as nossas batarias. A noticia naõ esperada desta mórte, a horribilidade do nosso fogo, os Algaravios picando o muro animosos, tudo causou na Cidade tal desordem, que nella só se ouviaõ os clamores tristes da plebe mettida em dessolaçaõ. O terror se fez geral, e a favor da noite a gente de tro-

pel

Em seg. pel abandonou a Cidade, taõ precipitada na fuga, que se soffocáraõ oitenta entalados nas pórtas.

Antes que amanhecesse, Jacob Adibe, hum dos Judeos expulsos de Portugal, veio humilde prostrar-se aos pés do Duque, dar-lhe a noticia da desesperaçaõ dos defensores de Azamor, e implorar para si, e para os individuos da sua Naçaõ a clemencia do Principe. Elle lha concedeo benigno; e ajoelhado em terra com o espirito, com os olhos, e com as maõs levantadas ao Ceo, exclamou: Grande Deus, adoravel Redemptor da geraçaõ de David, quantas graças vos devo dar, quando vejo em hum só dia reduzida ao gremio da vossa Igreja, entrada em hum Reino Christaõ a Cidade de Azamor, a grande, a rica, a formidavel Cidade, aonde daqui em diante será louvado o vosso Nome. Sem a perda de hum só homem, já tremolando nos muros as Insignias do Rei de Portugal, o Duque fez nella a sua entrada de triunfante. Sem demora mandou purificar a Mesquita, que consagrou ao Espirito Santo, aonde as-

sitio ao Sacrificio dos nossos Altares com a piedade catholica, que herdára dos seus maiores.

Em. vulg.

Depois se deo balanço á Cidade, e naõ se acháraõ nella as preciosidades de Azamor; porque os moradores antes do sitio as haviaõ transportado para lugares seguros. De artelharia, e armas, de munições de guerra, e bocca foi o despojo immenso; muito mais importante o susto, de que se occupou toda a Provincia, com especialidade as praças de Tite, e Almedina, que se despovoáraõ; buscando os moradores seguros á vida, no intrincado dos bosques, no horror das grutas. O Duque lhes ordenou se recolhessem a suas casas como vassallos del Rei D. Manoel, debaixo da segurança da sua palavra Real; havendo elle já tomado posse de Tite, e Nuno Fernandes de Atide de Almedina, de que nomeou Governador ao fiel Abentafut para o fazer esquecer a desconfiança, que concebêra da sua infidelidade imaginada. Daqui em diante as Cidades de Tite, e Almedina entráraõ a ser mais frequentadas, a favo-

res-

Em vulg. rescer o Commercio, a crescer com à riqueza o gosto dos moradores na sugeiçaõ de Portugal.

A noticia da felicidade das suas armas em Africa, mandada immediatamente pelo Duque a El-Rei D. Manoel o enchêraõ de huma alegria taõ viva, de huma complacencia taõ piedosa, que mandou ordens apertadas por todo o Reino, para que sem intervallos de demóra se dessem graças ao Todo Poderoso, que elle adorava por Author das maravilhas, que os Portuguezes em seu Nome obravaõ por todo o mundo. Como vantagem da Religiaõ fez o Monarca Fidelissimo saber a conquista de Azamor ao Papa Leaõ X.: noticia, que o Papa celebrou com dias de Festas solemnes, com huma Procissaõ edificante, com o Pontifical, que elle celebrou na Igreja de S. Pedro, com o Panegyrico eloquente, que mandou recitar no mesmo dia em honra do grande Rei de Portugal, que quando a maior parte dos da Europa se faziaõ guerra cruel por interesses puramente temporaes; elle só assignalava o seu zelo, mar-

marcava a ſua piedade em expedições gloriosas por todo o Mundo contra os inimigos de Deos, e da Igreja. Era vulg.

Com a reſtituiçaõ dos moradores de Azamor a ſuas caſas, elles entráraõ a commover a Cidade com Deputações repetidas encaminhadas ao Duque, em que lhe repreſentavaõ: Que elle naõ devia deixar paſſar occaſiaõ taõ favoravel para emprehender a conquiſta do Reino de Marrocos, que naõ tinha Praças fórtes para deterem a marcha do Exercito vencedor, nem trópas diſciplinadas para competirem com os Portuguezes taõ aguerridos: Que os Reis viſinhos naõ eſtavaõ confórmes, nem tinhaõ fundos de riqueza capazes de manter trópas por muito tempo, e que ſe elle quizeſſe deſpender algumas quantias de dinheiro em gratificações, veria ao ſeu lado os Mouros de maior conſideraçaõ, que tudo conſultavaõ com o ſeu intereſſe: Que naõ deixaſſe paſſar a conjuntura, em que o terror minava toda a Mauritania; em que elle eſtava rodeado de hum Exercito forte, e victorioſo; em que a Eſtaçaõ agrada-

 vel,

vel, a cópia dos fructos, a quantidade das forragens, a abundancia dos transportes, sobre tudo o valor dos seus soldados, e a consternaçaõ dos Mouros lhe estavaõ a clamar, que sem perda de tempo marchasse sobre Marrocos para dar ao seu Rei glória immortal, ao seu nome reputaçaõ sem fim, á Naçaõ Portugueza, e aos Mouros seus vassallos memoria eterna, esculpida nos bronzes immortaes.

Porque á gente de Azamor naõ pareceo bastante a efficacia das suas Deputações, ella conseguio do Padre Fr. Joaõ de Chaves, Religioso Franciscano depois Bispo de Viseo, que em hum Sermaõ prégado na presença do Duque tratasse ao largo esta materia, como elle fez com tanto ardor do seu espirito, que obrigou o Duque a prevenir a attençaõ de toda a Assembléa, e satisfazella com este discurso: Eu sei, que Portuguezes, e Mouros me arguem, porque naõ me ponho em campo para marchar sobre Marrocos: mas de que me devo eu deixar predominar, do rumor dos homens, ou das máximas da

ra-

razaõ? Nada ha no mundo mais antigo, que a fidelidade, e a obediencia: El-Rei mandou-me conquistar a Azamor, naõ me fallou em Marrocos: Se eu exceder as suas ordens em hum empenho de tantas consequencias, em que conta terá elle a minha obediencia; que dirá de minha fidelidade? Se nós gastassemos muitos mezes na conquista de Azamor, se perdessemos muitas vidas, e no fim a rendessemos, nós o teriamos por huma victoria gloriosa, só com esta empreza ficariamos contentes. Agora que em hum dia fizemos tudo, tudo desprezamos, e naõ pretendemos por despojo do triunfo nada menos, que levar hum Reino potentissimo sobre a marcha. Eu sim tenho valor para o emprehender; mas faltaõ-me as ordens para o executar.

Em vulg

A estas vozes do Duque emudeceo o Pregador, e os ouvintes; e elle, que já padecia huma molestia, que o impossibilitava para montar a cavallo, a 21 de Novembro embarcou em Mazagaõ sem mais escolta, que a de dous navios, e veio a Tavira, aonde soube

X ii que

ra vulg. que a Corte eſtava em Almeirim. Partio para ella ſem demóra a receber do Rei as honras, que merecia a peſſoa, e o ſerviço. A maior parte do Exercito voltou pouco depois para o Reino; ficando Rodrigo Barreto com o governo de Azamor, e D. Joaõ de Menezes com o commandamento de hum conſideravel corpo de trópas para ſuſtentar a campanha, e conſervar a fidelidade dos Mouros pelas comarcas, que nos ficavaõ ſugeitas. Eſtas authoridades repartidas naõ tardáraõ em ſer origem de diſcordias; qualquer dos dous Chéfes mais facil a deixar de vencer, que a conſentir na diviſaõ da glória dos triunfos: Emulaçaõ, que diz o noſſo Faria, he hum contagio univerſal, que algumas vezes ſe extinguio entre várias Nações, mas que entre a Portugueza nunca.

CA-

CAPITULO VII.

Continúaõ os successos de Africa no anno de 1514.

Era vulg. 1514

OS nossos Capitães de Africa, com a ausencia do Duque de Bragança, naõ pendurárað os morriões, e os arnezes para descançarem á sombra das victorias. Naõ obstante a competencia entre D. Joaõ de Menezes, e Rodrigo Barreto, elles, e Nuno Fernandes de Ataide desejavaõ amontoar triunfos para assumpto de maior consternaçaõ nos Barbaros, para incremento da nossa reputaçaõ em toda a terra. Com estes designios, sabendo que na Xerquia estavaõ descuidados os Mouros das Aldêas de Benacafiz, e de Fafut, déz legoas de Azamor, os primeiros dous Chéfes sahíraõ desta Praça com 1ↀ200 cavallos, e mil infantes, que postáraõ a tarde do dia seguinte nas faldas da Serra verde, que toma o nome da sua continuada primavéra. Nos primeiros cresfpusculos da Aurora foi atacada Benacafiz, aonde

Era vulg. de foraõ passados á espada os que se defendêraõ; captivos 180, que naõ se resistíraõ, e os que quizéraõ escaparse, se precipitáraõ no rio, que vem banhar a Azamor.

D. Bernardo Manoel, e Joaõ da Silva haviaõ ido sobre Tafut seguidos de Rodrigo Barreto; mas o incendio de Benecafiz avisou os seus moradores para se porem a salvo além do rio. Alguns, que estavaõ desta parte quando aquelles Fidalgos chegáraõ, foraõ prezos, e saqueada Tafut, que se achou bem provida de gados, e mantimentos. Juntas as trópas, que haviaõ dividido para estas expedições, escoltando a presa, entráraõ felizmente em Azamor os victoriosos Chéfes.

Por este tempo os dous irmãos Xerifes, que nós dissemos andavaõ feitos Alcaides do Rei de Féz, prégando contra os Portuguezes a gazua na tésta de huma trópa de cavallos: correndo ambos a terra, hum para a parte de Tangere, outro para a de Arzila, conseguíraõ a grande victoria de nos matar quatro homens, e captivar cinco. Esta

ac-

acçaõ memoravel foi estimada em Fêz mais por hum effeito da santidade dos seus authores, que por huma façanha da sua corage. Os dous fanaticos, que cuidavaõ mais em fazer-se Reis, que em ser validos, se lastimáraõ com o de Fêz das calamidades, que o de Marrocos padecia ás mãos dos impios Portuguezes: que elles desejavaõ acodir-lhe no seu aperto, e que para isso lhe pediaõ licença. Promptamente a concedeo o Rei de Féz, acompanhando-a de armas, de dinheiros, de permissaõ para os seguirem aos pais hypocritas dos filhos tontos, que elles haviaõ disciplinado nas suas cabalas diabolicas. Chegados a Marrocos estes gróssos troncos da arvore da geraçaõ dos Xerifes; elles foraõ recebidos com as altas honras, que se deviaõ a dous monstros de santidade, domadores façanhosos dos soberbos Portuguezes.

Era vulg

Esta retirada dos Xerifes naõ sei se precedeo, ou se foi posterior á sua perda de Tednest, aonde vivia o Xerife, pai dos Heróes, e das patranhas. Esta Cidade era huma das mais antigas da

Pro-

Era vulg. Provincia de Hea, situada em huma planicie fertil, e dilatada, recommendavel pela célebre Mesquita, que se estimava por hum Santuario, aonde muitos Sacerdotes se occupavaõ nos Cultos, e expiações do Mahometismo igualmente barbaras, e ridiculas. Nuno Fernandes de Ataide se resolveo a investilla na tésta de 400 cavallos, reforçado por Abentafut, que levava de cavallaria 2ↀ000 homens, e 600 infantes. O bravo Chéfe, que naõ queria repartir a glória desta acçaõ com D. Joaõ de Menezes, fez a ceremonia de o convidar para ella; mas pondo-se em marcha sem esperar a resposta. D. Joaõ, que acceitou o convite, e tinha de andar quarenta legoas até Tednest, mandou diante a D. Bernardo Manoel com 120 cavallos, que elle seguia com 600, e com mil infantes.

Os Xerifes informados da marcha do Ataide, lhe sahíraõ ao encontro com 4ↀ000 cavallos. Abentafut, que fazia a nossa vã-guarda, ainda que inferior em número de gente, os atacou com tanto vigor, que o Ataide fez alto para

ra vêr a promptidaõ, com que elle dobrando-lhes os Esquadrões os mettia em desordem. Pouco efficazes foraõ os rógos do Pai, e filhos santificados neste combate. Naõ lhes valeo Mafoma. Elles fugíraõ covardes, seguindo-lhes o alcance o Ataide, e Abentafut, que lhes degolláraõ 800 homens, fizéraõ 200 prisioneiros, rendêraõ Tedneft, e os tres Xerifes se refugiáraõ em Tazarote. Assegura-se, que nas campinas da Cidade rendida tomáraõ os Portuguezes duzentas mil cabeças de gado grosso, e miudo, fóra tres mil cavallos, e camellos. Ella foi a preza maior, que nós até aquelle tempo fizemos em Africa, nem depois se fez outra semelhante. O desgosto desta perda causou ao Xerife pai huma enfermidade, que lhe tirou a vida em Tazarote: mas elle morreo com a consolaçaõ de deixar nos filhos abominaveis outros semelhantes a si, fructos correspondentes de tal arvore.

Era vulg.

Despedio o Ataide a D. Joaõ de Menezes com a noticia da victoria hum expresso, que o encontrou em Almedina.

Era vulg. na. D. Bernardo, que vinha adiante, chegou a Tedneſt quando o Ataide eſtava ajuſtando a paz com os Mouros da Comarca ſobmettida. D. Joaõ ſeguindo a jornada veio a Chiquer reſoluto a dar ſobre Marrocos, que diſtava menos de 20 leguas. Como para expediçaõ de tanto empenho era neceſſario unir as forças; D. Joaõ, ſem embargo das competencias, pedio ao Ataide, que o acompanhaſſe. Elle ſe deſculpou com o pretexto frivolo do muito, que havia que fazer em Tedneſt, aonde era juſto que elle vieſſe para com o ſeu parecer ſe regularem tantos negocios de importancia. D. Joaõ, ainda que entendeo a intriga, e que eſtava doze leguas além de Tedneſt, elle as deſandou, fez-ſe deſentendido, obedeceo ao conſelho de Nuno Fernandes, como ſe foſſe huma ordem do ſeu Rei: Varaõ prudente, que ſabia ceder do dictame proprio, quando era neceſſario conformar-ſe com o alheio.

Nas primeiras conferencias todo o esforço de Nuno Fernandes de Ataide ſe empenhou em ponderar razões para di-

divertir a empreza de Marrocos, naõ tendo elle mais embaraço, que o da consideraçaõ, de que o mundo todo havia attribuir a D. Joaõ de Menezes a glória de tamanho feito. Depois de ponderações sérias, viéraõ a concluir, que Nuno Fernandes com a sua gente, seu genro D. Affonso de Noronha com os 800 cavallos de Mouros de Almedina, com que acabava de chegar a Tednest, e Abentafut com as suas trópas se ajuntassem para assaltarem hum Lugar tres legoas distante daquella Cidade plantado na eminencia da serra. Facilmente se executou este projecto; porque os inimigos avisados da marcha, pozéraõ em cobro as pessoas, e as riquezas. Á vista da generalidade do terror das nossas armas, D. Joaõ renovou a prática da marcha sobre Marrocos; mas elle encontrou no Ataide huma montanha de ciumes, que razões divinas, e humanas naõ podéraõ abalar. Cedeo á teima de hum homem a glória da Religiaõ, e da Patria.

Em vulg.

Apartou-se o grande D. Joaõ de Menezes desgostado justamente. Os Portugue-

gue-

Era vulg. guezes, e os Mouros nossos alliados se enchêraõ de escandalo, que levantavaõ altas as vozes para se queixar, de que huma competencia indiscretá houvesse de arruinar o maior negocio de Portugal em Africa. Mas como a fortuna naõ deixa de olhar com respeito ao Varaõ fórte; se ella negou a D. Joaõ o crédito, que lhe adquiriria a jornada de Marrocos, concedeo-lhe outras nos ultimos passos da carreira da vida para acabar com a reputaçaõ constante de hum Heróe. Na sua retirada de Tednest foi elle informado, como os Reis Mafamede de Féz, e Molei de Mequinéz marchavaõ sobre Azamor com Exercito poderoso. Presumio elle, que na distancia, em que estava da Praça, lhe sería inevitavel este encontro no caminho, especialmente depois que recebeo os expressos, que de Azamor lhe mandára Rodrigo Barreto.

Mandou D. Joaõ avisos repetidos a Nuno Fernandes de Ataide, do que se passava. Pedia-lhe por Deos, e por El-Rei, que sem perda de tempo lhe mandasse a D. Bernardo Manoel com a sua

gen-

gente, munições, e mantimentos, para sustentar a marcha, e o combate, que esperava. A resposta que o Ataide deo a estes recados foi retirar-se para Çafim; mas se a D. Joaõ lhe faltáraõ estes soccorros, os do estrondo do seu nome foraõ bastantes para lhe abrirem o passo até Azamor, aonde chegou sem encontrar na marcha longa o menor embaraço.

Era vulg.

Aqui foi elle informado com exacçaõ da mudança dos intentos dos Reis inimigos; mas que os Alcaides de Latar, e Lutete mandados pelo de Féz com muitas trópas, tinhaõ vindo firmar na sua obediencia a Provincia de Ducala, e esperar o de Mequinéz, que estava em Nafe, para que conformes, e unidos marchassem sobre Azamor. Impedir esta uniaõ era advertencia de hum General do caracter de D. Joaõ de Menezes; e o meio de o conseguir naõ podia ser outro, senaõ bater, derrotar os dous Alcaides antes da chegada do Mequinéz. Sabendo que elles estavaõ na fórte Villa de Balba, e que as forças de Azamor eraõ poucas para se

ar-

Era vulg. arroſtarem contra tantos inimigos: cortando por todas as paixões humanas, D. Joaõ faz ſaber a Nuno Fernandes de Ataide a ſituaçaõ critica dos negocios de Portugal, ſe em occaſiaõ ſemelhante elle deixa de marchar com as forças de Çafim para as unir ás de Azamor: crime, que para Deos ſería enorme, na face do Rei inexpiavel.

Cedeo o Ataide neſta conjuntura da ſua teima; e ajuſtado que no campo de Sea, diſtante déz ou doze legoas de Balba, ſe ajuntaríaõ as trópas, a 12 de Abril marcháraõ para elle os dous Chéfes: D. Joaõ de Menezes com 800 cavallos, e mil infantes: Nuno Fernandes de Ataide, e Abentafut com 10500 cavallos a maior parte Mouros alliados. Conferíraõ os tres Officiaes o modo, por que haviaõ formar o ſeu pequeno Exercito para atacar aos inimigos, e determináraõ, que a artelharia marchaſſe na vã-guarda: que a cavallaria ſe dividiſſe em cinco Eſquadrões, o primeiro mandado por D. Joaõ de Menezes; o ſegundo ás ordens de Rodrigo Barreto, e de Joaõ Gonçalves da Camara;

o terceiro coberto por Joaõ da Silva, Era vulg.
e por Alvaro de Carvalho; o quarto por Nuno Fernandes de Ataide, e por seu genro D. Affonso de Noronha; o quinto por Abentafut; e que a infantaria no centro sería governada em dous batalhões pelos Mestres de Campo Pedro de Moraes, e Joaõ Rodrigues.

Nesta fórma lhes rompeo o dia á vista dos inimigos, que estavaõ postados na planicie á raiz de hum monte, e lhes cobria a reta-guarda hum rio, que separava o monte da planicie, para impedirem aos Portuguezes o ganharem a eminencia, que dominava a campanha. Observou-se, que o Exercito dos inimigos constava de 40000 cavallos, e a infantaria formada em quatro córpos era tanta, que cobria a campina. D. Joaõ, que com palavras taõ heróicas, como o seu espirito, acabára de animar os camaradas para huma batalha taõ desigual, fez soar a carga, marchou a intrepidez ao avance. Elle carregou as primeiras fileiras dos contrarios com tanto de vigor, e impetuosidade, que as deitou por terra; o mesmo succedeo

á

Era vulg. á cavallaria, que perdeo todo o campo até ao rio. Nuno Fernandes, que corria a investir outro Esquadraõ de cavallos, furtando este o corpo para acudir aos seus camaradas; que D. Joaõ levava atropelados, fez maõ baixa na infantaria, que foi degolando sem piedade até a margem do mesmo rio.

Os mais Officiaes nos seus póstos obravaõ com valor taõ conforme, que os Mouros naõ podendo sustentar-se, em fugida precipitada queriaõ salvar-se na montanha. A infantaria póde facilmente passar o rio, e subir ao monte; mas a cavallaria, que para chegar a elle, e o vadear, tinha de descer hum grande despenhadeiro quasi perpendicular com a sua margem, naõ o podendo conseguir com a agilidade necessaria, a maior parte foi talhada em póstas. D. Joaõ de Menezes apenas chegou á mesma margem, como prudente, e sabio Capitaõ, mandou fazer alto ás suas trópas. Para os mais Portuguezes dos outros Esquadrões naõ houveraõ difficuldades, que lhes impedissem

sem

sem a passar o rio para perseguir os Barbaros. O advertido General destacou a toda a pressa seu sobrinho D. Garcia de Menezes com ordem de fazer retroceder aos bravos incautamente generosos. Todos obedeciaõ, até que chegou a palavra a Ayres Teles, Fidalgo moço de grande valor, que arrastado dos impulsos do coraçaõ magnanimo, disse a D. Garcia: Ah Senhor, naõ he tempo de retirar: camaradas, estes Barbaros levaõ-se ás cutiladas até os metter em Féz. Todos os que voltavaõ obedecem a esta voz. D. Garcia responde a ella: Pois como vós quereis, levemo-los ainda além de Féz: e foi seguindo a Ayres Teles.

Era vulg.

D. Joaõ de Menezes, que premeditava o que tinha de succeder, passou o rio, e se pôz em fórma de receber aos que esperava, que tinhaõ de vir fugindo. Nuno Fernandes ficou formado desta parte do mesmo rio para impedir, que os Mouros o rechaçassem. Abentafut estava ocioso; porque as suas gentes engolfadas na pilhagem do campo, o deixáraõ só. Os Barbaros, que co-

Era vulg. roavaõ a mourançanha, vendo que hum punhado de homens os perseguia, fizéraõ volta face, e com impeto rude os obrigáraõ a pagar com as vidas a pena da temeridade. Cincoenta cavalleiros impavidos nos fez perder a inconsideraçaõ de dous Moços taõ atrevidos como Ayres Teles, e D. Garcia de Menezes, que ambos ficáraõ mórtos no campo, e com elles D. Rodrigo de Menezes, D. Francisco Deça, Fernaõ Coutinho, Diogo de Sousa, Antonio de Sampayo, Martim Calado, Jorge Barbudo, Ayres Brandaõ, Joaõ Gonçalves de Lemos, Pedro Homem de Figueiredo, e outros até cincoenta. Em toda a acçaõ tivemos cem feridos, entre elles Joaõ Gonçalves da Camara de huma fetta no braço esquerdo, que naõ quiz tirar em quanto durou a batalha. Dos Mouros morrêraõ 2@500, hum dos Alcaides, sete Xequos; a infantaria perdeo 650 homens mórtos, 300 captivos, e passáraõ de quatro mil os seus feridos. Concluida huma victoria taõ illustre, que nada nos custaria, se a temeridade juvenil naõ a ensanguentára,

os

os Chéfes se recolhêraõ ás suas Praças respectivas.

CAPITULO VIII.

Do sitio, que os Reis de Féz, e de Mequinéz pozeraõ a Azamor, com os mais succeslos de Africa no anno de 1514.

OS Reis alliados de Féz, e Mequinéz, ainda naõ sabedores da derrota dos seus Alcaides, com Exercitos poderosos estavaõ em marcha para virem sobre Azamor, como entre si tinhaõ ajustado. Só as trópas de Mequinéz eraõ taõ numerosas, que o seu Rei gastou sete dias em passar o rio de Azamor. D. Joaõ de Menezes deo logo parte á Corte da tempestade, que esperava a Praça, e da necessidade, que ella tinha de soccorro, que lhe foi mandado fórte, e effectivo. O Rei de Féz chegou com o seu Exercito ao mesmo tempo, e se descobrio dos muros da Praça a multidaõ, que cobria a sua campanha. Quando ella fazia os primeiros movi-

Y ii men-

Era vulg. mentos para principiar o sitio, os seus Reis foraõ informados da derrota dos Alcaides em Balba; da mortandade, e ruina das suas tropas: noticia, que os confunde; que os faz occupar de hum terror panico, que talvez quizessem disfarçar com persuadir, que era propriedade do sabio mudar de conselho.

Sem desparar hum canhaõ se retiraõ de Azamor dous Exercitos formidaveis, que tinhaõ dous Reis nas suas téstas. Com as prerogativas dos Heróes famosos, só bastava a D. Joaõ de Menezes a reputaçaõ do seu nome para vencer. Para de hum golpe naõ romper a sua, o Rei de Mequinez córou a covardia sobre Azamor com huma imagem de desembaraço em Almedina, que achou sem defensa, porque a gente se retirou a tempo para Çafim. Em tres homens, que ficáraõ, manifestou mais a fraqueza, mandando degollallos. Mas o que naõ pode fazer o valor, executou a crueldade. Em todos os contornos de Almedina se derramou o furor do barbaro Rei para devastar tudo o que naõ resistia. Abentafut o defe-

dejava fazer; mas faltando-lhe as forças para arrestar tanta multidaõ, elle pede soccorros a Çafim. Nuno Fernandes, que duvidava se ella lhe sitiaría a Praça, só lhe mandou vinte cavallos ás ordens de D. Rodrigo de Noronha.

Era vulg

Naõ quiz Abentafut, depois da glória de tantos triunfos, expôr-se a ser huma irrisaõ da fortuna, e se recolheo a Çafim com a sua familia, abandonando a sua Villa de Cernu, de que El-Rei D. Manoel lhe fizéra mercê. Antes que elle o executasse, talou os campos, encheo os poços de cadaveres de animaes, e os mandou tupir todos por espaço de tres legoas para os inimigos naõ acharem agua, de que servir-se. Acabadas estas manobras, quando se recolhia para Çafim, naõ pode escusar-se a hum combate com o Rei de Féz, que vinha desesperado de achar os poços tupidos com damno irreparavel das trópas. Abentafut com corage extrema em retirada airosa foi sempre sustentando a carga, em que perdeo alguns soldados: perda, que seria pouco sensivel á vista da sua gentileza, se nella naõ

en-

entrára e do valeroso Benamira, XeV que principal de Garabia. Nuno Fernandes o recebeo com agrado extraordinario, e junto ao muro lhe assignelou campo, aonde aquartelasse esta gente, alliada fiel, merecedora das nossas attenções.

Retirou-se o Rei com huma lança de vencedor para a Villa de Cerau, aonde havia abrir novos poços, ou vêr perecer de sede o seu Exercito. Abentafut o livrou deste incommodo; porque sabendo delle, sahio huma noite de Çafim com os seus, e parte das nossas trópas para lhe dar hum rebate; mas o Rei avisado da marcha, com Exercito semelhante abandonou o campo, e foi entrincheirar-se em Tudela. Observáraõ os Mouros da Xerquia movimentos taõ indignos no Rei, que os fizéra ser perjuros á fé promettida a El-Rei de Portugal com a promessa de que elle conquistaria Çafim, ou Azamor. Elles estavaõ vendo a palavra naõ cumprida, o Exercito de Mequinéz naõ só huma zombaria dos Portuguezes, mas o entretenimento de huma

Mou-

Mouro, qual era Abentáfut. Todas estas idéas os faziaõ conceber odio entranhavel ao Rei de Mequinéz; e dessojos vehementes de obrarem huma façanha merecedora de os restituir á graça do de Portugal. Elles se conjuraõ; e resolvem ir atacar o Exercito infeliz, que acampava em Tazarote.

Era vulg.

Ao conselho se seguio execuçaõ taõ prompta, que investindo ao Rei no seu campo, os de Xerquia lhe degolláraõ grande número de gente, pozéraõ-no em fugida, prendêraõ 80 cavallos, e mil infantes, fizéraõ huma preza consideravel, e obrigáraõ o Rei afflicto a ir parecer em Mequinéz no estado de miseravel. Pouco plausiveis se nos fizéraõ estas vantagens, se nós as houvermos de confrontar com a perda, que se nos seguio na morte do grande D. Joaõ de Menezes, que valia por muitas victorias. Elle acabava de receber cartas del Rei, que o enchia de louvores sublimes, e promettia premios eminentes. Com a carne enferma, o espirito prompto, que já queria soltar-se do ergastulo do corpo, nem premios, nem louvo-

Era vulg. vores o tocavaõ; unicamente sentia vêr a
graça, que o illuminava para sentir,
que em morrer bem consiste a gloria
do homem. Com morte preciosa nos
olhos de Deos acabou D. João de Me-
nezes a vida em Azamor, para que Afri-
ca, que lhe levára o melhor da idade,
o visse completar o fim dos dias.

Foi D. João de Menezes hum He-
róe, que soube unir as virtudes milita-
res, e a authoridade de Chefe com a
candura do animo, moderação, e in-
genuidade, que fazem amaveis aos gran-
des homens. O ar civil na Corte total-
mente dissipava nelle as nuvens da fe-
rocidade de guerreiro. Na continencia
foi taõ exacto, entre o ruido das ar-
mas taõ composto, que nem acções,
nem palavras se lhe notáraõ, que of-
fendessem a castidade. Elle era o pai dos
soldados, o amparo dos Cidadãos, e
terror dos inimigos: nenhum mostrou
na sua morte, que o era; lagrimas
continuas o choráraõ. Discorria com
delicadeza, fallava com eloquencia, e
crêo nos agouros dos Fidalgos do seu
apellido; alguma cousa se deixava to-

mar

mar de cólera; mas estes vicios da humanidade ficavaõ abafados debaixo do heroísmo das virtudes: Succedeo-lhe no emprego D. Pedro de Sousa, que depois foi Conde do Prado, e assumpto benemerito da Historia.

Estes foraõ os successos memoraveis do anno de 1514, respectivos aos defensores bizarros de Çafim, e Azamor: mas os das outras Praças já convidaõ as nossas attenções, especialmente os de Ceuta, que neste tempo era governada por D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, filho primogenito do Marquez de Villa-Real. Este Fidalgo em varias expedições tinha illuminado bem os retratos magnificos dos seus Progenitores, que na mesma Aula se haviaõ graduado em acções grandes de heroicidade. Chegando em huma dellas a bater ás portas de Tetuaõ, donde se recolheo com captivos, e despojos, causou tal terror nos Barbaros daquelles contornos, que huns fugíraõ para Féz, outros buscáraõ a nossa protecçaõ, estabelecendo-se em Ceuta.

O Rei de Féz, póde ser que com

Era vulg.

Era vulg. os intentos de despicar esta injúria, encarregou a seus dous irmãos de virem invadir Ceuta com hum Exercito de déz mil cavallos, e numerosa infantaria para obrar de concerto com outro corpo consideravel, que tinha embarcado para fazer outro ataque pela parte do mar. Os Principes de Fêz fizérão duas emboscadas, e mandárão hum piquete de quinze homens para se deixar vêr da Praça. O Conde sahio della com 130 cavallos, e destacou outros quinze, que forão levando o piquete até a primeira emboscada, donde sahírão tantos, que o Conde teve de se recolher á estacada. Nella entrárão de tropel 200 dos inimigos; mas o Conde os atacou com tanto vigor, que fez 200 em póstas sem elle perder mais de hum homem.

A esta refrega acodírão os dous Principes com o resto da cavallaria, bem advertidos, de que sendo indispensavel ao Conde recolher-se á Praça, elles a todo o galope entrariaõ tambem de envolta. Ao mesmo tempo a gente da Esquadra saltava em terra para lhe di-

ver-

vertir as forças em outro avance. O Conde, que penetrou o designio, se houve com tanto acordo, que recolheo o destacamento na Praça, fez fechar as pórtas, ordenando as estancias para repelir em toda a parte a violencia. Os Barbaros a suspendêraõ á vista da nossa coragem, e do estrago da maior parte da sua Nobreza morta no campo; e a Esquadra, que veio para levar os nossos captivos, servio para elles transportarem os seus mórtos.

Em [illegible]

Tanta repetiçaõ de infelicidades se fez sensivel aos Mouros, que vinhaõ em bandos ás nossas Praças offerecerse tributarios de Portugal, promptos a tomar as armas no seu serviço. Entre todos os da Xerquia se determinâraõ a renovar a alliança, que quizéraõ ajustar com o mesmo Rei em pessoa. Para isso mandáraõ a Lisboa os tres Xeques Mahamet, Bencelme, e Nazer, que pedíraõ a ElRei admittisse a obediencia, e acceitasse a vassallagem de toda a Xerquia, nomeando para Commandante das suas trópas a Abderaman, que era fiel, valeroso, e tinha sido criado

do

Era vulg. do de Abentafut. D. Manoel ouvio at-tento, fez mercês liberal, e despachou prompto aos tres Emissarios, como elles requeriaõ. Mas para o fazer de modo, que naõ escandalisasse a Abentafut, como Chéfe, que era dos Mouros de Dabida, de Garabia, e da Xerquia, lhe escreveo com agrados excessivos: Expondo-lhe o requerimento dos ultimos, a attençaõ, que com elle tinhaõ, pedindo para Capitaõ a hum seu criado; que elle desejava differir-lhes, e entendia que sem o aggravar o fazia, pela lembrança, de que elle assaz tinha em que occupar-se com o governo de Garabia, e de Dabida. Estas saõ as benevolencias dos Principes, que sem mais desperdicio que o de palavras volantes, adquirem affectos, fidelidades permanentes.

Abentafut teve por taõ grande honra o modo, com que El-Rei o tratava, que longe de se resentir pela desmembraçaõ do seu governo, elle deo as evidencias da maior alegria; fosse pela benignidade do Rei, que o determinára; fosse pela satisfaçaõ, de que

a

a hum seu criado o achassem beneme- Era vulg.
rito para emprego de tanta importan-
cia; ou fosse por lhe constar que El-
Rei D. Manoel mandára ordens as mais
precisas a Nuno Fernandes de Atai-
de, e a D. Pedro de Sousa, para el-
les promoverem quanto fossem vanta-
gens da pessoa, e dos Estados de seu
fiel vassallo Abentafut.

He verdade que a sujeiçaõ volun-
taria da Xerquia, a sua harmonia re-
cem-confórme, tudo se hia perturban-
do; porque Nuno Fernandes de Atai-
de quiz obrigar os Mouros a levarem
a Azamor o trigo dos tributos. A pru-
dencia do Almocadem Diogo Lopes,
que com dezasete homens fora manda-
do a esta diligencia, no principio da
commoçaõ dos Mouros atalhou a re-
volta, dizendo-lhes que elle naõ vie-
ra a Tazarote por negocios de taõ pou-
ca entidade, como era o do transpor-
te dos trigos; senaõ para provar o seu
valor em huma acçaõ grande, que
elle meditára, e lhes seria honrosa.
Promptamente se lhe offerecêraõ 423
de cavallo, que com 17 Portuguezes

fo-

Em vulg. foraõ dar em vários Aduares, huma legoa de Marrocos, aonde apprehendêraõ déz mil ovelhas, e 340 camellos. Alguns destes Mouros, em quanto Diogo Lopes recolhîa os despojos, para darem huma próva sublime da sua fidelidade, foraõ bater com os recontros das lanças nas pórtas de Marrocos, clamando: Viva El-Rei D. Manoel, nósso Senhor. O de Marrocos sahio com alguns cavallos a reprimir esta insolencia; mas elles se retiráraõ ao corpo dos seus camaradas, e entráraõ na Xerquia gloriósos com captivos, e despojos.

Esta acçaõ façanhosa, que encheo de admiraçaõ todas aquellas Comarcas, estimulou a Abentafut, que convidou a Lopo Barriga para fazerem a Marrocos outra visita. Ambos marcháraõ, o Barriga com cem cavallos, Abentafut com a sua gente. No caminho soubéraõ, que no lugar de Aleborge estáva hum corpo de trópas muito superior com intentos de fazer alguma subpreza. Elles se resolvem a atacallo, e avisaõ a Nuno Fernandes queira vir

ser

ser, participante da honra daquelle feito; mas como entaõ naõ pode, mandou a seu genro D. Affonso de Noronha com 200 cavallos. Este combate foi taõ singular, que nós em desconto de tres Portuguezes, e de poucos soldados de Abentafut, deixámos o campo juncado de mórtos, e nos recolhêmos com 500 captivos.

Os Portuguezes em Africa já venciaõ menos com o valor, que com o nome. D. Joaõ Coutinho, depois Conde do Redondo, filho do famoso Conde de Borba, que servia ás ordens de seu Pai em Arzila, sahio com 140 cavallos a correr a Serra do Farrobo. Encontrou-se com 800, que mandavaõ dous Alcaides, e hum filho de Barraxe: foi-se a elles, passou 200 á espada, captivou 41, poz os mais em fugida. Os memoraveis Xerifes, depois de fazerem as ultimas honras ao cadaver de seu Pai, tornáraõ ao exercicio santo de perseguir os Portuguezes por honra do seu Mafoma, crédito, e honra da coragem propria; mas encontrando a Lopo Barriga com cem caval-

Era vulg.

Em vulg. vallos, elles deixáraõ no campo outros tantos, e se retiráraõ fugindo para arbitrarem novas idéas, que forjadas no ardor do zelo apparente, servissem para avançar os designios da sua ambiçaõ sem medida.

FIM.